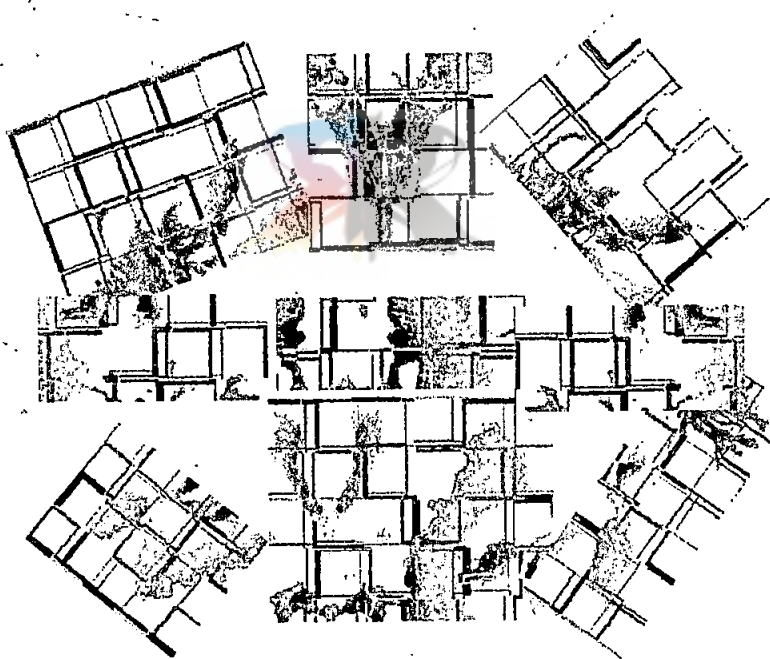


# BOLETIM DA SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO



Órgão Oficial da Sociedade Roschach de São Paulo

Vol. VIII nº1 - Publicação Anual

Jan. — Dez. / 1991 / Jan. — Dez. / 1995

# BOLETIM DA SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO



Órgão Oficial da Sociedade Roschach de São Paulo  
Vol. VIII nº1 - Publicação Anual      Jan. — Dez. / 1991 / Jan. — Dez / 1995

## **EXPEDIENTE**

### **RESPONSÁVEL**

MARIA HELENA C. de FIGUEREDO STEINER  
Hilda Clotilde PENTEADO MORANA

### **CONSELHO EDITORIAL**

FERNANDO COUTO MARTINS  
LÚCIA MARIA ROSA CRUZ COSTA  
ROBERTO FAZZANI NETO  
Ruy BENEDICTO MENDES FILHO

### **FONTES DE REFERÊNCIAS E INDEXAÇÃO**

**LILACS - LITERATURA LATINO AMERICANA EM  
CIÊNCIAS DA SAÚDE**

**ORGÃO OFICIAL SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO  
RUA ITAPEVA, Nº490 - 7º ANDAR - CJ.74 - FONE:289-2067  
SÃO PAULO - 01332-000**

### **PRODUÇÃO GRÁFICA:**



R Herculano de Freitas, 181  
01308-020 São Paulo - SP  
Tel 255-1002 / Fax 255-9822

## REDAÇÃO DO TRABALHO

O BOLETIM da Sociedade Rorschach de São Paulo aceitará para publicações artigos em português, artigos redigidos em inglês, francês e espanhol. Nesse caso, o BOLETIM se reserva o direito de, com a anuência do autor, optar pela publicação de tradução do seu trabalho.

Os manuscritos originais deverão ser encaminhados em quatro vias, datilografadas em espaço duplo, não excedendo 80 caracteres por linha e vinte laudas, de acordo com as normas da APA. A versão reformulada deverá ser encaminhada em três vias no formato de cópia impressa e uma via no formato de disquete, em processador de texto Word 5 para DOS, ou Winword 2.0 ou 6.0.

Abaixo do título do trabalho deve aparecer o nome do autor(ou autores) com indicações da instituição acadêmica ou profissional a que eventualmente pertença(m).

As notas de rodapé deverão ser numeradas consecutivamente, empregando-se números arábicos que se destaquem acima da linha. Tais notas devem ser usadas com muita parcimônia e apenas quando realmente necessárias.

Referências, em ordem alfabética, pelo último nome do autor.

Anexos, quando contiverem informação original importante, ou detalhamento indispensável para a compreensão de alguma seção do trabalho.

Figuras e tabelas com as respectivas legendas. As Figuras e Tabelas não poderão exceder, 11,5 x 17,5 cm. Se preparadas com auxílio de computador, deverão ser encaminhadas em arquivos separados. Figuras contendo desenhos deverão ser encaminhadas em qualidade para fotografia.

**CORPO DOCENTE E MEMBROS DA DIRETORIA DA  
SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO**

**PRESIDENTE**

Hilda Clotilde Penteado Morana  
Médica Psiquiatra e Mestre em Psicologia

**VICE-PRESIDENTE**

Ruy Benedito Mendes Filho  
Médico Psiquiatra e Mestre em Psicologia

**PRIMEIRO SECRETÁRIO**

Ciselle Petri  
Psicóloga

**SEGUNDO SECRETÁRIO**

Fernando Couto Martins  
Psicólogo

**TESOUREIRA**

Norma Martino Maqolbo  
Médica Psiquiatra

**COMISSÃO CIENTÍFICA**

Prof<sup>a</sup> Lúcia Maria Salvia Coelho  
Doutora em Ciências Médicas e Mestre em Filosofia das Ciências

Roberto Fazzani Neto  
Médico Psiquiatra e Mestre em Psicologia

**COMISSÃO EDITORIAL**

Prof<sup>a</sup> Dra Maria Helena C. de Figueiredo Steiner  
Livre-Docente da Universidade de São Paulo

Lúcia Maria Rosa Cruz Costa  
Psicóloga e Mestre em Psicologia

**COORDENADORA DE CURSOS**

Lúcia Maria Rosa Cruz Costa  
Psicóloga e Mestre em Psicologia

**COORDENADORA DE DIVULGAÇÃO**

Ciselle Petri  
Psicóloga

## ÍNDICE

INVESTIGACIÓN PSICOLÓGICA EN LAS CIENCIAS SOCIALES. MARIA INÉS FIGUERA DE PUCCI . . . . .	11
LAS RESPUESTAS DE MOVIMIENTO EN LA TECNICA DE MANCHAS DE TINTA DE HOLTZMAN. DRA. CARLA SACCHI . . . . .	15
LA FAMILIA DE MONTAÑA DEL NORTE ARGENTINO A TRAVES DE LAS TECNICAS GRAFICAS. NORMA CONTINI DE GONZALEZ, MARIA INES FIGUEROA DE PUCCI, SILVINA COHEN IMACH DE PAROLO . . . . .	20
SUICIDIO: FINAL O PRINCIPIO ? MARÍA TERESA HERRERA, DOLORES ORCOYEN, ALICIA MARTHA PASSALACQUA . . . . .	24
OS TESTES PROJATIV	



## EDITORIAL

**D**esde o impasse econômico sofrido há quatro anos em nosso país, a publicação do *Boletim da Sociedade Rorschach de São Paulo* foi interrompida.

Não obstante, nossa Sociedade manteve, através de participação em diversos eventos significativos, e do desenvolvimento de investigações, o espírito que sempre animou suas atividades. Para isto foi necessário o esforço de todos os nossos sócios e colaboradores que preservam a tradição científica e de divulgação do Psicodiagnóstico, desde 1952.

No *Congresso Latino-Americano*, realizado em 1989, em Buenos Aires, a S.R.S.P. divulgou seus critérios de formação no Psicodiagnóstico, e apresentou trabalhos, realizados por sócios que se dedicam à atividade científica. Em 1990, no *Congresso Internacional de Rorschach*, realizado em Paris, a S.R.S.P. fez-se representar nas reuniões de delegados pelo Dr. Roberto Fazzani Neto e apresentou também pesquisas relevantes tais como: "O estudo de personalidades anormais com o método de Rorschach" e de avaliação da personalidade dos "Pais de Santo", esta, no campo da antropologia. Nesta oportunidade pudemos constatar a convergência dos critérios da *Sociedade Rorschach de São Paulo* com os da *Scuola Romana Rorschach*, o que não é de se estranhar pois os ascendentes de ambas - Anibal Silveira e Carlo Rizzo - distinguíram-se como profundos conhecedores e divulgadores do método. Neste ínterim, a S.R.S.P. além dos cursos regulares, em São Paulo, iniciou cursos em outros Estados, como o curso de formação na Prova de Rorschach, implantado pela Dra. Hilda C. P. Morana, em Campo Grande - MS. Este empreendimento foi o germe do grande interesse pelo método de Rorschach manifestado naquele Estado, consagrando-se na fundação do Núcleo de Formação e Estudos do Rorschach de Mato Grosso do Sul, tendo como primeira presidente a Psicóloga Ana Deise Cardoso.

Em 1992, a S.R.S.P. organizou o *VIII Congresso Latinoamericano de Rorschach* e outras técnicas Projetivas que ocorreu simultaneamente ao *I Encontro de Saúde Mental do Merco-Sul*, organizado pela ABP, Associação Brasileira de Psiquiatria. O acontecimento foi um exemplo de integração e colaboração de entidades e de interdisciplinaridade. Revelou-se para nós, de modo surpreendente, a receptividade e a energia dos estudiosos e profissionais do Mato Grosso do Sul, além de seu interesse científico abrangente. Foi uma oportunidade ímpar compartilhar experiências com estudiosos de toda América Latina e de consolidar a afinidade entre a S.R.S.P e a ALAR.

Em 1993, no *Congresso Internacional de Rorschach*, em Lisboa, além da participação da delegação da Sociedade Rorschach de São Paulo neste evento tivemos a inscrição de vários trabalhos.

O *Boletim* retorna, agora, em nova forma gráfica. Nesta publicação, a Comissão Editorial selecionou trabalhos que pudessem representar uma amostra significativa das tendências atuais na utilização do psicodiagnóstico. Como toda seleção, implicou em renunciar à publicação de muitas outras investigações importantes. Em ocasiões posteriores, procuraremos divulgar os trabalhos não incluídos neste volume, pois o objetivo principal

do Boletim é transmitir aos nossos associados um panorama eclético e consistente do valioso instrumento psicológico de Hermann Rorschach.

Gostaríamos ainda de salientar a relevância de nossa principal orientadora, Profa. Lucia Coelho, que tem mantido os estudos do Método de Rorschach com a mesma profundidade e abrangência de seu mestre, Anibal Silveira. Talvez pelo seu brilhantismo, as idéias da Profa. Lúcia Coelho não possam ainda ser bem compreendidas por outros investigadores brasileiros, que se prendem a critérios mais acessíveis em cenário internacional, descuidando porém da acuidade e da diferenciação com que a Profa Lúcia Coelho encaminha a Prova de Rorschach, ampliando seu alcance e seu refinamento teórico.

ROBERTO FAZZANI NETO





## INVESTIGACIÓN PSICOLÓGICA EN LAS CIENCIAS SOCIALES

MARIA INÉS FIGUERA DE PUCCI

Estas reflexiones se sustentan en la experiencia adquirida trabajando desde un equipo que investiga sobre los aspectos psicológicos, sociales y culturales de niños y adolescentes de Tucumán, provincia del noroeste argentino.

Las ciencias sociales tienen un objeto de estudio central que es el hombre, que está siempre en situación, en relación de determinación recíproca con su contexto, determinado a su vez por sus condiciones concretas de existencia: familia, habitat, organización económica y social, susceptible de un abordaje pluridimensional. Se trata de una ciencia con una metodología interdisciplinaria, lo que permite que se diversifique y enriquezca la comprensión del objeto central de estudio.

### INVESTIGACIÓN EN LAS CIENCIAS SOCIALES

El estado y progreso de la investigación en las ciencias sociales provoca alguna insatisfacción en los mismos investigadores.

La definición del objeto de estudio en las ciencias sociales es tan vasto, inabarcable y susceptible de conceptualizaciones en extremo variadas, con la coexistencia por largos períodos, de diversos paradigmas, ninguno de los cuales predomina uno sobre otro.

Las críticas que se plantean al saber producido por las ciencias sociales son: la falta de rigor, que está próximo al sentido común y que fundamentalmente está influido y teñido de ideología. Al decir de Karl Mannheim, sociólogo alemán, las ciencias sociales son ineludiblemente ideológicas; no producen teorías científicas susceptibles de verificación y evaluación racional (aunque entre sus elementos incluyen datos empíricos y sistematizaciones racionales), sino doctrinas que formulan intereses y aspiraciones de grupos sociales.

Para este punto de vista las corrientes del pensamiento social dependen de los procesos de la sociedad y la cultura y del ascenso o declinación de teorías.

La relación entre ciencia e ideología es un debate de larga data que no pierde actualidad. En este debate hay un factor: la base social, los intereses sociales objetivos, reflejo de la existencia social o de un sector de la sociedad. El planteo para el conocimiento objetivo es descubrir o desocultar las relaciones entre la naturaleza, el hombre y la sociedad. El interés coincide con el desarrollo del conocimiento científico.

De todas formas la ideología siempre está presente en toda manifestación de la vida intelectual y cultural y denota la forma de pensamiento necesariamente presente en todas las sociedades. El progreso de las ciencias,

1 - Psicóloga do Instituto de Investigações em Psicologia- Universidade Nacional de Tucumán.

Trabalho apresentado no VIII Congresso Latino-Americano de Rorschach e outras Técnicas Projetivas-1992 - Campo Grande -MS- Brasil.

incluidas las sociales, permite descubrir el real estado de las cosas encubierto por la ideología y criticarlo.

Responde un poco a estas críticas de la investigación en las ciencias sociales el pensar en muchos de los avances que permite el conocimiento de fenómenos de los que el sentido común ni siquiera tiene noticias, como así también el estado actual de las ciencias sociales que tienen capacidad para generar nuevos planteos de investigación, de controversias científicas: índices de fecundidad de un paradigma.

La METODOLOGÍA en las ciencias sociales tiene una importancia especial.

La metodología, por más avanzada que sea no excluye el uso del sentido común. Nos marca el procedimiento para evaluar los conocimientos logrados o nuevos. Es la capacidad para preguntarnos por la esencia del sentido común, del estudio y de la misma metodología adoptada; para cuestionarnos los estudios más avanzados o más elementales y es ello, lo que permite en parte, el avance continuo de la investigación.

Por rígida y estricta que sea la metodología, el diseño de la muestra, la rigurosidad en la administración de pruebas, sus conclusiones son probables y provisionales. La metodología enseña a pensar en términos de probabilidad porque obliga a caer en la cuenta de que la mayor parte de nuestros juicios están apoyados en unas pocas observaciones de una muestra.

La ciencia y la metodología encierran una ética que surge del mismo carácter social de cualquier investigación. Es condición necesaria para el trabajo científico, la honradez, no sólo al comunicar los resultados obtenidos, sino también, dar cuenta de todo lo observado, no deformando la realidad, ni acomodándola al servicio de la demostración de hipótesis que estamos interesados en demostrar.

Otro problema que se plantea en la investigación en las ciencias sociales es cómo distinguir un conocimiento científico de uno que no lo es. La demarcación entre ciencia y pseudociencia es una discusión que también lleva larga data entre distintos pensadores. La diferencia entre el pensamiento pre-científico y el científico es del orden metodológico ya que tanto el pensamiento como la reflexión son anteriores a la ciencia .

Existen grandes problemas en relación al nivel y el rigor científico de las producciones logradas en las ciencias sociales. Se señala el carácter obvio de muchas teorías e indagaciones que se realizan.

El rigor es el atributo más importante de los sistemas deductivos que son modelos de pensamiento científico. Para lograr mayor rigor, hay que explicitar específicamente qué formas de inferencias serán aceptadas como válidas y evitar que la cadena de argumentos, involucre nociones familiares que permitan suponer más, de lo que las premisas expresan explícitamente.

Una forma a considerar para transformar los ejes investigativos en rigurosos sería despojando entonces al conocimiento de toda familiaridad, profundizando las indagaciones, sistematizándolas y alcanzando otros niveles de conceptualizaciones.

La elaboración conceptual de la experiencia que supera al conocimiento empírico y lo trasciente, en tanto supone interrogarse por la esencia, por sus leyes internas, es un saldo de calidad, el pasaje de la experiencia clínica

a la interpretación y conceptualización de esa experiencia; descubre el velo de la familiaridad y supera el pseudo-conocimiento.

## INVESTIGACIÓN PSICOLÓGICA

Desde la psicología la perspectiva de abordaje del hombre sería la investigación de los procesos psicológicos, planteando a través de estas reflexiones el trabajo con métodos y técnicas auxiliares de diagnóstico. Nuestra investigación psicológica, mediante el proceso psicodiagnóstico debe lograr una descripción y comprensión de la personalidad del sujeto; es necesario explicar la dinámica del caso, tal como aparece a través de las producciones o lo que aparece como material recogido integrándolo en un marco más general: la realidad del sujeto.

La EVALUACIÓN PSICOLÓGICA es una perspectiva de análisis válida, en la que, partiendo de considerar los casos individuales, se llega al abordaje de grupos poblacionales cuyo análisis e interpretación está relativizada por el contexto histórico-cultural donde se realiza.

Al investigar con el Psicodiagnóstico de Rorschach, podemos estimar la variedad de la reactividad psicológica de un individuo, el grado de su adaptación social, la extensión de su vida interna, si los estímulos del exterior son integrados constructivamente o desorganizados por impulsos más fuertes y primitivos.

Si bien el test está estandarizado, en el sentido en que todos los sujetos se enfrentan a materiales iguales, cada uno tiene una vivencia distinta no sólo "percibe", sino "vive" distinta la experiencia.

Lo esperable de este método proyectivo es que aparezca la proyección de la estructura psicológica del sujeto y que se vuelvan comprensibles sus actividades, preferencias, acciones, reacciones, creaciones y producciones. Esta técnica supone la existencia de aspectos inconscientes de la personalidad a la que podemos acceder a través del proceso asociativo desencadenado.

Al enfrentarse con el material de Rorschach, el modo como un individuo estructura y organiza las manchas de tinta, refleja aspectos fundamentales de su funcionamiento psicológico. Pero el sujeto no lleva sólo el bagaje de su propia individualidad sino también el de la sociedad donde se desarrolla y vive; el de su familia como sistema de relaciones sometido a una multiplicidad de determinaciones.

En cada ser humano no encontramos a un hombre aislado, sino al portavoz de una situación protagonizada por los miembros de un grupo social, emergente de su grupo familiar, con los que está comprometido y a los que ha incorporado desde los primeros momentos de su vida. Ese grupo social no remite a un análisis concreto y situacional de su aquí y ahora, en relación con su contexto, su historia y la formación social en que esa familia se ha constituido.

Evaluando las funciones que se le han adjudicado desde el orden social: status, roles, relaciones de poder, su cultura como el ambiente de creencias, costumbres, conocimientos de ese grupo.

La cultura le da estabilidad y seguridad al ser humano porque le permite entender lo que está sucediendo en su comunidad. Todo lo que hace un individuo son evidencias de su cultura.

Al investigar las características de personalidad a la luz de la antropología cultural, sabemos que, si bien los procesos fisiológicos son universales, los procesos psicológicos de adaptación a esos cambios adquieren características particulares vinculadas al grupo de pertenencia.

Claude Levi Strauss dice que los hombres no actúan en cuando miembros de un grupo de acuerdo a lo que cada uno de ellos siente como individuo, sino que cada hombre siente en función de la manera en que le está permitido actuar. Las costumbres, normas, aspiraciones, ambiciones vienen dadas como normas externas antes de originar sentimientos internos, entrando a formar parte del individuo a través del desarrollo del superyo.

## CONSIDERACIONES FINALES

La importancia del estudio de los procesos psicológicos con técnicas de diagnóstico, radica en la repercusión que los aportes teóricos logrados tengan en otros ámbitos, o bien, la consideración de ellos en las transformaciones que se realicen a nivel cultural o social.

El rasgo ético de las ciencias es que debe estar al servicio de la comunidad. Las ciencias sociales sobre todo en los países latinoamericanos, tienen importancia fundamental para la atención de los problemas de la comunidad, pero cumplirán esa función en la medida en que se muevan con rigor científico.

Uno de los errores que debemos sortear en la investigación es el etnocentrismo, término muy usado por los antropólogos sociales, que se refiere a considerar los valores y costumbres del grupo en que uno ha nacido y vivido como norma de juicio y valoración de conductas de cualquier otro grupo socio cultural. Este error metodológico es grave sobre todo cuando trabajamos con grupos poblacionales distintos.

El que investiga en el campo de las ciencias sociales y desde la psicología, en el campo de los procesos psíquicos, indaga sus leyes a partir de su práctica concreta, pero se sitúa en ella y la interpreta desde su concepción en los distintos órdenes histórico-antropológico, social, político, jurídico, ecológico, geográfico, que convergen en el hombre objeto de estudio.

El análisis de los procesos psicológicos de un sujeto, miembro de un grupo familiar, contexto desde donde se hacen decodificable el comportamiento, supone una situación única.

El desarrollo psicológico no es independiente del medio ambiente social en que está inmerso el sujeto. Todo ser humano además del sello individual, lleva, al decir de Arminda Aberastury, (psicoanalista argentina), el sello del medio cultural, social e histórico desde el cual se manifiesta.

Subyace la concepción del hombre como unidad bio-psicosocial multideterminado por el orden histórico social, el orden de la cultura, el orden simbólico.

## LAS RESPUESTAS DE MOVIMIENTO EN LA TÉCNICA DE MANCHAS DE TINTA DE HOLTZMAN

<sup>2</sup>DRA. CARLA SACCHI

Las respuestas de movimiento alcanzan una posición relevante en la descripción de la personalidad a través de técnicas de mancha de tinta. Se las considera expresión de aspectos importantes del funcionamiento psicológico, tales como la inteligencia, la creatividad o las relaciones interpersonales. Desde la notación original de Rorschach, quien sólo atribuía posibilidades de movimiento a respuestas de contenido humano (o animal antropomorfo) que implicaran una vivencia kinestésica, han aparecido modificaciones fundamentales que permiten ampliar las posibilidades interpretativas de estas respuestas.

Klopfers (1954) y Piotrowski (1957, 1960) consideran que existe evidencia experimental de que el Movimiento Humano, el Movimiento Animal y el Movimiento de Objeto representan niveles diferentes de un mismo proceso psicológico. Beck (1961) sostiene que los tres tipos de respuesta representan operaciones psicológicas diferentes: Movimiento Humano constituye el lazo de unión entre los recursos interiores y la realidad externa; Movimiento Animal en cambio reflejaría patrones de pensamiento menos desarrollados (y por lo tanto en los niños tendría una significación semejante a Movimiento Humano en adultos. Finalmente, Movimiento de objeto implicaría pensamientos inadecuadamente integrados al sistema cognitivo.

Por otra parte, sabido es que la variable Movimiento forma parte de una configuración de variables, por lo tanto su significación se modifica en la medida que otras variables se hallan implicadas en la respuesta. Qué peso tiene la Forma? Cuál es la calidad formal de la misma? Cómo se integran en ella el color, el sombreado, la agresividad, la ansiedad? Cómo el reconocimiento y aceptación del otro? En definitiva, qué mide realmente la variable Movimiento?

Holtzman (1961) al crear su Técnica de las Manchas de Tinta (HIT) considera que, para evaluar movimiento, se debe tener en cuenta el monto de energía implícito en la respuesta más que el agente de la acción misma.

Se propone desvincular, en cierta medida, el movimiento del contenido pues este confundiría llevando a calificaciones arbitrarias o confusas. Por lo tanto, lo que se debe evaluar es la calidad dinámica del movimiento, el nivel de energía implícito, incluyendo desde el nivel más bajo de tensión hasta el más intenso movimiento violento. Basándose en Zubin (1954) adopta una escala que va de 0 (ausencia de movimiento) a 4 puntos (movimiento violentos) pasando por 1 punto para movimientos posturales o estáticos, 2 puntos para movimientos casuales y 3 puntos para movimientos causales o acciones ejercidas.

Hill (1972) considera que es importante tener en cuenta, en las respuestas de movimiento al HIT, si se trata de seres animados o inanimados, y si la

2 - Psicóloga do Centro de Investigações Interdisciplinares em Psicologia Matemática e Experimental (CIIPME).  
Trabalho apresentado no VIII Congresso Latino-Americano de Rorschach e Outras Técnicas Projetivas. Campo Grande-MS- 1992.

**A**cción es ejercida o sufrida. Estas modificaciones son tenidas en cuenta en la evaluación cualitativa, y por lo general individual, basándose en los hallazgos de distintos autores sobre el Test de Rorschach. Sin embargo, consideramos que es importante la verificación experimental, y no sólo en grupos clínicos sino en grupos normales, para mejorar y hacer más válida la descripción de la personalidad a través de esta técnica proyectiva-objetiva.

El objetivo de este trabajo es comprobar si las respuestas de Movimiento Humano, Animal y de Objeto forman parte de un continuo o si deben ser consideradas variables con cierto grado de autonomía. Se tuvo en cuenta también la diferenciación propuesta por Piotrowski entre movimiento activo y pasivo.

De un grupo de 739 protocolos HIT<sup>1</sup> de adolescentes, varones y mujeres entre 14 y 18 años, se seleccionaron aquellos que, en la variable Movimiento, se ubicaron por encima del percentil 75 o por debajo del percentil 25.

Quedaron constituidos dos grupos, el de Alto Movimiento (AM), 34 varones y 35 mujeres, con promedio de edad 16 años, y el de Bajo Movimiento (BM), 37 varones y 30 mujeres con promedio de edad de 15 años.

La variable Movimiento fué subdividida en Movimiento Humano Activo (MHA), Movimiento Humano Pasivo (MHP), Movimiento de Objeto Activo (MOA) y Movimiento de Objeto Pasivo (MOP). Se calcularon las Medias y Desvios para cada una de estas categorías, en cada grupo. (ver Tabla 1).

Se aplicaron dos análisis factoriales, rotación Promax, para cada uno de los grupos. En la Tabla 2 se presentan los pesajes de las distintas variables en ambos grupos. Se tuvieron en cuenta solamente los pesajes mayores que .30.

Al comparar las medias, la diferencia entre ambos grupos es notable como es dable esperar. Sin embargo, es interesante observar que las proporciones entre los valores de las subcategorías permanecen constantes.

Si consideramos los Análisis Factoriales (Tabla 2) hallamos 6 factores, de los cuales 5 son comparables en ambos grupos. El sexto, que se identifica claramente sólo en el grupo de Alto Movimiento, y que denominaríamos de Vulnerabilidad, no halla su correspondiente en el grupo de Bajo Movimiento, por lo tanto no será interpretado aquí.

Los factores fueron denominados de la siguiente manera: I, Intelectual; II Conflicto; III Pensamiento Patológico; IV Pensamiento Infantil, y V, Afectivo.

Analizando las subcategorías de Movimiento, hallamos que Movimiento Humano activo satura en el Factor Afectivo del grupo de Alto Movimiento y en Intelectual del grupo de Bajo Movimiento. El Movimiento Humano pasivo satura en el Factor Intelectual de grupo de Alto Movimiento y en el Factor Pensamiento Patológico del Bajo Movimiento. Movimiento Animal Activo satura en el Factor Pensamiento Infantil en los de Alto

1 La administración de la forma completa (45 láminas) se realizó en forma grupal para preparar los baremos de adolescentes argentinos (Sacchi y Richaud de Minzi, 1991)

Movimiento y en el Factor Afectivo y en el de Pensamiento Infantil de los de Bajo Movimiento. Movimiento Animal Pasivo satura en el factor Pensamiento Infantil en los de Alto Movimiento y en el Factor Conflicto en los de Bajo Movimiento. Movimiento de Objeto Activo satura en el factor Conflicto del grupo Alto Movimiento y en el polo negativo del Factor Intelectual en el grupo de Bajo Movimiento. Finalmente, Movimiento de Objeto Pasivo satura en el polo negativo del Factor Intelectual en el grupo de Bajo Movimiento y en el Factor Vulnerabilidad de Alto Movimiento.

Si analizamos el carácter de Pasivo o Activo del movimiento, sin tener en cuenta el agente de la acción, hallamos que los movimientos Activos saturan, en el grupo de Alto Movimiento, en el Factor Conflicto, en el Pensamiento Infantil y en el polo negativo del Afectivo. En el grupo de Bajo Movimiento, se halla en ambos polos del Factor Intelectual y en el Afectivo. Los movimientos Pasivos en cambio saturan en el Factor Intelectual, en el Pensamiento Primitivo y en Vulnerabilidad, en el grupo de Alto Movimiento. En el grupo de Bajo Movimiento, en el Factor Pensamiento Patológico, en el de Conflicto y en el polo negativo del Factor Intelectual.

Si analizamos la acción desde su agente, sin tener en cuenta si se trata de movimiento Activo o Pasivo, hallamos que el Movimiento Humano satura en Factor Intelectual y en el polo negativo del Factor Afectivo en el grupo de Alto Movimiento, y en Factor Intelectual y en el Pensamiento Patológico del grupo de Bajo Movimiento. El Movimiento Animal satura en el Factor Pensamiento Primitivo en el grupo de Alto Movimiento, y en los factores Afectivo y Conflicto de Bajo Movimiento. El Movimiento de Objeto satura en los factores Conflicto y Vulnerabilidad en el grupo de Alto Movimiento y se halla en el polo negativo del factor Intelectual en el grupo de Bajo Movimiento.

En conclusión, tal como hemos observado, las sub-categorías de movimiento no constituyen un mismo factor, en ninguna de las dos muestras, por lo tanto deberíamos considerarlas como independientes dentro del patrón configuracional de todas las variables. Estas subcategorías presentan características diferenciales que justifican su calificación cuando se evalúa la variable Movimiento en la Técnica de Manchas de Tinta de Holtzman. La subdivisión en movimiento activo o pasivo no aparece como significativas. Hay que tener en cuenta aquí que la distribución de movimiento Pasivo es muy asimétrica, y en general de valores muy bajos.

Si consideramos que el grupo de Alto Movimiento, por esta característica debe ser caracterizado por su elevada creatividad, buen manejo conceptual y preocupación o interés por las relaciones interpersonales, el grupo estudiado nos mostraría tendencia al control intelectual y a la represión afectiva.

Por otra parte, el grupo de Bajo Movimiento que desde la teoría sería caracterizado como carente de habilidad para expresar la experiencia creativa y la empatía nos mostraría que es un grupo excesivamente reprimido e incapaz de utilizar sus recursos internos. Si tenemos en cuenta que hemos estudiado grupos de adolescentes normales, esta inhibición sería también índice de inmadurez, donde los recursos se hallarían bloqueados más que ausentes.

TABLA 1

Medias y Desvios en las distintas subcategorías de Movimiento en los grupos de Alto Movimiento (AM) y Bajo Movimiento (BM)

AM	BM	M	DS	
MHA	26.87	7.81	4.51	3.36
MHP	1.59	1.51	.98	1.11
MAA	9.73	4.37	1.75	2.09
MAP	.52	.93	.27	.59
MOA	7.68	5.31	1.48	2.17
MOP	1.32	3.70	.34	.95

TABELA 2

Factores	I		II		III		IV		V		VI	
Variables	AM	BM	AM	BM	AM	BM	AM	AM	BM	AM	BM	
Rechazo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	.48	-
Localización	.48	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Espacio	-	-	-	-	.56	-	-	-	-	-	-	-
Definición Formal	.065	.053	-	-	-	-	.34	-	-	-	-	-
Adecuación Formal	.52	-	-	-	.35	.58	-	-	-	.34	-	-
Color	-	-	-	-	-	-	-	-	.45	.47	-	-
Sombreado	-	-	-	-	-	-	-	-	.35	.34	.32	-
Verbaliz. Patog.	-	-	-	-	.69	.44	-	-	-	-	-	-
Integración	.60	.44	.30	-	-	-	-	-	.39	-	-	-
Humano	.46	.59	-	-	-	-	.80	.52	.43	-	-	-
Animal	-	.42	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Anatomía	.32	-	-	-	-	-	-	-	-	.38	-	-
Sexo	-	-	-	-	.40	-	-	-	-	.49	-	-
Abstracto	-	-	-	-	.54	-	-	-	-	-	-	-
Ansiedad	-	-	.82	.78	-	-	-	-	-	-	-	-
Hostilidad	-	-	.84	.79	-	-	-	-	-	-	-	-
Barrera	-	-	-	-	-	-	.54	-	-	-	.63	-
Penetración	-	-	-	.48	-	-	-	-	-	-	.42	-
Balance	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	.42	-
Popular	.55	.76	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MHA	-	.36	-	-	-	-	.42	-	.50	-	-	-
MHP	.58	-	-	-	.29	-	-	-	-	-	-	-
MAA	-	-	-	-	-	.76	.33	-	.64	-	-	-
MAP	-	-	.32	-	-	.35	-	-	.48	-	.30	-
MOA	.51	.47	.35	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MOP	-	-	.31	-	-	-	-	-	-	-	.37	-

Factor I Intelectual AM Grupo de Alto Movimiento  
 Factor II Conflicto BM Grupo de Bajo Movimiento  
 Factor III Pensamiento Patológico  
 Factor IV Pensamiento infantil  
 Factor V Afectivo  
 Factor VI (solo en AM) Vulnerabilidad



#### REFERÊNCIAS.

- Beck,S.J. *Rorschach's Test.Basic Processes.*(3era.ed.) Grunne and Stratton.N.Y.1961.
- Harman,H.H. *Modern factor analysis.* Chicago, The University of Chicado Press,1970.
- Hill,E.F. *The Holtzman inkblot technique* \_Jossey Bass Inc.Publishers,USA,1972.
- Holtzman,W.H.et.al.*Inkblot perceptions an personality.* Austin, University of Texas Press,1961.
- Insua,A.M. The Holtzman movement variable in relation to problem solving processes of college students.*Journal of Clinic Psychology*, 1972, 2, 199-202.
- Klopfer,B.et.al. *Rorschach.technique.* New York: Macmillan,1957.
- Piotrowski,Z.A. *Perceptanalysis.* New York: Macmillan,1957.
- .....The movement score.In M.A.Rickers-Ovsiankina (Ed.), *Rorschach Psychology.* New York: Willey,1960.
- Sacchi,C.;Richaud de Minzi, MC. Normas para adolescentes argentinos de la técnica de las manchas de tinta de Holtzman. *Interdisciplinaria*, 1990, 2 (2), 91-115.
- Schantel,E.G.*Experimental foundations of Rorschach's Test.*Basic Books, New York,1966.

# LA FAMILIA DE MONTAÑA DEL NORTE ARGENTINO A TRAVES DE LAS TECNICAS GRAFICAS

<sup>3</sup>NORMA CONTINI DE GONZALEZ  
MARÍA INES FIGUEROA DE PUCCI  
SILVINA COHEN IMACH DE PAROLO

## I - INTRODUCCION

La presente es una comunicación de los avances de un Programa de Investigación con población infantil de Tucumán, Argentina, de diferentes zonas geográficas en el área de la Evaluación Psicológica. En esta ocasión nos referiremos a población de montaña: COLALAO DEL VALLE.

El propósito ha sido lograr una caracterización psicológica de niños de nuestra provincia, contextualizada en una realidad social y cultural, particular, intentando precisar CUANTO y COMO inciden los factores geográficos, sociales, económicos y culturales en la estructuración psíquica del niño.

A su vez, el conocimiento más ajustado de la comunidad con la que trabajamos nos permitirá implementar tareas de prevención apropiadas a las necesidades de salud mental de esa comunidad.

Es por ello que nuestra investigación parte de un enfoque psicológico, sin dejar de considerar aportes de la Antropología y Sociología.

En esta ocasión empleamos los dibujos kinéticos de la familia, como instrumento auxiliar del diagnóstico, a fin de comprobar también su valor al emplearlos en niños de una cultura diferente a la urbana, convalidando o no, los resultados de investigaciones con poblaciones extranjeras o de capital de la República Argentina.

## II - EL POR QUE DE LA ELECCION DE ESTA TECNICA

La elección de los dibujos kinéticos de la familia, como técnica no verbal, está en relación con la experiencia realizada por este equipo de investigación en una etapa anterior en la cual se trabajó con Rorschach comparando las producciones de adolescentes de zonas urbanas, de montaña y rural de Tucumán.

Si bien la excelencia de la técnica Rorschach hizo posible definir el perfil psicológico de los examinados, las características de las poblaciones no urbanas: reservados en un contacto inicial, con rapport no fácilmente establecido, poco verbales, pocos, a lo que hay que añadir el estímulo poco estructurado del Rorschach, totalmente alejado de la cotidianidad que está en contacto con el niño y adolescente de la montaña, nos llevó a hipotetizar que sería de valor "probar", como funcionan las técnicas gráficas en esta población.

3 - Autoras do Instituto de Investigações em Psicologia da Universidade Nacional de Tucumán.

Trabalho apresentado no VIII Congresso Latinoamericano de Rorschach e outras Técnicas Projetivas

Los dibujos kinéticos de la familia nos permiten obtener un diagnóstico del grupo familiar en el cual está inserto el niño, en tanto no se puede aislar el discurso de éste: "paciente designado", "emergente del grupo", del discurso de la familia como microsistema, incluido en un sistema mayor: la comunidad.

### **III - CARACTERIZACION DE ESTA ZONA DE MONTAÑA**

Colalao del Valle dista de la Capital de Tucumán 194,5 kms. Y está ubicada a 26 grados 22' latitud S y 64 grados 55' longitud W.

Es un valle emplazado a 1780 mts de altura sobre el nivel del mar con una población de 4000 habitantes. Tiene un clima semiárido con una larga estación seca y un corto período lluvioso en verano.

Por los estudios realizados de los yacimientos arqueológicos se puede afirmar que los antecedentes poblacionales pueden ser calificados dentro de la cultura diaguito calchaquí, dedicados a la agricultura y la ganadería. La influencia Jesuítica dejó sus rastros en la etapa post-hispánica. Los estudios evidencian un estado de organización y cultura avanzados por sus técnicas de labranza, riego, viviendas y piezas de cerámica de considerable calidad.

Las familias asentadas en la villa, que se extiende por 2 kms a lo largo de una ruta nacional, tienen acceso a un desarrollo comunitario más evolucionado; mientras que, para los pobladores que se hallan dispersos ubicados en las laderas de las montañas, orillas del río o colindando alguna explotación agrícola, el aislamiento es una constante. Será por esto, que en estos últimos hay espíritu de cooperación familiar, fuerte sentimiento de pertenencia y solidaridad entre los miembros del grupo.

### **IV - METODOLOGIA**

La muestra fue tomada de la población total de niños que asisten a la única escuela de nivel primario de Colalao del Valle. El diseño es estratificado y al azar. Está compuesta por 34 niños: 18 varones y 16 mujeres de 6 a 14 años.

La metodología utilizada consistió en una entrevista a la maestra de grado, complementada con los datos proporcionados por el director de la escuela. Con cada niño iniciábamos la tarea con una entrevista dirigida sobre áreas de información general de su grupo familiar, historia escolar, amigos, juegos, y actividades que permitieran contextualizar los resultados de la técnica gráfica de la familia kinética.

### **V - LA FAMILIA DE LOS VALLES CALCHAQUIES: SU EVOLUCION**

La estructura y funcionamiento de la familia del valle calchaquí ha sufrido a los largo de los siglos profundas transformaciones. Desde el período aborigen en que los cachaquíes se constituían en familiar donde el vínculo matrimonial se disolvía fácilmente, pasando luego al período de colonización española que influyó con el modelo de la familia patriarcal.

Luego se dio una fusión de elementos autóctonos, con elementos étnicos y rasgos culturales aportados primero por la colonización española, y luego

por el proceso de desenvolvimiento socio-cultural nacional, pero siempre sobre una base cultural étnica mayoritariamente aborígen y su posterior mestización.

Hacia fines del siglo XIX y comienzos del siglo XX en que se inició la industrialización, la familia estaba conformada como un grupo extenso donde convivían abuelos-padres e hijos, de estrechos lazos con tíos y primos. Los matrimonios estaban unidos aunque por lo general no legalizados. Sus miembros tenían roles fijos: respeto por los padres y entre los esposos y primaba la autoridad del hombre en la familia.

Con la industrialización y la introducción del sistema capitalista de producción, se da la emigración de los jóvenes a la ciudad en busca de nuevas fuentes de trabajo. Se produce así una modificación en la estructura familiar: los abuelos retoman la función de padres frente a los nietos, criándolos como propios hijos: a su vez, estos niños tienen que desempeñar tareas y roles propios de un adulto, por ausencia de los padres. La mujer, por su parte, acentúa su función de sostén de la vida familiar ante la ausencia de los hombres quienes han emigrado a la ciudad.

## VI - ANALISIS DE LOS RESULTADOS

La elección de los dibujos kinéticos de la familia nos ha permitido investigar la cualidad de los vínculos reales y fantaseados y el nivel de comunicación del niño con su familia, en tanto contribuyen a la estructuración psicológica de aquél, colaborando en ese "segundo nacimiento" o "nacimiento psicológico del infante humano", al decir de Mahler.

En la estructura familiar, se destaca la figura materna como la más estable, en función nutricia y como sostén de la familia. La madre, por lo general, no trabaja fuera de la casa, participando directamente en el manejo de los asuntos domésticos y en la economía de subsistencia.

El padre no aparece como una figura estable, en cuanto soporte emocional del niño, más bien es percibido en roles laborales y de sostén de la subsistencia familiar, aunque todos incluido los niños, colaboran en tal sentido. Una variable de importancia para comprender el lugar que el niño adjudica al padre, sería su ausencia del grupo familiar por razones laborales: el análisis de las ocupaciones muestra que un elevado número se desempeñan como obreros en organismos oficiales, lo cual, en función de las distancias, los hace permanecer lejos de la casa, períodos considerables. Son vistos por los niños en acciones laborales individuales, por ejemplo: "macheteando", "cultivando", "paleando".

Las figuras fraternas cobran relevancia, tanto por su cantidad como por la cualidad de los vínculos. Se destacan por la asunción de roles parentales en ausencia de los padres biológicos o cuando estos le delegan la función, favoreciendo una idealización de los hermanos que han emigrado en búsqueda de mejores condiciones de vida. Esto se constata en la entrevista que precede a la administración de la técnica gráfica, en la que los púberes en especial, manifestaron su deseo de mudarse a convivir con aquéllos al concluir sus estudios primarios. Habría imágenes idealizadas de las figuras fraternas ausentes y de allí su jerarquización e inclusión en el gráfico.

La dinámica descrita es coherente con la problemática del habitante del valle: falta de oportunidades laborales y educativas en la zona, la que

conlleva a la idealización de los modelos urbanos y apetencias de éxodo con el consiguiente desarraigo y crisis de identidad. Así podemos comprobar cómo el sistema socio-económico inciden con fuerte impronta en la estructura del grupo familiar y en la naturaleza cualidad de los vínculos.

Asimismo la figura de los abuelos incorporada muchas veces a la familia nuclear, asumiendo la función de los padres cuando las circunstancias familiares así lo exigen. La presencia de padrinos, madrinas, y tíos cobran significación emocional para el examinado, con una cualidad distinta a lo observable en zonas urbanas.

En general, podemos afirmar que los gráficos revelan una adecuada conciencia de pertenencia al grupo familiar, con claridad sobre la conformación del mismo, aunque el niño no ocupe una posición de "centro de atención" narcisísticamente hablando; más bien, aparece como "uno más" inmerso en una red de relaciones vinculares en una familia numerosa y donde conviven tres generaciones (abuelos-padres-hijos).

Es de relevancia que los niños por lo general no aparezcan en situaciones de juego, como suele ser frecuente en poblaciones urbanas. Aparecen realizando tareas del hogar, que más se asemejan al mundo del trabajo del adulto, con la particularidad que interactúan con mayor frecuencia con la naturaleza o con objetos, que con otros seres humanos. No abundan las interacciones, sino más bien la soledad, siendo a su vez parcos en al expresión gráfica de otros objetos que no sean los imprescindibles para mediatizar la acción que desean representar.

Por lo general observamos que la mayoría de las actividades se refieren a tareas del hogar, ej: "cuidando ovejas y cabras", "cuidado los pollos", trayendo leña para el fuego"; que son propias de los niños, y que de su realización depende la subsistencia del grupo.

También aparecen en muchos casos actividades individuales referidas al descanso tales como "mi hermano no está haciendo nada", "mi hermanito está jugando", mientras que los padres no aparecen efectuando tareas recreativas. Es importante destacar además, que los niños en numerosas ocasiones realizan actividades de observación, ej: "mi hermano está mirando las hormigas", "está viendo la fiesta del Antigal", como si no fueran ellos los protagonistas de la acción. Es característico de esta zona de montaña un particular manejo del tiempo, el cual se vuelve más laxo, lento.

Este ritmo tan singular, quizá responde alas características geográficas de esta zona de montaña, las que determinan, en muchos casos, una actitud contemplativa hacia la naturaleza, que podría confundirse con pasividad.

Tanto los objetos como las acciones no han sido analizados a la luz de una simbología universal (ya que de esta manera perderían la eficacia simbólica), sino como características y particularidades propias de un niño y nua cultura. Así, cada comunidad, cada región cristaliza un conjunto de costumbres, formas particulares de vida que, en cierta forma pautan las funciones de cada miembro y ofrecen un escenario, un marco que contextúa el grafismo. En tal sentido, estimamos que cada niño expresa a través de sus gráficos, además de características que son propias de su singular estructuración psicológica, otras propias de su región, de su imaginario social, imprimiendo a ellos un sello muy particular que da cuenta de la presencia de una cultura distinta.

## SUICIDIO: FINAL O PRINCIPIO ?

<sup>4</sup>MARÍA TERESA HERRERA  
DOLORS ORCOYEN  
ALICIA MARTHA PASSALACQUA

**E**n esta nueva Comunicación queremos transmitirles el estado actual de la investigación que venimos realizando como grupo hace ya cuatro años, sobre el potencial suicida y su detección en el Rorschach y que motivó en un principio la realización de un workshop sobre el tema en el marco del VII CONGRESO LATINOAMERICANO DE RORSCHACH Y OTRAS TECNICAS PROYETIVAS que se llevó a cabo en Buenos Aires, en julio de 1989, y dos presentaciones posteriores: una en el CONGRESO INTERNACIONAL DE RORSCHACH Y OTRAS TECNICAS PROYETIVAS, París, julio de 1990, y otra en las JORNADAS DE PSICODIAGNOSTICO DE A.D.E.I.P. (Córdoba, Argentina, octubre de 1990) con las Comunicaciones Libres: *El Rorschach en la detección del potencial suicida* y *El Rorschach en la prevención del suicidio*, respectivamente. En ellas relatábamos cómo se produjo la formación del equipo, que consideramos pertinente recordar también en esta ocasión. Así, decíamos: "... a manos de una de nosotras (Alicia Martha Passalacqua) llegaron azarosamente, hace más de 10 años, varios protocolos de suicidados a quienes se les había administrado Rorschach poco antes de sus muertes, en diversas circunstancias (a la mayoría en evaluaciones laborales). En una primera mirada, de ellos surgió que no se daban como cuantitativamente significativos los signos que Exner consideraba en la Constelación del Suicidio.

Al mismo tiempo, en supervisiones y en la tarea académica "... fueron surgiendo casos en donde fue posible detectar un potencial suicida, que luego fue posteriormente corroborado de diversos modos: por confirmación expresa del consultante al preguntársele; por intentos posteriores, o por la ulterior transmisión de ideas suicidas en el transcurso del tratamiento." Fue entonces que la antedicha, propuso a dos de sus entonces supervisadas (Silvia Echenique y María Teresa Herrera), la constitución de este equipo de investigación, al cual, en el año 1990 se incorporó otra colega, la Lic. Dolores Orcoyen.

A pesar de "la insuperable angustia transferencial" que, según el psicoanalista argentino Mauricio Abadi este tema despierta, las perspectivas preventivas que su abordaje permite, nos llevó a tratar de superarla, e investigarlo en profundidad. Esto se vislumbró a través de la comprobación, en diversos casos de que, detectado a tiempo el potencial suicida que puede ser considerado como peligroso, puede ser trabajado con éxito con la intervención de una psicoterapia, dependiendo ello básicamente del pronóstico, tema que algunas de nosotras hemos abordado también especialmente.

4 - Trabalho apresentado no VIII Congresso Latino-Americano de Rorschach e outras Técnicas Projetivas.  
Campo Grande MS. 1992

Como primera medida, dividimos en tres grupos los protocolos que generosamente nos fueron facilitando diversos colegas, a quienes agradecemos (Adriana Amato, María Luisa Cantarella, Marta Codarini, Ana Erro, Laura Palmer, Zunilda Gavilán y otros). Ellos son: 1) los que efectivamente se suicidaron; 2) los que han hecho intentos de suicidio antes de administrárseles Rorschach y 3) los que pudimos detectar como de potencial suicida peligroso, con confirmación posterior y variada, como ya hemos referido. En principio esta división se planteó por la índole diferente de los casos, pero posteriormente encontramos coincidencias y también diferencias significativas entre ellos y dentro de cada uno.

Desde una vertiente teórico-práctica, surgida de la escasa bibliografía Rorschach que hay sobre este tema, y de una ya extensa experiencia clínica, llegamos a la consideración, en un principio, de alrededor de 50 signos Rorschach, que están publicados en la Revista de la Asociación Argentina de Psicodiagnóstico de Rorschach, Año 12, N° 1 de 1990. Posteriormente, evaluamos dichos signos en los tres grupos mencionados que suman, ya, más de 40 protocolos. Esto, y el estudio especial del primer grupo, el de los suicidados cuyos resultados provisionarios (debido a las constantes incorporaciones) fueron presentados en las mencionadas Jornadas de Córdoba, motivó la ampliación a 60 signos, que son los que, también de modo momentáneo, consideramos actualmente.

En esta oportunidad, queremos incluir los resultados parciales del análisis del 2º grupo (intentos anteriores a la toma del Test) y recordar previamente algunas de las conclusiones a las que habíamos llegado en los trabajos anteriores, que incluyen algunas hipótesis previas sobre esta población en la que se trabajó ahora, con la misma metodología anterior: todos los protocolos fueron reclasificados con especial cuidado, efectuados los psicogramas y cómputos individuales, evaluando, también en cada caso, los signos de Exner y los nuestros, obteniéndose luego algunos promedio y porcentajes comparativos. Ellas son:

1) Las fantasías suicidas son universales y se generan muy precozmente, del incremento del instinto de muerte. Por lo tanto, en todos los protocolos vamos a encontrar alguna respuesta significativa a ese nivel. Importa detectar el potencial suicida que puede ser considerado como peligroso, a través de la presencia de un número determinado de signos, que anteriormente evaluábamos como en número superior a 15, tomando ahora más de 20 como cifra a tener en cuenta. Esta modificación se debió a que el promedio de signos entre los intentos llegó al 18,55% en los intentos y a 20,57% entre los suicidados. Generalmente esto está asociado a una preocupación insistente y obsesiva sobre el tema, e indicios de que pueda actuarse. Acá es interesante destacar que las estadísticas dicen que, por un lado, hay muchos más intentos que suicidios, es decir que pocos de los que lo intentan lo concretan; y que, por otro lado, muchos de los que se suicidan han hecho otros intentos previos.

2) Al ser el acto suicida un acto que es conciente, pero que tiene también motivaciones inconcientes, se detecta con bastante sensibilidad con una técnica como el Rorschach que, precisamente tiene la característica de expresar ambos estados psíquicos. Y ello se da a través de manifestaciones diversas: a través de contenidos considerados como significativos (por ser

simbólicos de la muerte, muchas veces como solución o deseo, o de las fantasías que el acto suicida implica o materializa, o incluso por representar el modo como se llevará a cabo tal acto). También hay otros elementos, independientemente de los contenidos, que denuncian desconexión con la realidad y fallas importantes de adaptación, fundamentalmente. En este sentido hay que tener en cuenta que, al menos al momento de cometer el acto, el suicida tiene una seria perturbación del juicio de realidad. Así, aunque también ocurra en neuróticos, el suicidio implica un momento psicótico que presupone un intenso estado regresivo. Se puede caracterizar como un acto de autosadismo intenso, con defensas primitivas (maníacas y esquizoides, sobre todo, entre ellas: negación, triunfo, omnipotencia, disociación, splitting).

Asimismo, y en estrecha relación con lo anterior, se confirma con el análisis de los Rorschach, lo que ya vislumbrábamos, junto a otros autores: no hay un único tipo psicopatológico de suicidas. Si bien pueden suicidarse los depresivos, según el psicoanalista argentino Julio Granel (especialista también en accidentología) sólo en un momento esquizo-maniaco (en donde la depresión sería como una fachada), también pueden hacerlo otros, ubicables en cualquier patología. El aconseja diferenciar y excluir de estas consideraciones a quienes estén pasando por situaciones de intenso dolor (físico o psíquico), como el caso de los enfermos terminales, que tendrían motivaciones circunstanciales y, por ende, características distintas, a diferenciar.

3) Como psicodinamismo subyacente parece existir la vivencia de una intensa ansiedad persecutoria (por otro lado el componente objetivable de la depresión melancólica), la mayoría de las veces de naturaleza inconsciente, que también suele verse expresada en el Test. Transcribiremos algunas respuestas ilustrativas de la población de intentos. Así, María Marta, que se cortó las venas, dice frente a la L. II: "Es un murciélago, no, un vampiro. Acá hay maldad. Tiene una mirada de saciedad aberrante". Mabel, que ingirió pastillas, dice, también en la L. II: "... cuando atacó a alguien o le hizo mal a alguien se despedazó él mismo". Fabiana, que también intentó suicidarse tomando pastillas, responde en la L. VII: "Dos duendes comentando las maldades que puedan hacer... que susurran". Ricardo L., con el mismo tipo de intento, a su vez, expresa en la L. X: "Dos seres humanos que se tienden las manos para pasar de uno al otro lado... agarrados sobre una piedra donde hay un gran abismo". Enrique responde ante la L. I: "Um vampiro... un murciélago. Por lo negro y feo. Ya devoró algo y quiere seguir" y, como otra respuesta: "Un helicóptero atravesando nubes oscuras, negras... Entra en pánico al ocultarse el sol. Está siendo bombardeado y pierde el control..." Isabel, que tiene varios intentos, también con pastillas, dice en la L. VIII: "Un felino dando un salto... Por qué acecha? Todo el mundo lo va a atacar y está a la defensiva, en una posición elevada para poder dominar la cosa" y en la L. IV: "Vegetación... una flor y a los costados unas ramas, como lúbulos, como esas películas de fantasías de los chicos, donde las ramas los atrapan..."

Para Rolla, el suicidio sería así equiparable a un homicidio con un intenso sentimiento de culpa persecutoria que se traduce en la imposibilidad de externalizar proyectivamente la ansiedad originada en los vínculos interpersonales. Esto es percibido como "la inminencia del crimen"



que producirá, junto con el incremento de la proyección y, al mismo tiempo su inhibición, la transformación de esa ansiedad persecutoria en confusional, que estará presente en los momentos de desencadenamiento de la autoagresión.

4) Adelantábamos también algunas hipótesis sobre lo que en principio entreveíamos como diferencias significativas entre el grupo de intentos con respecto a los otros dos (suicidados y de potencial peligroso), en el sentido de la disminución, en aquéllos, de los signos (cualitativa y cuantitativamente). Para Exner, se produciría una cierta "descarga" con el intento mismo. Para otros autores, como Abadi, en la fantasía, el suicidio deseado, imaginado o frustrado tiene las mismas connotaciones y psicodinamismos que el realizado y logrado. "Creemos, decíamos, que, muy probablemente, en la fantasía el paciente crea haberse matado realmente y se haya librado - por lo menos momentáneamente - de lo que quería librarse, interponiendo entre él y el objeto perseguidor el abismo infraqueable de la muerte, y renazca comenzando maníacamente una nueva vida. Esto parece corroborarse por la aparición de algunas respuestas que parecen tener esa significación, y por ciertas verbalizaciones de paciente, en el transcurso de sus tratamientos: Adela, que hizo un intento con pastillas, dice: "Fue el aniversario de mi muerte, hace dos años, porque yo me maté. Desé una nota para que me dejaran dormir. Me maté y me salvaron". O Nelly, ella misma con un peligroso potencial suicida, refiriéndose al intento de su hija, lo expresa así " Cuando se suicidó mi hija..."

Otra de las ideas que tuvimos con respecto a esto (Sin contradecir lo anterior) se asocia a que parece darse con los que han hecho intentos suicidas algo similar a lo que ocurre con cualquier persona que, al correr un real peligro de muerte (incluso por enfermedad o accidente) parecen salir con importantes cambios, en muchos casos positivos, en donde se replantean y modifican (para bien) muchas de sus conductas anteriores". Que los signos sigan persistiendo lo considerábamos como especialmente peligroso. En ese sentido aventurábamos que, que se siga teniendo la intención de matarse, dependerá del monto del potencial que sus series complementarias determinen. Destacábamos así la importancia de la predisposición (hay familiar de suicidas), pero también de la situación actual, primordialmente el contexto y la interacción familiar, social, laboral y la posible y positiva intervención de un proceso terapéutico.

5) Por último, objetábamos la consideración exclusiva de lo cuantitativo deseando de lado lo cualitativo, ya que muchas veces importa la contundencia de algunos signos, independientemente de su cantidad. A menudo poco menos que un solo indicador - si es categórico - puede denunciar un potencial suicida no desenchable. Desejamos sí ahora de lado la evaluación de la Constelación del Suicidio de Exner, por encontrarla numéricamente poco consistente en nuestra población.

Pasaremos ahora a analizar los resultados que se verificaron realmente en este segundo grupo, la población que había hecho intentos de suicidio anteriores a la administración del Rorschach. La muestra está constituida por 20 sujetos, todos ellos consultantes, 13 Mujeres y 7 Varones lo que parece confirmar lo que las estadísticas también dicen al respecto (las mujeres intentan más suicidarse que los varones, aunque añaden que se suicidan

más estos que aquéllas). Un gran porcentaje: 50% hizo algunos de sus intentos con pastillas o medicación. El resto de los intentos fue de los más variado: un 15% se clavó un cuchillo, un 10% se cortó las venas y otros se tiraron del tren o bajo el tren, pusieron los dedos en enchufes, intentaron electrocutarse, uno tomó veneno y otro intento ahorcarse. Otros datos relevantes son que sólo el 25% tenía un solo intento, y que el 20% había quedado con algún daño o secuela (una había perdido un ojo, otro tenía la mano quemada, a otra le faltaban ambas piernas al habérselas seccionado el tren y, finalmente otra debía usar muletas al haberse roto la cadera en un choque que, en realidad, la salvó de la muerte (era médica y había ingerido medicación para provocarse un paro cardíaco, y salió a manejar, chocó y vomitó lo que había tomado). Y una, además, estaba presa.

Los resultados numéricos con los que nos encontramos fueron los siguientes (Ver Quadro):

El número de respuestas (R) está disminuído en el 75% de los casos. En igual porcentaje están aumentadas las W y en un porcentaje aún mayor: 80%, disminuídos los D. Esto nos hablaría de personas de baja productividad y escasez de recursos internos, que son incapaces de hallar el placer creciente descrito como característico de personalidades equilibradas proveniente del descubrir nuevos contenidos en el Rorschach. También de respuesta parcial a las consignas dadas, coartamiento, inhibición y/o depresión. Y de quienes, por oralidad, avidez y necesidad de control, no pueden dejar nada de lado; tienen ambiciones desmedidas que, por lo tanto, nunca pueden ser del todo satisfechas, generalmente por poseer grandes sentimientos envidiosos. Y, unido a esto, poca practicidad, sentido común, comunicación, y deficiente adaptación. El 80% no tiene ninguna FK, evidenciano poco reconocimiento de la angustia e incapacidad para darle un contenido lógico, junto con escasa posibilidad de insight. El 75% tiene los Contenidos Amortiguadores y el 70% los Vitales fuera de la norma, predominando la disminución de ambos (40% tienen disminuídos Am., contra 35% que los tienen aumentados y 25% normales. Los vitales están disminuídos en el 50% de los casos, es esperable en el 30% y está, aumentados en el 20%, como índice de una deficiente disribución de sus intereses. En porcentaje menor: 60% están disminuídas las FM y el porcentaje de Formas positivas, tanto el estricto como el extendido, como haciendo referencia al poco reconocimiento de lo instintivo y lo impulsivo infantil y escasa libido, como así también a deficiente prueba de realidad, gran subjetividad y fallas en el origen de los procesos de conceptualización, sobre todo en lo concerniente a la comparación con el mundo externo. En el mismo sentido ya apuntado anteriormente el 60% no tiene K o KF y el 50% ningún tipo de K.

En cuanto a los Fenómenos Especiales, predominan el uso del Diminutivo (en el 85%), las Autorreferencias (en el 70%) y las Combinaciones Confabulatorias en el 65% de los casos, dando cuenta de una gran represión de la agresión, infantilismo y egocentrismo marcado, rasgos narcisistas y deficiente integración, con la consecuente facilidad para entrar a la acción.

En cuanto a la cantidad de los signos que consideramos significativos y que ellos presentan, como ya dijimos el promedio es del 18,55%, apareciendo como dato relevante que el 30% está bajo el promedio de 15 signos. Sólo en un caso, esto no coincidía con el pronóstico que habíamos aventurado al

analizar el protocolo. Los más frecuentes fueron: el porcentaje de D disminuído (80%), siguiéndole el R disminuído (75%), la Fabulación (75%), las Autorreferencias (70%), algunos de los F disminuídos, sobre todo el F<sup>+</sup> (65%), con el mismo porcentaje (65%) las Combinaciones Confabulatorias, la Disminución o Aumento de la Conciencia de Intepretación y con el 60% el FM disminuído, la presencia en la misma respuesta de la combinación de dos por lo menos de estos determinantes: C, K, m y C, las Respuestas "o", y las Fusiones Figura-Fondo y el Shock al Blanco (al Vacío o al Agujero). Otros signos frecuentes fueron: la presencia de C puro, el Índice de Realidad bajo, la Ausencia de Contenidos Siniestros, las Contaminaciones Atenuadas y el Contenido Manchas.

Si pasamos a comparar los resultados del grupo de intentos con el de suicidados (ver Quadro II) vemos que hay coincidencia en el sentido de algunos signos (R, D, FM, F<sup>+</sup> e I.R. disminuídos; W aumentadas, m, Vit. Am. e I.C. fuera de la norma; M/C y 2da. F.V. extratensivas; CF + C mayor que FV, ausencia de K), pero en porcentajes inferiores, e incluso no coincidencia en otros (Prop. C, que en suicidados daba predominantemente introversiva y en intentos no, Peert. que se hallaba ausente en proporción mucho mayor, lo mismo que Sin. y el Índice de Integración, en los que predominaban las partes sobre el total). Tampoco hay total coincidencia en los F especiales.

Con respecto a las respuestas que aparecían con cierta frecuencia en el grupo de los suicidados aludiendo al modo en que se concretaría (o se hubiera concretado) el intento, en un solo caso de intentos, esto se produjo (5%). (Ver Apéndice I).

En referencia a las fantasías muchas veces inconcientes que muchos autores asocian con la muerte o el acto de matarse (agresión, autocastigo, encierro o reencierro, salida y liberación, reinfetación, intenso miedo a la muerte y modo de librarse de él, angustia de cambio, ilimitación del vacío de afuera, renacimiento, tránsito a otro mundo vivido como rico en posibilidades vitales en donde se será inmortal, expiación purificadora de culpas, paroxismo masoquista similar al orgasmo, huída del sentimiento de soledad, recuperación de la belleza, salud o juventud, sometimiento atemorizado al código del clan, venganza, retorno persecutorio o defensivo al seno materno, método para forzar al otro a dar amor, pérdida de protección y forma extrema y masiva de negación o represión de la realidad externa o interna, entre otras), ilustramos con algunas respuestas (Apéndice II). Un 40% de la población, sin embargo, no tiene ninguna respuesta significativa. Esto no había sucedido en ningún caso con los suicidados.

Las estadísticas nos dicen que las tasas de suicidio en nuestro país han ido en aumento constante en estos últimos años. Argentina ocupa el 1er. lugar en América Latina en este momento, tal vez como producto de una larga etapa de inestabilidad política y económica, que recientemente ha empezado a revertirse y cuyos efectos probablemente tarden años en notarse. También nos aportan otro dato: entre el 40% y el 65% de suicidios consumados son el último acto de una serie de intentos, aunque sólo del 10 al 14% de los que intentaron alguna vez matarse lo logran en ese momento o a posteriori. De hecho, en nuestra pequeña muestra afortunadamente sólo un caso (5%) se suicidó posteriormente, teniendo ya previamente un pronóstico reservado. Esto, aunque también debemos tener en cuenta que el

seguimiento se hace difícil por la diferente proveniencia de los casos estudiados. Sin embargo, el peso de la estadística siempre es relativo, sobre todo en temas como éste. Muy pocos de los intentos y de los mismos suicidios se denuncian o se admiten (salvo que haya gran violencia). Por los problemas sociales que pueden derivar de ellos (vergüenza, culpa, legales, etc.) muchas veces se ocultan, con la complicidad de amigos, médicos, clínicas o otros.

A su vez, el hecho de no encontrarse en la población de intentos datos tan significativos como en la de suicidados (tanto cuantitativos como cualitativos) apunta a confirmar nuestras hipótesis previas a este respecto, y también la referente a la peligrosidad de la subsistencia de signos. También lleva a ponerse a pensar sobre los motivos por los cuales parece haberse agotado el potencial suicida, sobre todo en los casos que, por haber sufrido algún daño corporal (muchas veces permanente) o algún tipo de reclusión (cárcel, internación) se ha recibido un castigo anhelado.

También, indirectamente nos advierte sobre la importancia de registrar toda la verbalización tal cual se da e incluso el lenguaje gestual para no perder datos relevantes que de otro modo no podrían ser tenidos en cuenta (Por ejemplo, el Tiempo promedio por Respuesta, que, en los pocos casos en que se tomó, se presentó aumentado, tal como se preveía).

Esto también nos lleva a plantearnos una vez más la pertinencia de hacer trabajos de investigación sobre este tema tomando como población testigo la de intentos y la validez de la mayoría de los trabajos que así lo han hecho. Confirma, asimismo, como mucho más confiables los resultados provenientes de la población de suicidios concretados aunque la muestra, afortunadamente, sea más pequeña. Y de nuevo, creemos necesario destacar la importancia del pronóstico que, aunque siempre aleatorio, es en definitiva el que nos determina los factores de riesgo que permitirán intensificar las acciones terapéuticas. Y de la prevención, objetivo final de nuestro trabajo.

INTENTOS

Signos	Promedio	Esperable	Aumentado	Disminuido
R	20%	10%	10%	80%
Adic.	3,85%	90%	-	10%(Aus.)
W	50%	10%	80%	10%
D	39,2%	5%	5%	90%
Dd	9,2%	35%	65%	-
S	12%	35%	65%	-
M	2,5%	55	5%	40%
FM	2,65%	25%	15	60%
m	2,4%	-	-	30% (Aus.)
k	0,3%	-	-	-
K	0,6%	-	-	-
FK	0,4%	-	-	80% (Aus.)
F%	39%	65%	35%	-
Fext. %	81,4%	65%	35%	-
F+ %	75%	15%	25%	60%
F+ext %	64%	35%	5%	60%
Fc	.85%	20%	5%	60% (Aus.) 15% (Dis.)
c	0,8%	-	-	-
C'	2,85%	-	-	-
FC	1,85%	-	-	20% (Aus.)
CF	1,75%	-	-	35% (Aus.)
C	1,55	-	-	50% (Aus.)
A%	37%	45%	10%	45%
Vit	59%	30%	20%	50%
Amor.	32%	25%	35%	40%
Pers.	9%	75%	25%	-
Sin.	6,55%	100%	0%	-
I.C.	14%	40%	30%	30%
I.R.	4,65%	50%	5%	45%

Fórmulas Vivenciales

	Introvers	Extrat.	ambigual
M/C	30%	55%	15%
FM+m/c+C'+k+k	25%	55%	20%
Prop. Color	25%	5%	50%

Esperable	Pred. Activo	Pred. Pasivo	Ausencia M
Ma/Mp 20%	45%	25%	10%
Índice de Integración H+A/Hd+Ad		<u>Partes Aumentado</u> 25%	

**QUADRO II**

Signos Ro	Intentos %	Suicidados %
R disminuído	75%	86%
W aumentado	75%	100%
D disminuído	75%	100%
FM disminuído	60%	85%
F+ extendido disminuído	60%	86%
Ma/Mp predominio de activos	45%	75%
M/C extratensiva	55%	74%
CF+C mayor que FC	55%	42%
La formula vivencial extratensiva	55%	71%
Prop. C introversiva	25%	57%
A% disminuída	45%	48%
Vit fuerade la Norma	70%	71%
Amort fuera de la norma	75%	85%
Perturbador ausente	35%	71%
Siniestros Ausentes	50%	71%
I.C. ausente	30%	42%
I.C. aumentado	30%	29%
I.C. fuera de lo esperable	60%	71%
I.R. disminuído	45%	57%
Hd + Ad mayor que H+A	25%	57%

**QUADRO. III**

**Fenômenos Especiales**

Fenômeno.	Intentos %	Suicidados %
Diminutivo	85%	42%
Autorreferencia	70%	57%
Comb-Conf	65%	42%
Shock Color	60%	57%
Sobreelaboración	60%	71%
Cont. Atenuada o Verdadera	50%	42%
R. Defecto	50%	71%
Resp. "o"	50%	71%
Acción Padecida	45%	57%
Disminuc. Ana.Int.	45%	71%
Crítica Objeto	45%	42%
Lógica Autista	35%	71%

## APÉNDICE I

Suzana que intentó tirarse um tiro, pero no salió el disparo, dice em la L. II: "Así me da la impresión de una cabeza que explotó, reventado, casi como yo. Qué casualidad! Tiene la cabeza y la base de sustentación reventada..."

## APÉNDICE II

Fabiana, que hizo el intento tomando pastillas, dice em la L. V: "Es una mariposa que está muerta, que cayó del cielo con las alas rotas" y en la I: "Una calavera o esqueleto".

Ricardo (también tomó pastillas, dice em la L.X.: "Una gran caverna, con gran profundidad".

Nelly, que había tomado pastillas y luego se tiró por la ventana dice em la L. II: "Sería como um lago, um camino, ... cuando viajás por la ruta, ves: camino, camino, no tiene destino hasta que no llegás".

Mabel, que también tomó pastillas, dice em la L. IV: "...es la parte que se salvó; la otra parte la pondría en una maceta con tierra, pero no la tiraríá, la enterraríá". Y en la X: "Esta parte de abajo es lo que sostiene la vida; éste es el cielo... cuando uno se muere, éste es el color que se ve; esta parte gris es la raíz, muy profunda... cuando el espíritu se va, todo es multicolor... arriba, todo es alegre, están los pájaros porque están en libertad"

Miguel Angen, que tiene 4 intentos de suicidio, dice em la L. VI: "Una ruta y una montaña atrás"; en la VI: "Primero vi la cruz, después el pasillo. Al principio vi las dos cosas separadas y ahora relacioné el pasillo con la cruz y en L.X: "Dos hormigas, están muertas, porque están las patas para arriba".

Isabel con varios intentos con pastillas, dice em la L. III: "Esta figura en rojo me da la sensación de muerte, sensación de laxitud; un cuerpo exánime que está cayendo en el vacío; un cuerpo de una mujer. Posiblemente lo asocié con la muerte de mami", en la V: "Una mariposa negra, exótica, el más bello insecto de la creación, pero también me inspira mucha lástima, porque viven um día nada más y en la VII: "Lo demás sigue pareciéndome vegetación o nubes y vendría a decir que estoy entre el cielo y la tierra, no?"

Enrique, que también intentó con pastillas, dice em la L. III: "Personas colgándose del cuello", en la IV: "Lechuza como aboyada, es oscura, amenazante. Tiene actitud de dar el zarpazo" y en la VI: "Submarino que se va a hundir"

Estela (pastillas), dice em la L. IX: "Ciervos y campos verdes. Es un campo que se está ardiendo, porque no pueden ser ciervos, porque se están quemando"

Diana dice em la L.I: "Una persona que mira al horizonte, la cabeza levantada" en la L. III: "Acá veo dos personas, y debajo hay como un sendero, un camino y en el fondo de ese camino hay como una luz" (?) "Está debajo de esas personas que van a ir por ese sendero, en el fondo hay como una luz que es esta parte" y en esa misma lámina: "Dos mujeres que están observando que algo se les cae encima y no pueden hacer nada, están quietas, como atadas" y en la IV: "Un corazón dividido y algo que sale en triunfo" (?) Me da la sensación de profundidad, como que el corazón podría partir-se. Arriba hay como una luz blanca que me da la sensación de triunfo; será porque logra salir", en la VII: "Dos personas caminando hacia la luz".

## BIBLIOGRAFIA

- ABADI, M.; YAMPEI, N.; ROLLA, E.; GARMA, A y GARMA, E. *La fascinación de la muerte*, Buenos Aires, Paidós, 1973.
- ECHENIQUE S.; HERRERA, M.T. y PASSALACQUA, A. *El Rorschach en la detección del potencial suicida*, trabajo presentado en el XIII Congreso Internacional de Rorschach y Otras Técnicas Proyectivas, París, Francia, 1990.
- ECHENIQUE, S.; HERRERA, M.T. y PASSALACQUA, A. *El Rorschach en la Prevención del Suicidio*, trabajo presentado en las II Jornadas Nacionales de A.D.E.I.P., Córdoba, Argentina, octubre de 1990, y publicado por la Oficina de Publicaciones de la Facultad de Psicología de la Universidad de Buenos Aires.
- GRANEL, J. Comunicación Personal
- Revista de la Asociación Argentina de Psicodiagnóstico de Rorschach, Año 12, Número 1, 1990 (Síntesis de workshop sobre *Prevención del Suicidio* .





## OS TESTES PROJETIVOS COMO INSTRUMENTO TERAPÊUTICO NA TERAPIA BREVE DE INDIVIDUAÇÃO

<sup>5</sup>MAURÍZIO CANTALE  
NARA RUBIA MONTEIRO

**□** trabalho que apresentamos se refere à nossa atividade de psicólogos junto ao Consultório de Psicologia do Hospital Militar de Milão, com pacientes que estão prestando o serviço militar.

A idéia do nosso estudo partiu inicialmente do uso que fazemos no Consultório das técnicas projetivas, na terapia breve de individuação: com finalidade psicodiagnóstica e terapêutica, segundo o método proposto pelo psicanalista Dr. Tommaso Senise e colaboradores, experto em Psicologia de adolescentes.

A terapia breve de individuação consiste numa fase inicial de entrevistas e aplicação de testes, com a finalidade de estabelecer um perfil psicodiagnóstico do paciente, elaborado em modo a poder restituir sucessivamente ao paciente um quadro, um espelho da sua própria personalidade.

A fase sucessiva aquela da restituição e poder se efetua em diversos encontros com o paciente, durante os quais o terapeuta comunica ao paciente o resultado da fase psicodiagnóstica não somente no sentido de "devolver-lhe" o material diagnóstico mas, sobretudo, procurando mobilizar no paciente sua própria capacidade de insight e motivá-lo a interessar-se pelos próprios problemas.

Esta modalidade pode permitir o estabelecimento de um processo terapêutico que na maior parte dos casos por nós selecionados pode se resolver num limite de tempo breve ou, nos casos mais difíceis, pode prosseguir em um novo contexto terapêutico ou mesmo constituir a fase inicial de preparação de uma análise.

Tal método nos pareceu particularmente útil enquanto permite efetuar um trabalho psicoterapêutico num breve espaço de tempo: o serviço militar dura um ano e muitas vezes os nossos pacientes chegam ao Consultório quando faltam poucos meses para concluí-lo.

Além disso, nossos pacientes são, na maior parte, sujeitos com uma idade que varia dos 18 aos 20 anos, os quais são considerados juridicamente e socialmente adultos, mas, a nossa experiência profissional nos faz pensar que alguns deles se encontram numa fase de prolongamento da fase da adolescência.

Através das nossas observações, pudemos verificar que os problemas mais freqüentes destes "adolescentes tardios" referem-se, sobretudo, à dificuldade de adaptação à nova situação, determinada com o início da vida militar.

5 - Trabalho apresentado no XIV Congresso Internacional de Rorschach e outras Técnicas Projetivas  
LISBOA- 1993.

Na nossa opinião, para muitos destes jovens, as dificuldades de ambientação são devidas à reativação do processo de separação-indivuação e do conflito edípico já experimentado na infância.

Da anamnese destes jovens não emerge nenhum quadro psicopatológico de relevância, e durante as primeiras entrevistas não foram evidenciados distúrbios que pudessem impedir-lhes uma útil permanência na caserna; além disto estes jovens se apresentavam como normalmente integrados na vida civil e nos grupos sociais de origem.

De fato, esta dificuldade de adaptação, no nosso modo de ver, parece atribuída aos distúrbios aparentemente patológicos, mas na maior parte dos casos, são característicos da adolescência.

A adolescência prolongada é considerada como um prolongamento da normal fase de tempestade evolutiva da adolescência e de consolidação da estrutura e dos conteúdos psíquicos.

Diferentemente da puberdade, que é um ato da natureza, a adolescência é um ato do próprio homem (Bloss, 1976). De fato, a síndrome da adolescência prolongada (Bloss, 1954) que se apresenta como uma relutância para concluir a última fase da juventude, parece atribuída à resolução somente parcial dos conflitos infantís e explica em grande parte as diferenças individuais na formação do caráter do adolescente.

Freud, em 1924, estabeleceu a analogia entre a conclusão do complexo edípico e a fase de adolescência.

O conflito edípico, que é reativado com o início da puberdade, parece não ser o único problema, apesar da sua importância, a ser revivido intensamente durante a adolescência.

A necessidade de distanciar-se das "ligações objetais infantís" (Anna Freud, 1958) representa um outro traço importante para a conquista da própria autonomia e da própria identidade pessoal: tal processo de individuação-separação muito bem descrito por M. Malher no seu trabalho sobre os primeiros anos de vida da criança, parece reaparecer na adolescência.

A capacidade da criança de introjetar a figura materna como objeto separado de si, durante a fase de separação-indivuação, lhe permite estabelecer uma ligação entre o mundo interno e o externo: o adolescente não se refere mais ao mundo externo como quando era criança, mas ao próprio mundo interno, construído através da introjeção dos objetos da infância, dos quais ele deve procurar o destaque, a separação, efetuando uma transferência de investimento sobre o mundo externo.

Sabemos quanto complexo é tal processo, determinando uma série "alternante" de movimentos regressivos e progressivos, instaurando diversos estados afetivos que são característicos da mania, da depressão, do luto, e não necessariamente patológicos.

Em muitos dos sujeitos que se apresentavam ao nosso serviço no consultório por problemas de adaptação, constatamos uma série de sintomas e/ou comportamentos atribuídos a uma separação física e/ou simbólica da família de origem, determinada com o início da vida militar e o ingresso em um ambiente novo e muito diferente do ambiente familiar.

Os sintomas comumente observados se referiam a casos de anorexia, insônia, perda de memória, astenia, isolamento social, pessimismo. Em outros casos os jovens mostravam distúrbios psicossomáticos com proble-

mas do aparelho digestivo, cardiocirculatório, urógenital ou ligados ao sistema imunológico.

Notamos que, na maior parte dos casos, se manifestava uma dificuldade de iniciar um novo estilo de vida, que pudesse ter uma importância e um significado pessoal para o sujeito, fora do âmbito familiar e social. Muitos destes jovens experimentavam pela primeira vez, na história de suas vidas, uma situação objetiva (real) de estarem sós e separados das relações afetivas vividas precedentemente. Era como se tivesse chegado o momento de "colocar à prova" o próprio sentido de identidade, não somente como uma "vivência interna", como acontece no início da puberdade, mas agora de frente a uma realidade externa, objetiva.

Das entrevistas emergiam, além da história problemática, o pedido, não sempre explícito, de "voltar para casa". Através de mecanismos projetivos faziam eferências à preocupação com a própria família. As frases mais freqüentes eram: "minha mãe está mal porque estou aqui, fazendo o serviço militar, longe de casa", ou "minha família precisa de mim e da minha ajuda", demonstrando a impossibilidade de assumir os próprios problemas.

Da anamnese emergia freqüentemente uma história de dificuldade de separação no momento de iniciar a escola e no início da puberdade aparentemente não relevantes.

Em alguns dos casos por nós seguidos no Consultório, pudemos verificar um verdadeiro e próprio interesse por parte do paciente de interrogar-se com perguntas do tipo: "quem sou eu?", "o que está me acontecendo?" ou "qual o significado das minhas relações com os outros e comigo mesmo?"

Encontramos jovens que aparentemente se mostravam capazes de utilizar o processo formal do pensamento (Piaget), mas que faziam um uso defensivo contra as próprias emoções, chegando a um fechamento em si mesmos, e estruturando uma personalidade do tipo narcisista, como defesa contra a necessidade de dependência.

Em todos os nossos pacientes, observamos que os testes apresentavam uma função específica na terapia breve de individuação, funcionando como "objeto transacional" (no sentido de Winnicott), colocando-se entre a percepção e a imaginação, ou seja, entre a realidade interna e externa do sujeito, e entre o sujeito e o terapeuta.

Os sujeitos do nosso estudo são de sexo masculino; com idade entre 18 e 27 anos, com preponderância dos jovens em torno de 19 anos e de nível sócio-econômico variável, na maioria de classe média, ou média inferior.

Em geral, os mais jovens e de classe média inferior provinham da região sul do país.

Apresentaremos um breve caso de modo a poder ilustrar, o quanto possível, a prática do método empregado nas nossas observações: falaremos de Marco.

Marco tem 26 anos e foi enviado ao nosso Consultório devido a um episódio de insubordinação na sua caserna, pelo qual fora punido. Tal episódio se referia a um comportamento violento contra um seu superior.

Parecia que tal fato tivesse provocado no rapaz uma grande preocupação, seja pelo seu comportamento inusual, como pelo aumento de seu estado de tensão emocional.

Além disso parecia preocupado pela sua dificuldade de estabelecer relações sociais, seja durante a vida militar como que precedentemente. Apesar da idade "avançada", Marco apresentava algumas características dos jovens em "adolescência prolongada". Ele havia pensado, já há muito tempo, em pedir ajuda a um psicólogo, mas nunca chegou a concretizar tal intento.

É o segundo de quatro irmãos, dois homens e duas mulheres de uma família de nível sócio-econômico médio. O pai tem 61 anos e é um propagandista farmacêutico aposentado, a mãe tem 53 anos e é professora. Tem uma irmã de 23 anos, casada, e em casa vivem um irmão de 28 anos, formado em advocacia e uma irmã de 20 anos, estudante.

O paciente relata a sua história familiar perturbada pelas brigas contínuas entre os pais que o deixavam sempre com grande sentimento de terror, de pânico. Quando era pequeno ele ouvia, durante a noite, os gritos dos pais e tentava tapar os ouvidos para poder dormir. Segundo ele, esta situação era provocada pelo comportamento do pai, o qual ele via como uma pessoa violenta e muito prepotente. A mãe, como consequência, era sempre muito nervosa e irritada e habitualmente gritava com os filhos.

Marco se lembrava com muita tristeza a preferência que o pai demonstrava pelo irmão maior, descrito como idêntico ao pai: violento, impulsivo e prepotente como ele, e que subjugava toda a família, inclusive Marco. Demonstrava, ao invés, se identificar com a irmã menor, vítima, como ele, da agressividade do irmão.

Quando fala de si e da sua relação com os outros, fora do ambiente familiar, Marco se define como um impulsivo, e, segundo ele próprio, por este motivo que se interrompera recentemente a sua relação com a namorada.

Conta que atualmente estes seus ataques de raiva, fora do ambiente familiar tem aumentado e que ele tem tido problemas de sono. Quando consegue dormir, sonha quase sempre que alguma coisa o está espremendo, sufocando e esta sensação dura por todo o dia. Relata que este tipo de sonho com a mesma sensação, ele já havia experimentado por um período da sua infância, mas que com o tempo havia desaparecido.

Desde pequeno conservava como uma espécie de "segredo" o desejo de ir embora de casa. De fato, apenas adolescente, começou a procurar atividades de trabalho ou divertimento que lhe permitissem sair para longe de casa. Estas experiências porém se concluíam quase sempre com uma falência obrigando-o a voltar para casa com um sentimento de incapacidade muito acentuado.

A vida da família foi se deteriorando com o passar do tempo: o pai que atualmente aposentado vive como um misantropo, completamente isolado da vida social: a mãe, para não ficar em casa, depois da aposentadoria do marido começou a trabalhar como representante comercial e o irmão maior parece que tomou o lugar do pai na família comportando-se como um chefe autoritário. A irmã menor parece ter se submetido completamente a este irmão que chega a usar maneira brutais para demonstrar o seu poder, agredindo-a fisicamente; quando isto acontece, o pai não intervém em favor da filha, e Marco algumas vezes precisou até chamar a polícia para impedir que a irmã fosse maltratada.

Marco diz que com este comportamento o irmão maior é temido por toda a família, mas continua sendo, apesar de tudo, admirado e respeitado pelos pais, mais especificamente pelo pai.

Marco quando vai para casa, em licença do serviço militar, espera sempre poder encontrar um clima tranqüilo e sobretudo ser bem recebido pelos familiares, mas quase sempre estas visitas se concluem com uma grande frustração para ele que não fala com o pai, é continuamente provocado pelo irmão e parece que até mesmo a mãe se irrita com a sua presença e chega mesmo a dizer-lhe para não aparecer em casa.

Após as entrevistas, nas quais Marco exprimia em modo claro o seu desprazer, o seu sofrimento, e ao mesmo tempo o seu desejo de poder entender o que lhe estava acontecendo, lhe propusemos efetuar alguns testes, de modo a poder abreviar o tempo do diagnóstico. Marco parecia se sentir aliviado pelo fato de ter alguém que pudesse se ocupar dos seus problemas e pareceu sempre muito motivado a fazer os testes.

Foram aplicados o Blacky Test e o Rorschach, utilizando o sistema Compreensivo (Exner).

No Consultório utilizamos dois diferentes métodos de aplicação do Rorschach: o método de Carlo Rizzo, da Escola Romana de Rorschach e o sistema Compreensivo de Exner, utilizado pela Escola Lombarda de Rorschach, sem nenhum problema de contradição diagnóstica.

O resultado do Blacky Test indicava uma insatisfação das necessidades orais, de frente a uma grande vaidade do sujeito, causa de um forte sadismo oral, todavia negado. O ciúme que Marco sente com relação ao pai parece transferido para o irmão e ele experimente um forte sentimento de baixa estima de si.

No Rorschach, apesar de ter revelado um bom nível de inteligência, com adequada capacidade de efetuar síntese em modo eficaz, ele apresentava um certo déficit na correta avaliação da realidade. De fato, no Somatório Estrutural observa-se a presença de síntese irracional no processo do pensamento como índice de um certo grau de confusão mental e afetiva que poderiam ser relacionados com conflitos do âmbito simbiótico.

O ego de Marco se demonstrava frágil perante a força da pulsão e ele tendia a utilizar defesas de tipo narcisístico que não se demonstravam igualmente eficazes. Do mesmo modo a capacidade de controle e tolerância nas situações de stress se revelava diminuída. Em consequência, Marco parecia pouco disposto a envolver-se afetivamente nas relações interpessoais: sua afetividade parecia rigidamente controlada a ponto de induzi-lo a efetuar avaliações muito formais e superficiais da realidade. Podia observar-se uma certa dificuldade de elaboração do pensamento devido à própria necessidade de manter o isolamento afetivo, comportando uma maior tendência ao 'acting-out'.

O Rorschach revelou ainda um considerável número de respostas anatômicas que pareciam indicar a preocupação de Marco relacionada ao temor de um retorno da agressividade sobre si mesmo. Além disso, um significativo número de respostas concomitantes coloridas e acromáticas denotava a sua ambivalência afetiva. Talvez devido a esta ambivalência, Marco parecia tão preocupado pelo seu relacionamento com os outros, mas na realidade ele não demonstrava ser capaz de estabelecer e manter verdadei-

ras relações afetivas devido a utilização das defesas de tipo narcisístico. A sua ambivalência se manifestava também na ressonância interna íntima do tipo ambigüal.

Este aspecto pode explicar, em parte, o comportamento de fuga e retorno, continuamente exercido por Marco no relacionamento com a sua família, sem nunca ter conseguido nenhuma modificação no tipo de relação com os familiares.

Parecia que o início da vida militar tivesse de qualquer modo colocado Marco de frente a um conflito com a figura autoritária paterna, evocando a situação edípica não resolvida.

Além disto, a separação involuntária de casa, que ele não podia dirigir e controlar como havia feito até este momento, parece ter suscitado em Marco sentimentos de abandono, já experimentados na infância, ao mesmo tempo que parecia aumentar o seu desejo de satisfação e gratificação das necessidades primárias. Por outro lado, os pais não pareciam em condições de poder compreendê-lo e ajudá-lo, já que estavam completamente ocupados com os próprios problemas pessoais.

Desse modo, o conflito com o pai parece ter sido transferido para as figuras de autoridade encontradas na vida militar que ele não conseguia enfrentar com segurança e tranqüilidade, acabando por apresentar manifestações incontroladas de raiva e agressividade não só na caserna, mas também no ambiente externo.

O mal estar de Marco parecia sobretudo relacionado à sua identificação com o próprio pai, que ele havia sempre temido e reprovado pelo seu comportamento agressivo e prepotente.

## A ENTREVISTA DE DEVOLUÇÃO OU RESTITUIÇÃO

Tentamos, no limite de nossa possibilidade, traçar a Marco um quadro que pudesse retratar do modo mais fiel possível a sua situação, a partir dos resultados dos testes inseridos no contexto clínico.

Pudemos comunicar-lhe que a situação de mal estar e sofrimento que ele vivia atualmente devido ao próprio comportamento agressivo e incontrolável, nos parecia ligado a suas experiências infantis; na realidade a raiva experimentada em relação aos pais e, sobretudo em relação ao "pai edípico", pareciam ressurgir atualmente em função do inevitável confronto com a figura de autoridade a qual ele tinha que se submeter na vida militar, sem poder desta vez colocar em ação seus comportamentos de fuga do confronto, como ele havia sempre feito com o pai.

Na realidade, Marco tentava evitar este momento de confronto com o pai através dos contínuos abandonos da própria casa e dos contínuos retornos, e até hoje, apesar dos seus 26 anos, ele continuava morando na casa dos pais e dependendo deles, mesmo que economicamente, sem necessidade real, pois tinha um trabalho que lhe permitia se manter.

Com a falência das modalidades defensivas empregadas por Marco, ele não se sentiu em condições de impedir e de controlar a emergência dos sentimentos negados de hostilidade pelos pais, que experimentara na infância.

A restituição diagnóstica feita a Marco durou alguns encontros, através dos quais Marco pode falar com a terapeuta, pedindo esclarecimentos, adicionando recordações e sentimentos aos fatos já relatados e dessa forma iniciando um processo de elaboração das próprias experiências. Marco, durante este período, se mostrava "encantado" cada vez que se descobria identificado com a imagem que lhe era proposta pela terapeuta.

Tivemos alguns encontros, no final dos quais ele se sentia muito menos nervoso: havia recomeçado a se alimentar e a dormir regularmente. Mostrava-se interessado em estabelecer novas relações sociais dentro e fora da caserna e havia reativado as velhas amizades.

A relação com os familiares se demonstrava mais tranqüila e Marco estava refazendo um programa de vida. Havia decidido sair definitivamente da casa dos pais e retornar ao trabalho, assim que terminasse o serviço militar. Começava a se aceitar com toda aquela série de problemas que faziam parte da sua personalidade. Afinal, sentia-se perfeitamente adaptado à vida militar e tomou uma importante decisão quando estava para concluir o tempo do nosso breve trabalho, em coincidência com o fim do serviço militar: iniciar uma análise individual com a finalidade de conhecer de modo mais profundo a própria personalidade e procurar encontrar uma solução para alguns dos seus problemas, que naturalmente não haviam podido ser tratados no breve tempo

A importância deste caso para nós está no fato de que Marco tenha adquirido a capacidade de assumir os próprios problemas e ao mesmo tempo tenha iniciado a sentir a necessidade de poder pensar sobre si mesmo.

### INTRODUÇÃO

Como todos sabemos as crises de pânico, ou ataques de pânico, como também são chamadas, já há mais de 15 anos que não são mais consideradas como uma expressão de ansiedade máxima. O pânico passou a ser considerado uma doença independente de outras enfermidades psiquiátricas, que tem seu início de maneira abrupta e inesperada e vem acompanhada de sintomatologia somática rica. Essa doença afeta milhões de pessoas no mundo, ao ponto de já ser considerada uma síndrome digna de ser pesquisada sob diversos ângulos; entretanto, nos trabalhos até agora publicados, praticamente não se tem levado em consideração a personalidade do paciente, talvez pelo fato de que, a maioria desses trabalhos são da autoria de psiquiatras. As crises descritas pelos pacientes são a tal ponto violentas que a sensação de loucura e morte iminentes, os leva a procurar um médico e de preferência o psiquiatra. Nas intercrises, ou nas fases posteriores às crises, alguns desses pacientes passam a ter uma orientação psicológica, visando um tratamento paralelo ao quimioterápico, tratamento este, que até o momento, tem-se mostrado como o mais eficiente para cortar ou diminuir as crises, em intensidade e frequência.

### HISTÓRICO

Teorias psicológicas, biológicas e até comportamentais foram desenvolvidas tentando explicar a síndrome do pânico, e principalmente, sua origem. Ela tem aparecido com maior frequência nos últimos anos, mas existe há muito tempo. Freud, ao descrever um caso de histeria do ponto de vista clínico-fenomenológico, há quase 100 anos, retrata, nas palavras da paciente (Katarina) a síndrome que hoje conhecemos como "Doença do pânico".

Freud considerava tratar-se de crises de ansiedade relacionadas a vivências traumáticas na área sexual; mais tarde, ele concluiria que essa ansiedade exacerbada era sinal para a repressão em lugar de sua consequência. Do ponto de vista psicanalítico, pode ser explicada a psicodinâmica desses pacientes, mais difícil é compreender porque em certos casos se estrutura a "síndrome do pânico" como defesa de impulsos agressivos ou sexuais inaceitáveis, e em outros, surge ansiedade generalizada, fobias e hipocondria.

As teorias comportamentais partem do modelo experimental de Watson sobre a ansiedade, mas é difícil encontrar nos dados da Entrevista, um fato suficientemente traumático que justifique essa reação. No entanto, existem pessoas que enfrentam situações muito penosas sem que por isso desenvolvam a síndrome.

6 - Trabalho apresentado no VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE RORSCHACH E OUTRAS TÉCNICAS PROJETIVAS - CAMPO GRANDE M.S. 1992



Na última década, as teorias biológicas sobre a ansiedade e a doença do pânico estão sendo pesquisadas nos Centros Psiquiátricos de maior projeção, principalmente na Europa. De acordo com M. Versiani o interesse nessas pesquisas foi motivado, entre outras coisas "pela comprovação da existência de entidades clínicas distintas dentro do grande grupo de manifestações de ansiedade; pela demonstração em estudos genéticos, da herança da doença do pânico; pela excelente resposta dessa doença aos antidepressivos e pela descoberta de que o lactato de sódio produz ataques de pânico em portadores da doença e não em outras pessoas".

Na minha conferência sobre "Saúde Mental" no último Congresso em Buenos Aires, fazia alusão aos recentes descobrimentos, principalmente de neurotransmissores bioquímicos, no que diz respeito à ansiedade, os benzodiazepínicos (ansiolíticos) que atuam sobre os receptores cerebrais específicos. Há cerca de um ano foi descoberto um antagonista dos benzodiazepínicos específico, único, que levou os estudiosos do assunto a concluir que existe uma grande base orgânica da ansiedade. Na verdade podemos perguntar-nos o que veio antes, o ovo ou a galinha? O emocional pode ser tão atuante a ponto de originar alterações na base orgânica, ou esta existe previamente, determinando uma forte tendência para a ansiedade. Finalmente, o aparecimento da "Síndrome do pânico" exigiria a presença desses dois fatores, para a eclosão da crise? Na verdade são questionamentos que unicamente investigações, cada vez mais aprimoradas, poderão responder. De acordo com o psiquiatra Marçio Versiani "as teorias mais promissoras sobre a doença em estudo, procuram alterações no sistema nervoso central que expliquem os sintomas neurovegetativos do ataque de pânico. Ou seja um local no sistema nervoso central que desregulado inicie a cadeia de eventos que constituem o ataque". De acordo com esse mesmo professor o locus ceruleus "desregulado" pode explicar toda a sintomatologia.

A Dra. S. Ines Ruschel também aponta, dentro da abordagem biológica, como a teoria mais aceita a que preconiza um aumento da atividade dos neurônios noradrenérgicos provenientes do locus ceruleus. Também relata o pensamento de Klein para quem o mecanismo subjacente à ansiedade de separação nos seres humanos se acharia distorcido em pacientes com distúrbio de pânico. Este distúrbio não seria uma reação apreendida, mas sim geneticamente programada e biologicamente determinada.

Enfim, mesmo aqueles estudiosos que enfatizam as teorias biológicas para explicar a origem da doença, e que consideram o tratamento com antidepressivos altamente eficaz, julgam não menos importante a Psicoterapia, principalmente para melhorar uma das modalidades evolutivas da doença que encontramos com maior frequência, a agorafobia e também; para atenuar a ansiedade da separação.

#### **OBJETIVOS DO PRESENTE TRABALHO**

1. Mediante a análise do Método de Rorschach, nos propomos a estudar a personalidade de indivíduos portadores da "doença do pânico".
2. Fazer o levantamento dos 85 protocolos da amostra, relativos a indivíduos clinicamente diagnosticados como portadores da síndrome.
3. Estudar as características de personalidade apresentadas nessa amostra.

4. Comparar esses resultados com amostras da mesma faixa etária e nível cultural considerados "normais".

5. Finalmente, num estudo futuro mais abrangente, estudar a personalidade prévia desses pacientes à luz das Entrevistas e fazer uma avaliação qualitativa, profunda, dos respectivos protocolos do Método de Rorschach.

#### CARÁTER DA AMOSTRA

Trabalhamos com 85 indivíduos de nível superior ou equivalente, com idades compreendidas entre 27 e 42 anos, 64% casados, 20% solteiros e 16% desquitados, separados ou divorciados.

A maior parte foi examinada na Clínica de Psiquiatria do Hospital Pedro Ernesto da UERJ, no Rio de Janeiro e os restantes na Consultoria Médica, "Clínica Jardim Botânico" dirigida pelo Dr. Jorge Alberto Costa e Silva.

Os pacientes procuraram o Centro de Psiquiatria sendo mais tarde encaminhados para atendimento Psicológico quando foram entrevistados e submetidos ao Psicodiagnóstico de Rorschach.

#### CRÍTICA DA PESQUISA

Quando analisamos cuidadosamente os diversos dados da amostra verificamos:

*Em relação à Percepção* ou tipo de enfoque, o sexo feminino mostrou-se equilibrado em 64%; 28% colocou ênfase nos aspectos globais das lâminas e apenas 7% preocupou-se de maneira acentuada com os detalhes.

O número de perceptos de espaço em branco, em média, foi de 2,39.

No sexo masculino 56% da amostra escolheu o tipo da percepção global, 30% se prendeu aos detalhes maiores e 14% nas áreas mais irrelevantes das lâminas.

O número de perceptos de espaço em branco situa-se na normalidade, 2,26.

Resumindo, a amostra dos homens manifestou maior tendência a abstração e síntese, as mulheres parecem prender-se mais aos aspectos práticos do cotidiano. Comparando esses resultados com o de amostras consideradas "normais", o produto foi idêntico.

A *posição vivencial* de ambos os grupos considerada de escolha foi a extroversiva, 42% no sexo feminino, e 33% nos homens. Em ordem de preferência as mulheres se mostraram coartativas, 22%, em seguida introversivas 20%, e finalmente, 16% ambiguaes.

Já o sexo masculino que não optou pela extroversão ficou ambigüal em 26% dos casos, como coartativo 20% e a mesma percentagem de introversivos.

É curioso verificar que tanto homens como mulheres, apresentam as mesmas percentagens de coartação e introversão, perante a situação traumática que vivenciam; procurando apoio nos próprios recursos internos, ou fechando-se em si mesmos, para diminuir a área de atritos, mas paradoxalmente, como a maior parte da energia psíquica se volta na direção deles próprios, a hostilidade e oposicionismo implícitos nas respostas de espaço em branco, seguem a mesma direção, vindo a incidir sobre o próprio "ego".

É conduta adotada de modo geral, pelos seres humanos com problemas, preocupações, traumas ou conflitos. Experimentam sentimento de minusvalia, inferioridade e de certa forma culpa pelos seus traumas. Contudo, devemos alientar, que a maioria optou por uma posição extroversiva em ambos os grupos.

#### **CAPACIDADE DE CRÍTICA (F+ EXTENSO)**

Ao estudarmos os dados da pesquisa o fator que mais nos interessou foi o desempenho desses pacientes em seu julgamento crítico desimpedido de fatores emocionais. Até que ponto a situação profundamente traumática e mobilizante das crises de pânico, teria lesado, de maneira permanente, o controle do pensamento lógico? Como o ego consegue conduzir-se nas fases pós- crise, frente ao perigo da repetição do ataque? Mantém sua plasticidade saudável, ou existe um comprometimento; a que nível, neurótico, psicótico? Surpreendentemente a percentagem encontrada no sexo masculino foi de 80,36% e no sexo feminino de 80,16% indicando a força do ego, a sua firmeza no teste da realidade. Esse resultado, praticamente o mesmo em ambos os sexos, nos leva a pensar que uma vez passado o ataque, o ego se mantém organizado e consegue conservar sua defesa frente a angústia residual.

#### **SOMATÓRIO DE F%**

Como sabemos a qualidade dos aspectos formais precisa ser integrada no protocolo junto ao número desses perceptos que, em princípio, não deve representar no cômputo geral, além de 50% da totalidade das respostas. Um aumento das mesmas implica numa coartação da personalidade e vai em detrimento dos restantes elementos da personalidade. Do lado oposto, conforme as percentagens vão-se aproximando de 40% a espontaneidade vai aumentando; abaixo de 40% os sinais de desajustamento às normas comam a aparecer, exigindo que os outros controles estejam bem representados, caso contrário, o indivíduo poderá ser dominado por seus impulsos e emoções.

Na amostra em estudo essa percentagem, em média, ficou em 43% para o sexo feminino e 37% para os homens. Em princípio, o grupo feminino estaria fazendo um uso adequado do controle lógico.

No grupo masculino os sinais de desajustamento começam a aparecer tornando-se necessário o bom funcionamento dos outros controles e principalmente, do controle geral, caso contrário, poderíamos pensar na possibilidade de estar sendo dominado por seus impulsos e emoções.

Vejamos, então, o comportamento da amostra dos pacientes portadores do mal de pânico, quanto ao controle geral.

#### **CONTROLE GERAL**

Nos seres humanos temos diferentes tipos de controle, o intelectual é o mais freqüentemente utilizado. Verificamos que esse controle na amostra em estudo é utilizado parcimoniosamente, especialmente nos homens que, embora mantenham intacta a capacidade de crítica após as crises, se utilizam dela numa percentagem de apenas 37%. Essa espontaneidade que os situaria, de acordo com os estudiosos de diversos países, como desajusta-

dos, é modificada, de certa forma, por outros mecanismos. De fato, o controle geral, no sexo masculino, foi de 60% e nas mulheres, 58%.

Na minha experiência com adultos "normais" esse controle oscila entre 50 e 75%. Esse desempenho foi conseguido, pelos indivíduos mais introvertidos e coartativos, mediante a introspecção e a reflexão, e pelos extrovertidos mediante sua sensibilidade e capacidade de contato, procurando adaptar-se aos desejos dos outros, de quem dependem efetivamente.

#### DINÂMICA AFETIVO-EMOCIONAL (M:FM+M)

Não nos deteremos no significado psicológico desses três perceptos, além de alongar desnecessariamente esta comunicação escapa à finalidade do presente trabalho. Lembremos apenas, que M pressupõe a identificação e dessa forma tem relação com a empatia e o interesse social, já FM parece ser consciência de impulso para gratificação imediata, embora num protocolo equilibrado, sua presença seja necessária, afinal também representam "força do ego", vivacidade que não deixa de ser energia e disposição, que pode vir a transformar-se em M, como demonstrei num Congresso em Montevidéu, sobre a dinâmica das "respostas de movimento".

Nos pacientes portadores da síndrome de pânico verificamos que, no sexo masculino o percepto M foi maior que dois e superior a FM em 43% dos indivíduos o que por sua vez representaria a percentagem em que a necessidade de gratificação imediata se encontra subordinada a valores mais elevados e indica maturidade, pois consegue tal solução sem excessivo conflito interno.

36% desses indivíduos apresentam nos seus protocolos, uma proporção de FM: M sugerindo instabilidade emocional. Em 20% dos protocolos encontramos M = FM, indicando tolerância com os impulsos. Finalmente uma proporção de FM + M 1 e meia vezes M foi encontrada em 36% dos casos, indicando que as tensões desenvolvidas pelos conflitos são tão fortes que impedem ao indivíduo de utilizar seus recursos de maneira construtiva.

Naturalmente, essas hipóteses ficam alteradas a luz das respostas de cor, principalmente de CF quando a tolerância ou intolerância pode transpirar na conduta e o paciente autar impulsivamente.

No sexo feminino da amostra, encontramos maior índice de impulsividade, M FM em 40% dos casos, apenas 30% apresentam M: FM, em 29% a proporção era similar. Talvez por isso, apresentam um controle construtivo mais severo.

Vejamos a seguir como a dinâmica das respostas de movimento poderá ser modificada pelos perceptos de cor.

#### RESPOSTAS CROMÁTICAS

Os perceptos forma - cor, (FC) significam que o indivíduo tem capacidade de emoção mas controlada pela razão, ele poderá emocionar-se mas, ao mesmo tempo, se manterá objetivo. Significam sempre um esforço para adaptar-se à realidade. Precisamos de esforço, da atuação volitiva para não deixar-nos envolver inteiramente pelo afeto, pois na relação afetiva, o meio é ativo e o sujeito passivo. Quando essa passividade se intensifica o indivíduo é dominado pela emoção que acompanha o afeto, seja ele positivo ou

negativo, assim as frases tão conhecidas do vulgo, "foi levado pela emoção", "tomado pelo ódio", e tantas outras expressões onde a passividade do paciente fica evidente. Não esquecer que afeto é emoção e emoção vem de emovere, tirar de, movido de, "tirado do sério". Vejamos como se processa essa dinâmica dos perceptos de cor nos pacientes afetados pela "síndrome do pânico".

No sexo masculino a percentagem de vezes que na amostra, foi tirado do seu controle e se envolveu afetivamente, emocionalmente, perante os estímulos coloridos foi de 68%. Manteve o controle e soube lidar com a emoção em apenas 14% dos casos. Finalmente o impacto foi tão forte que se coartou totalmente, não conseguindo apresentar nenhum percepto de cor, em 17% dos casos.

No sexo feminino, o resultado foi parecido: 63% das mulheres da pesquisa apresentaram predomínio da emoção sobre a razão e a lógica: mantiveram o equilíbrio e o controle necessário em 20% dos protocolos, houve um desejo de adaptação (FC = CF) em 9% e ficaram impactados frente ao estímulo colorido, 8%.

Em ambos os sexos, é patente a força do estímulo que com facilidade invade o psiquismo; a defesa do ego frente ao ambiente é frágil e que determina sugestibilidade, emotividade; o grupo da amostra seria propenso a reações emocionais intensas e impulsivas, embora sem abandonar completamente o desejo de adaptação. As respostas da amostra também não foram de caráter destrutivo, sendo frequentes as paisagens, pinturas abstratas, flores etc. É preciso também considerar que o F+% da amostra foi alto, e percepção de M maior que FM + m, persistiu na maioria, em ambos os sexos e o controle geral foi normal.

Vejamos o comportamento desses pacientes portadores de "síndrome do pânico" em relação ao fator ansiedade.

#### VOLUME DE ANSIEDADE

Examinamos esse fator, principalmente, pela análise das respostas acromáticas, apresentando, de longe, o maior peso os perceptos Fc, de textura, em seguida os FK de perspectiva, depois os FC' e finalmente, as KF e K.

O volume de ansiedade foi maior no sexo feminino, 6,3 respostas em média para 5,9 nos homens. Podemos considerar esses dados como índice de depressão ou ao menos, tendências depressivas principalmente, no sexo feminino cuja soma de respostas de cor em média, foi de 2,92, ou seja, inferior à metade dos perceptos de claro-escuro.

Os outros sinais do Método de Rorschach referentes a angústia ou ansiedade não foram significativos.

#### CONCLUSÕES

Após o levantamento de 85 protocolos do Método de Rorschach relativos a pacientes clinicamente diagnosticados como portadores da "síndrome do pânico" deduzimos o seguinte, a respeito de sua personalidade:

*Percepção* . Percebem as coisas de maneira equilibrada. Os representantes do sexo masculino manifestam maior tendência a abstração e síntese. As mulheres da amostra parecem mais interessadas nos aspectos práticos da

realidade imediata. O resultado apresentado por ambos é condizente com o de amostras consideradas "normais".

*Posição Vivencial.* A posição vivencial, preferencialmente escolhida pelos dois sexos, foi a extroversiva.

*Capacidade de crítica.* Ela é mantida em nível elevado. A situação extremamente traumática experimentada durante as crises, não parece ter lesado o controle do pensamento lógico desses pacientes. A percentagem de F+ extenso obtida por ambos os sexos, foi muito parecida, 80,36% e 80,16%, para homens e mulheres, respectivamente.

O uso que fazem do controle intelectualivo é diferente, as mulheres apresentam um somatório de formas dentro dos limites considerados normais, 43%; os homens relaxam esse controle para 37%.

*Controle geral.* Entretanto, quando examinamos o grau de controle geral, o sexo masculino ficou em 60% e o das mulheres em 58%. Na minha experiência com adultos "normais" esse controle oscila entre 50 e 75%.

*Dinâmica afetivo-emocional.* A maioria, isto é, 43%, parecem subordinar a necessidade de gratificação imediata a valores mais elevados evidenciando maturidade. No grupo feminino encontramos maior índice de impulsividade.

Frete aos estímulos de cor, ambos os sexos manifestaram praticamente a mesma reação: a força do estímulo invade com facilidade seu psiquismo evidenciando excessiva emotividade e labilidade afetiva. O grupo em estudo seria propenso a reações emocionais intensas e impulsivas.

*O fator ansiedade.* O volume de ansiedade encontra-se aumentado em relação a grupos da mesma faixa etária e nível cultural. Entretanto, convém lembrar que esses pacientes foram examinados logo após o ataque ou nas inter-cries. No sexo feminino a ansiedade é mais intensa. Considerando que a soma de perceptos de cor foi em média de 2,92 para 6,3 de respostas acromáticas, podemos concluir que a amostra de pacientes com síndrome de pânico apresenta tendências depressivas.

Finalmente, desejaríamos terminar questionando: essa instabilidade afetivo-emocional e o volume de ansiedade encontrado, poderiam ser causas atuantes no desencadeamento das crises? Ou, foram as crises de pânico que determinaram essa alteração?

Em qualquer uma das duas hipóteses o perfil de personalidade apresentado pelo grupo pode ser considerado normal.

## RESUMO

Não encontramos entre as inúmeras citações bibliográficas sobre a doença do pânico, nenhuma referente à personalidade dos pacientes. Dessa forma, as autoras se propõem a investigar o perfil psicológico dos portadores da síndrome, mediante o Método de Rorschach. Dada a brevidade desta apresentação escolhemos apenas os seguintes aspectos da personalidade: o tipo de percepção e a capacidade de crítica utilizada nesse enfoque; a posição vivencial adotada nesse momento crítico da doença; o teor da repressão para manter afastadas da consciência as representações perturbadoras e geradoras de ansiedade; a dinâmica afetivo-emocional e os diver-

os graus de controle; finalmente, o volume de ansiedade e possíveis sinais depressivos.

A pesquisa foi realizada com uma amostra de 85 pacientes de nível superior ou equivalente e idades compreendidos entre 27 e 42 anos.

Os resultados obtidos nos levaram a concluir que, do ponto de vista da apuração quantitativa, estrutural, a integração emocional parece adequada, os sinais da realidade encontram-se presentes, o pensamento categorial se mantém intacto. Entretanto, a dinâmica afetivo-emocional apresenta certas alterações, quando comparados esses resultados com os de amostras consideradas "normais". Os pacientes portadores da doença do pânico parecem mais emotivos e sugestionáveis, as mulheres apresentam maior índice de impulsividade em relação ao esperado. Ambos os sexos são portadores de maior volume de ansiedade, do que grupos do mesmo nível cultural e idade, considerados "normais",

A percentagem de perceptos acromáticos versus cromáticos sugere ansiedade e tendências depressivas.



## FATORES CULTURAIS E DINÂMICA EMOCIONAL NA AMÉRICA LATINA: CRITÉRIOS NORMATIVOS DAS PROVAS PROJETIVAS

<sup>7</sup>Isabel Adrados

**A**preciaria poder focalizar este trabalho sob dois aspectos: nesta comunicação tentaria examinar os fatores culturais e a dinâmica emocional sob um ponto de vista "normal" e ao mesmo tempo procuraria refletir, brevemente, sobre critérios normativos das Técnicas Projetivas. Na próxima comunicação falaríamos sobre o mesmo tema, isto é a influência dos fatores culturais na dinâmica emocional mas sob um enfoque patológico: a sociedade atual como fonte de stress, dando origem a distúrbios emocionais, tais como a ansiedade extrema, a depressão e a síndrome do pânico.

Se observarmos atentamente, a conduta dos indivíduos de diversos países do mundo, verificamos que as reações frente a situações que envolvam elevado índice de agressão e hostilidade são praticamente as mesmas. Frente às guerras, frente ao surgimento de graves e incontroláveis doenças, perante clamidades sociais tais como o desemprego, a recessão, a violência, os FATORES CULTURAIS cessam de ter importância e surge o homem primitivo desprovido de suas defesas adquiridas. Nessas fases críticas, tão marcantes e freqüentes neste final de século, aquilo que é ontológico, essencial, transcendental, iguala a América Latina com outros continentes, desaparecem barreiras, raças, fronteiras e surge o indivíduo com o que tem de comum e inerente a todos os outros homens.

Em situações menos extremas, embora igualmente penosas, podemos observar que os países da América Latina vem suportando nas últimas décadas situações políticas, sociais, culturais e econômicas muito difíceis o que fatalmente repercute na dinâmica emocional de seus habitantes. Aqui no Brasil, meu país de adoção, onde resido há 40 anos, tenho presenciado toda classe de violências, desde a perda da liberdade de expressão na época da Ditadura, até a perda da liberdade de ir e vir (por determinados lugares, e em determinadas horas) que sofremos, atualmente, nas grandes cidades. A violência é de tal índole que quando saímos de casa não sabemos se voltaremos ou em que condições o faremos.

A recessão, o desemprego, a pobreza, a desorganização social, a inversão de valores tem levado os homens a uma situação de desespero e ao surgimento de condutas aberrantes: assaltos, roubos, seqüestros em série, prostituição de crianças, extermínio de menores, a banalização da vida, enfim. Essa conduta se estende ao campo onde, em que pese aos cuidados e a fiscalização do Governo, especialmente neste ano da ECO 92, a especulação da terra, as queimadas, a destruição, as matanças, são a tônica. O pior é que de tanto presenciar a impunidade, a injustiça e a miséria, grande parte da sociedade de nosso país ficou anestesiada e passou a adotar como coisa normal a amoralidade. É verdade que o atraso e a miséria predispoem à

7- Trabalho apresentado no VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE RORSCHACH E OUTRAS TÉCNICAS PROJETIVAS- CAMPO GRANDE- MS 1992



violência, à delinqüência. O abandono em que vivem milhões de crianças, a escassez de meios educacionais, a desmoralização, podem levar à anulação de valores éticos.

Todos sabemos que a criminalidade resulta em grande parte de uma combinação do egoísmo e um ambiente onde as oportunidades não são equitativamente distribuídos. Obviamente, todos esses fatores determinam graves alterações na dinâmica da personalidade. As depressões, as ansiedades extremas próximas da psicose, o mal do pânico, o stress praticamente crônico em que vivemos nas grandes áreas urbanas, são claras manifestações dessa situação de crise que nos afeta neste final de século.

Esse clima se reflete nitidamente, nos testes projetivos de personalidade e sobre esse tema pretendo falar na próxima comunicação ao abordar "a síndrome do pânico".

Tentarei apresentar, agora, algumas observações sobre a influência dos fatores culturais na dinâmica emocional de um ponto de vista mais normal e falar alguma coisa, sobre o que penso em relação aos CRITÉRIOS NORMATIVOS DAS TÉCNICAS PROJETIVAS.

Em Congressos anteriores apresentei a nível de pesquisa, como se refletem na personalidade os aspectos culturais e como ficam registrados esses aspectos no protocolo do Método de Rorschach, nos dados estruturais, numéricos e objetivos. Não é que eu considere esses dados o aspecto mais importante do protocolo, mas é sobre esses dados que se fundamentam as normas, os critérios que servem de referência para a primeira interpretação do teste: "a análise da estrutura da personalidade".

Considerando a cultura como uma síntese de padrões de comportamento, sistema de valores espirituais e materiais, hábitos de vida, crenças e tudo mais transmitido coletivamente, não há dúvida de que a cultura interfere na dinâmica emocional.

Nas investigações que venho realizando sobre o desenvolvimento humano, na tentativa de encontrar dados normativos, nossos, brasileiros, relativos a crianças, adolescentes, adultos e nos últimos anos a idosos, encontrei evidências que confirmam minhas suspeitas sobre o valor da universalidade dos dados normativos: os critérios levantados por especialistas de outras culturas para amostras semelhantes às nossas apontam diferenças significativas em vários aspectos da personalidade.

Lembro por exemplo que quando dirigia a Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro não contávamos com dados normativos brasileiros em que apoiar-nos para conseguir parâmetros conclusivos a respeito de protocolos de crianças que analisávamos nos círculos de estudo. Assim, meus alunos recorriam às publicações de Anzieu, Beizman e Bates. Pois bem, nossas crianças eram tão absurdamente diferentes, para pior, que podiam ser consideradas, no mínimo, desajustadas. Encontrei as mesmas dificuldades tratando com crianças e adolescentes no Instituto de Psicologia da Fundação Getúlio Vargas.

Certa de que algo estava errado organizei uma pesquisa com apoio do Centro de estudos e pesquisas Psicométricas da Fundação Getúlio Vargas, na época dirigido pelo Professor Francisco Campos. Os resultados desse trabalho realiado com uma amostra de 750 indivíduos entre sete e quatorze anos, ficaram resumidos no meu livro "Técnica de Rorschach em crianças".

Lembro que comparando os resultados de nossa amostra com os de crianças parisienses trabalhados com os mesmos procedimentos e o mesmo rigor científico, a diferença era enorme: por exemplo, as crianças francesas entre três e dez anos apresentavam um predomínio dos perceptos de movimentos humano (M) sobre o de animais e objetos que a nossa amostra apresentou unicamente após os quatorze anos (pag. 67 "Técnica de Rorschach em crianças" de Beizman pag. 187). Grandes diferenças foram encontradas, também, no setor afetivo sendo a mais significativa a que diz respeito a soma de perceptos puramente formais (F) como sabemos intimamente relacionada com o controle; as crianças estudadas por Beizman, Ames e outros autores apresentavam forte constrição e demora afetiva em relação a amostra brasileira. Culturas completamente diferentes têm influência ativa, decisiva, na dinâmica de personalidade originando diferenças marcantes de um país para outro.

A mesma coisa pude constatar, inclusive com diferenças ainda mais acentuadas, ao sistematizar amostras de adolescentes e idosos. Em relação aos adolescentes penso que se repetisse a investigação hoje, 1992, os resultados seriam também diferentes pois a pesquisa foi formalizada na fase da Ditadura, quando a situação política e social era outra, os jovens canalizavam, dirigiam a maior parte de sua energia psíquica na direção do ambiente tentando resolver seus problemas de afirmação e defesa da liberdade abertamente, perigosamente.

Quando sistematizei, mediante o Método de Rorschach, o perfil psicológico do idoso não consegui comparar o mesmo com estudos paralelos de indivíduos "normais", uma das exigências da nossa amostra, as que encontrei de outros países diziam respeito a idosos com distúrbios afetivos ou funcionais mais ou menos graves. Acredito que se encontrasse estudos com amostras semelhantes difeririam, significativamente, dos nossos, pois diferentes são as culturas e sua forma de lidar com a Terceira Idade, como pude comprovar recentemente, na Europa.

Não é preciso fazer estudos comparativos com amostras de diferentes países pois em países grandes como o Brasil, um verdadeiro continente, verificamos que a cultura, examinada no seu mais amplo sentido difere de região para região, determinando características de personalidade diferentes de um estado para outro. Lembro de um estudo sobre "aculturação" em que comparava a personalidade de crianças do Rio de Janeiro com uma amostra de São Paulo. Apresentei esse trabalho em Montevidéu e como se tratava de uma comunicação com tempo limitado examinei apenas quatro aspectos da personalidade: o tipo de percepção, a posição vivencial ou tipo de vivência segundo a fórmula de Rorschach, o grau de maturidade efetiva e, finalmente os vários tipos de controle. Todos esses aspectos apresentaram diferenças estatisticamente significantes.

São Paulo e Rio de Janeiro embora sejam cidades muito próximas têm pouco em comum e parecem configurar duas culturas muito diferentes. As diferenças climáticas, topográficas, suas peculiaridades, estilo de vida e principalmente, os diversos tipos étnicos que povoaram essas cidades influenciaram a dinâmica emocional determinando características de personalidade específicas.

Sintetizando esses resultados teríamos:

Em relação à percepção, as crianças cariocas revelam maior propensão a generalizar e fugir na fantasia. Manifestam um volume de oposicionismo muito superior ao da população infantil paulista.

Sobre o tipo vivencial, as crianças cariocas são mais introversivas, possuem mais imaginação e vida interior mais rica.

Quanto ao processo de amadurecimento, as crianças paulistas atingem mais prematuramente e de maneira mais direta a maturidade afetivo-emocional.

Sobre o controle, grau de qualidade do mesmo foi onde ocorreu a diferença mais significativa entre as duas amostras.

O controle das crianças cariocas é permissivo, brando, enquanto as paulistas agem sob severa constrição. Pensamos que, além das condições climáticas e topográficas de ambas as cidades, correntes migratórias nacionais e estrangeiras devem ter contribuído com sua bagagem cultural para determinar essas diferenças já evidentes na população infantil.

Finalmente, pensamos que os fatores culturais são bastante atuantes na dinâmica emocional. Esse é um dos motivos que me levaram a duvidar da universalidade dos dados normativos das Técnicas Projetivas. Do meu ponto de vista o ideal seria realizar periodicamente, pesquisas pois os dados estruturais da personalidade parecem diferir não apenas de país para país, como num mesmo país, de um estado para outro, além de que, o tempo, a época, com suas drásticas e dramáticas mudanças renova os padrões culturais e como numa espécie de círculo vicioso e interminável mudam, também, as reações emocionais dos homens a essas mudanças.

<sup>8</sup>ETEL SCHVARTZAPÉL DE KACERO

*"No hay clasificación del universo que no sea arbitrario y conjetural"*

J.L. BORGES, "OTRAS INQUISICIONES", 1962

Cada rorscharchista - en general esto sucede en cada científico - se ha identificado con Rorschach, con su obra y su pensamiento. Es parte de nuestro mundo interno. Pero para que este objeto interno ideal no se convierta en impedimento y clausura, deberá transmutarse en nosotros, fundirse con nuestros recorridos personales, para que así pueda operar desde dentro como promotor del desarrollo científico y profesional.

Una idealización a ultranza convertirá la teoría en dogma y la metodología en un ritual.

No se trata de discutir a Rorschach, es desde Rorschach donde se discute.

Es necesario incorporar la modalidad de interrogarnos, de poder "remodelar" - como dice Piera Aulagnier - cada vez que observemos un punto ciego para el cual no tenemos conceptos que puedan dar cuenta de su existencia.

Todo proceso de investigación supone renunciar a la certeza de lo sabido para que el pensamiento no se convierta en una pura recitación y evoque su eco mortífero.

La pulsión de saber nos exige estar alerta para no convertir la investigación en un mero describir. Es necesario que la indagación histórica sea una reconstrucción para que nos situemos, en nuestro presente en relación a lo pasado.

Pretendo construir una historia estructural y crítica de Rorschach tomando su obra para dilucidar su génesis, su procesamiento, sus reglas de funcionamiento y sus referentes específicos, las instituciones, los intereses, para rescatar su singularidad histórica y teórica. Es que ni los conceptos se desarrollan puros e incontaminados ni los científicos están libres de las influencias histórico - ideológicas.

Trabajaremos el texto Rorschach desde el interior para poder entrever el tejido conceptual que lo movió en su indagación.

Revisaremos el horizonte epistemológico e ideológico de Rorschach mediante una lectura de su obra con una triple perspectiva problemática y crítica. Para ello es necesario dar cuenta de sus fuentes, sus referencias conceptuales, sus fundamentos y sus finalidades.

Teniendo claro esos aspectos podemos acceder a contrastarlos con los referentes, objetivos y circunstancias actuales y poder pensar en los nuevos desarrollos que permite ese texto original que creó y que constituye la "roca dura" y perdurable de su obra: las 10 láminas.

Por todo ello tiene sentido hablar de Rorschach y Epistemología ya que uno de los fines del análisis epistemológico es dilucidar y explicitar los

8- Trabalho apresentado no VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE RORSCHACH E OUTRAS TÉCNICAS PROJETIVAS  
CAMPO GRANDE MS- 1992

marcos teóricos en que se desenvuelve y adquiere veracidad un sistema de hipótesis que intenta dar cuenta de algún fenómeno o grupo de fenómenos, contribuyendo a dar razones por la cuales esos marcos son o no adecuados para el tratamiento de tales problemas.

Respecto de esta cuestión Rorschach escribe en otoño de 1920, en la introducción de su "PSICODIAGNOSTICO" que de lo que se trata es de un experimento psicológico y por lo tanto su trabajo es "eminente empírico". "Los fundamentos teóricos de este experimento son, en su mayor parte, harto imperfectos". O sea que a Hermann Rorschach le preocupaba hallar la justificación de sus conclusiones. Sus contemporáneos (Ellenberger, Morgenthaler) compartieron con él tal inquietud y discutieron el problema.

Veamos que dice Rorschach: "La prueba consiste en interpretar formas accidentales, es decir imágenes sin configuración determinada" (p.23) y más adelante continúa "Las interpretaciones de estas figuras accidentales pertenecen al campo de la percepción y de la apercepción, más bien que al de la imaginación". (pag.24)

En primer lugar Rorschach prácticamente no habla de "manchas" solo cuando dice que no todos los manchones obtenidos son utilizables porque necesitan ciertas condiciones de composición, ritmo espacial, plasticidad, etc..., con lo cual evidentemente no serían simples "manchones". Luego usa esa palabra para hablar de que la distribución de las manchas en la superficie también debe contemplar las condiciones mencionadas para que los sujetos no las rechacen pensando que son "simples manchas de tinta". Mas bien el autor insiste en que son "figuras", "formas", "imágenes", "láminas".

Es notable cómo no se ha respetado la idea original y se ha simplificado su concepción apelando a la palabra "manchas" como sinónimo de esta "prueba basada en la percepción" como reza el subtítulo del libro.

Luego veremos que no son "formas accidentales" sino que poseen una estructura visual fuertemente marcada y que ello se debe a un arduo trabajo de selección que efectuó en su momento.

Pero examinemos ahora que es percepción para Rorschach. La define como la "equiparación de engramas con complices recientes" o como "una integración asociativa de los engramas preexistentes" o sea de las imágenes mnémicas con los "complejos sensoriales recientes" (pag. 25).

Lo implícito en estas definiciones es que hay en la percepción residuos de sucesos anteriores que se reproducen en ella mediante las 3 operaciones de sensación, evocación y asociación.

Pero no se trata solo de la percepción cuando el sujeto contesta a la pregunta "qué ve Ud. aquí?"; es necesario un esfuerzo integrativo consciente entre el complejo sensorial y el engrama. Se trata de lo que Bleuler llama *apercepción*.

Los sujetos normales (pag. 26) interpretan las imágenes, en cambio aquellos que tienen defectos intelectuales las *reconocen*.

Concluye que la diferencia entre interpretación y percepción "reside en factores asociativos"... y que la interpretación o apercepción solo puede considerarse como un tipo de percepción.

Con ello se advierte que el fenómeno psíquico es el producto de un estímulo que al impactar sobre la estructura disposicional, da lugar a una

respuesta en este caso la respuesta en este caso la respuesta Rorschach, siempre y cuando el sujeto realice este esfuerzo integrativo.

Esta equiparación de la percepción con la interpretación fue criticado por algunos autores. Bach por ejemplo sostiene que tal equiparación borra la diferencia entre contenidos vistos y contenidos representados y también la diferencia entre actos perceptivos e imaginativos (Bahs pag.230).

Más adelante veremos que en los conceptos actuales no es válida tal separación entre unos y otros.

Ya un autor de la época (Henning), (Bahs 231) advertía a Rorschach que en la percepción de formas no se trataba propiamente de una percepción fundada en lo sensorial, sino de una captación de configuraciones.

Otros autores (Ebbinghaus, Ehrenfels) hablan de la captación del espacio, de las relaciones y cualidades de la configuración. De modo que la "visualización de formas" sería bien distinta de la captación de configuraciones.

Hablaban por supuesto desde la Gestalt: la captación de esas estructuras era el resultado de la función cerebral de percepción de patrones preconcebidos.

Rorschach reconoce sin embargo (pag. 26) que "factores emocionales pueden desplazar el límite entre percepción e interpretación". O sea que podemos pensar que no solo consistía en un esfuerzo conciente de interpretación sino que lo que veía el sujeto se debía a procesos más complejos, aunque no profundice ese tema.

Pero porqué insite una y otra vez en que la prueba se basa en la percepción dejando como factor menos importante a la fantasía. Ya que como psicoanalista podía haberse interesado en el *contenido* de las interpretaciones como lo hizo Szymon Hens (Bach 234)

Es que creyó que lo puramente "formal" de la prueba, a partir de los datos de los elementos sensoriales de las láminas, era capaz de conducir a resultados más fundamentales para el conocimiento de la persona. Se dejó guiar menos por los modos de conocimiento de la persona. Se dejó guiar menos por los modos de la época que por las "leyes inmanentes de su material de investigación".

\*De allí que no le preocupara el contenido particular mismo sino que cada *tipo* de contenido (Animal, popular, original, humano) representaba, para su concepción, modos de captar las cosas para las que se podían derivar valores sintomáticos correspondientes a esos tipos.

Recién en la conferencia póstuma le otorgó importancia a los *contenidos* en relación a la teoría psicoanalítica.

Es que Rorschach estaba guiado por el interés clínico psiquiátrico y aplicó los *factores de la prueba* de manera que le permitieran determinar los *tipos clínicos y psicológicos*.

La psicología médica de la época estaba basada en las teorías de Kraepelin, Bleuler, Jung, Freud, Janet, es decir en concepciones dinámico-afectivas, energéticas y asociacionistas. La metodología experimental era considerada como la prueba de verdad.

De allí que las relaciones entre los factores de la prueba y los tipos psicológicos se representarían por cifras cuantitativas-estadísticas.

Fue la gran innovación que produjo Rorschach en ese campo. Podía confrontarse el diagnóstico médico con los resultados de la prueba.

Claro que la pretensión no era lograr una objetividad absoluta, no implicaba una necesidad matemática, revelaba más bien una regularidad empírica.

Advierte además que no debe considerarse los resultados de los factores aislados sino que insiste en "no perder de vista el conjunto".

En su trabajo constata estadísticamente la relación entre los factores de la prueba y peculiaridades de carácter, aptitudes, disposiciones (color puro se relaciona con impulsividad, FC con capacidad de adaptación... el tipo vivencial introversivo con creación pensamiento, profundidad.)

Es por esas relaciones entre dato y significado psicológico que podía hacer diagnóstico a ciegas. Aunque su capacidad deductiva y su captación intuitiva lograba enriquecer el conocimiento hasta límites que sobrepasaban ampliamente los porcentajes y cifras.

Por eso aunque Schopenhauer dijo que donde comienza el cálculo cesa la comprensión, un contemporáneo de Rorschach (Binswanger) acota que el autor de la prueba ha logrado comprender allí donde otros no han conseguido sino calcular (Bach 229).

En cuanto a la concepción sobre el aparato psíquico su idea tiene fundamento en Bleuler a quien cita textualmente para explicar la percepción y la apercepción y para definir el término *afectividad*, que según Bleuler "comprende los afectos, las emociones, los sentimientos de placer y *displacer*".

La teoría asociacionista en boga en la época también es considerada por él como explicación del funcionamiento del aparato psíquico. Por ejemplo al hablar de inteligencia menciona las condiciones que se necesitan para que haya un alto porcentaje de Formas buenas y entre ellas enumera a la atención estable, la posesión de nítidos engramas, la capacidad de elegir cuál de las imágenes mnémicas es la más ajustada, lo cual depende del proceso asociativo.

Y al hablar de los esquizofrénicos sostiene que en ellos el complejo proceso asociativo que constituye las *aptitudes* está constantemente desintegrado, inhibido o desviado".

En el pensamiento normal, en cambio no debe ser excesiva la "soltura de asociaciones" porque ello indicaría inestabilidad e inconstancia de los procesos asociativos.

Observemos que los principios de asociación, semejanza, contigüidad temporo-espacial y oposición fueron una fuente de la que se nutrió no solo Rorschach sino Freud en cierto momento.

En 1923 en "El yo y el Ello" Freud al hablar de la función metapsicológica de la percepción sostiene que salvo las emociones, los procesos psíquicos inconscientes se vuelven conscientes por medio de la asociación con huellas mnémicas. Para alcanzar la conciencia aquello que viene del "interior" debe transformarse en percepciones exteriores, puesto que tales percepciones han sido conscientes alguna vez. De lo que se desprende que solo una percepción que fue consciente puede volver a serlo.

En la teoría asociacionista los procesos con los que se explicaban los modos de organización psíquica dependían fuertemente de lo percibido. Es

por eso que Rorschach considero a la percepcion como mucho mas abarcativa que la imaginacion que exploraban otros investigadores de la epoca con materiales parecidos a las laminas de Rorschach.

La base asociacionista de Rorschach se advierte en el hecho de que su investigacion se centro en el *modo* en que las respuestas dadas son determinadas por las sensaciones de Forma, Color y Movimiento.

Ello le permitio de acuerdo a la psicologia experimental, valorada como cientifica, comprobar mediante registros estadisticos, que existen ciertas regularidades en las reacciones de los individuos, regularidades que no son solo caracteristicas de enfermedades sino especificas de las etapas de desarrollo y de los tipos psicologicos de los sujetos sanos.

Fue bastante despues que se advirtio que una caracteristica en la que se basaba el asociacionismo era el atomismo: una representacion se vinculaba a otra y formaba cadenas de elementos.

De Jung toma sus conceptos de introversi3n y extroversi3n que el donomino intratensividad y extratensividad, esta modificacion en el nombre implica una diferencia con Jung. Mientras este pensaba que eran tipos constitucionales que se excluyen, para Rorschach ambas tendencias coexisten en el sujeto; lo importante es la relacion entre ellos ya que tal relacion determina el caracter. Ambas son funciones universalmente dadas y ambas son necesarias.

Estos conceptos fueron la base para el TIPO VIVENCIAL, clave de su concepcion del aparato mental, es tambien el punto mas destacado de sus hallazgos ya que sostiene que los rasgos introversivos y extroversivos son cualidades inherentes y primarias, mientras que ellas pueden activarse o no en la vida del sujeto. Las discrepancias entre el Tipo Vivencial y la vida solo son explicables por la magnitud de la energia, la voluntad, o la libido que se invierte en alguna parte de las posibilidades vivenciales.

El Tipo Vivencial revela los "factores" fisposicionales que pueden ser activados por el "instinto". *"Solo el instinto es el que convierte los "factores disposicionales en tendencias activas"*. Aqui tenemos la concepcion freudiana de carga, enlace y energia.

O sea que en el hombre el aparato vivencial es mas amplio que el aparato con el cual vive. De todos los registros posibles que cada uno tiene solo se ponen en funcion unos pocos (Rorschach 84).

La volicion consciente (Rorschach 87) por ejemplo puede incrementar el rendimiento pero siempre que se cuente con una disposicion individual susceptible de ser aumentada y provocar un movimiento mas rico en el proceso asociativo.

Pero si bien el Tipo vivencial posee cierta estabilidad, en el curso del desarrollo experimenta transformaciones en vistas de la adaptacion a la vida: coartacion tanto de la ensoñacion como de las emociones labiles en favor de las funciones logicas.

Tambien hipotetiza que el tipo vivencial ha de ser muy diferente de los diferentes pueblos y razas y expresa su deseo de hacer investigaciones al respecto. El mismo las realizo en el Canton de Berna y el Appenzell hallando diferencias notables (92)-

Tenemos entonces que:



1) Su concepcion de aparato mental esta ligado a cargas y enlaces con lo cual supondria el modelo mecanicista;

2) Las percepciones y sus ligazones con las huellas mnemicas como determinantes de gran parte de los procesos mentales hablaria de una explicacion asociacionista de la organizacion mental. Los estímulos impactan y la mente les da forma mediante los datos depositados en la memoria.

La memoria es concebida como un archivo en el que se almacenan los recuerdos que se activan por los requerimientos del presente.

3) Hay leyes generales que gobiernan la actividad mental, existen funciones y elementos que son la razon de los modos de comportamiento de la mente.

4) A lo largo del desarrollo se produce una paulatina adaptacion debida al pensamiento disciplinado en el ejercicio de las funciones lógicas. Esto se concreta a traves de la vision formal que expresa la funcion de realidad.

5) La percepcion del sujeto comunicada a traves de su expresion verbal nos daría a conocer el producto final de un largo proceso de trabajo de adaptacion que tiene como objetivo justamente el ajuste a la realidad.

La pregunta que cabe es donde estaria esta historia previa de trabajo psiquico, que principios determinaron este resultado?

En la conferencia postuma que tuvo como tema las relaciones entre el Psicodiagnostico y el Psicoanálisis apunta a contestar esta pregunta: no solo explora la percepcion sino que tiene en cuenta el contenido de las respuestas. Introduce allí terminos que hablan de esa historia previa, de ese registro amplio que nunca se utiliza totalmente en la vida diaria: fijacion, represion, proyeccion.

6) En su interese se por investigar mediante el test las producciones en los diferentes pueblos, razas y sexos, estaria en germen la consideracion del factor cultural, geografico y etnografico como determinante considerable en la organizacion psiquica.

7) Tambien se puede suponer que sostiene el principio de continuidad genetica al afirmar las fluctuaciones del Tipo Vivencial en el curso de la vida.

8) Su prueba "pone en juego la funcion de realidad", o sea que hasta la conferencia dada por el semanas antes de su fallecimiento, no consideraba los aportes que da la prueba como importantes para el conocimiento del inconsciente.

9) Opera en Rorschach el paradiagma de racionalidad de su epoca: el hombre deberia poseer un alto grado de integracion unificacion y coherencia de sus sentimientos, de sus inclinaciones y de su voluntad ("pensamiento disciplinado")

## EL MODELO DE ANALISIS: LOS FACTORES FORMALES

Si la propuesta de Rorschach se basaba en la percepcion era evidente que lo que le interesaba eran los aspectos de la sensorialidad de la lamina que el sujeto tomaba en su respuesta. Asi es que elaboro un metodo para fijar tales datos o sea los aspectos formales que intervenian en la respuesta, puesto que ellos indicaban la manera como el sujeto vivia, como organizaba su experiencia.

· Con los factores de Forma, Color y movimiento Rorschach operaciona-  
lizaba las variables. Con ello se supone que lo que dice el sujeto respondia  
a una objetivacion. Se opera con lo que dice convirtiendo su discurso en  
signos representativos y luego con esos signos se establecen proporciones.

Podriamos decir que se matematiza la observacion y con ello se pretende  
hacer ciencia.

A lo largo del desarrollo historico de la prueba el metodo se profundizo  
en sus detalles, especificaciones y variables. Se agregaron los fenomenos  
especiales porque los signos aunque se multiplicaban, dejaban algun mas  
alla de lo clasificable.

El discurso del sujeto se trato como un objeto desarmable y se procedio  
cuidadosamente, como un cirujano, a efectuar la operacion de clasificar.  
Ademas las categorias se ubicaron en un espacio cerrado y dividido  
minuciosamente; un marco espacial fijo que anula el tiempo; en suma una  
taxonomia estatica.

Lo curioso es que aunque sus continuadores tomaron el modelo original,  
no tuvieron en cuenta que Rorschach no dividia las respuestas en compar-  
timentos. Sus signos tenian una continuidad que luego se perdio.

Pero aun en la ordenacion clasica de Rorschach solo algo de lo que  
sucede adquiere status de material analizable. Evidentemente aplica a la  
produccion del sujeto ciertas ideas que corresponden a la concepcion del  
conocimiento de la epoca en que se concibe una relacion directa, simple y  
lineal con lo real. De alli la perdurabilidad del modelo de clasificacion: se  
piensa como el unico discurso posible sobre su objeto, sobre todo si basa en  
la percepcion la posibilidad de conocimiento de lo psiquico.

Pero debemos cuestionar como lo hizo Nietzsche el dogma "de la inma-  
culada percepcion".

Desde la mecanica cuantica se ha renunciado a la idea de la observabi-  
lidad pura como posible. Es desde qué teoria se interpreta la observacion lo  
que es necesario explicitar para no confundir lo conocido como la verdad  
de lo real.

· Por otro lado la Fisica de este fin de siglo enfatiza la inestabilidad, la  
evolucion y las fluctuaciones que no son características solo de las ciencias  
duras sino de las ciencias humanas; lo cual implica tomar el tiempo como  
elemento fundamental y fundante ya que es en su transcurso que se transita  
o se pasa de un nivel de organizacion al siguiente.

· En la psicologia hoy no se puede pensar meramente en características  
individuales ya que la identidad se genera en la intersubjetividad.

De modo que ya no podemos hablar de percepcion en el sentido que  
Rorschach considero.

Para Piaget la percepcion no constituye una simple lectura de los dato  
sensoriales, sino que implica una *organizacion activa* en la que intervienen  
preinjerencias, decisiones que reconocen su origen en los esquemas de  
accion sobre el mundo (Castorina 65). La mas humilde percepcion del  
mundo exterior nada tiene que ver con los "hechos empiricos". Hay siempre  
esquemas logicos, modelos que son mediadores entre el sujeto y los datos.  
Cada sujeto a traves de hipotesis y tentativas compone estructuras que nos  
son las formas estaticas y preconcebidas de los gestalticos, sino estructuras  
moviles que determinan posibilidades multiples.

En la percepcion estan implicitos el mundo propio, el de los objetos, los modos de relacion, las valoraciones (Hornsten 23).

O como dice Rene. Kaes (Revista APDEBA Vinculos 256) aunque la percepcion depende de la estructura narcisista, al mismo tiempo es tributaria de los sistemas colectivos de representacion, de las experiencias sociales y culturales.

Ahora bien si la percepcion no es ya la concebida por Rorschach, si la memoria no consiste en una evocacion de una copia ya determinada o sea que las hellas no son simplemente "revividas" o "reactivadas" sino que los codigos, las reglas que cada uno tiene, toman los datos actuales y reconstruyen una imagen, debemos entonces repensar cual es el proceso que tiene lugar cuando el sujeto nos dice algo frente a nuestra demanda de "que ve".

En un trabajo con Susana Ochoa hemos pensado que las laminas constituyen un elemento mediador para que el sujeto se exprese y nos comunique algo de lo "que ve" en el transcurso de esa experiencia visual.

En este sentido al sujeto le cabe un papel fundante: debe leer un texto para el cual no tiene codigos conocidos, no hay palabras, no hay referentes externos que los signifiquen.

Porqué sin embargo los sujetos acceden a leer esa imagen y no sucumben al vacio de ese aparente "no ser" —?

Porque estan fuertemente estructurados a nivel visual constituyendo una especie de "armazon espacial", basado en la simetria. Pero ademas las relaciones entre las curvas, los planos, las masas, los vacios, las proporciones estan reunidos de tal manera que una simple cuestion de observacion fisica permite una construccion que tome como base esas relaciones y conduzca a la semantizacion demandada.

Las luces y sombras configuran organizaciones espaciales. El claroscuro es una organizacion topologica o sea una unidad textual donde los claros y las sombras estan al servicio de la forma y permiten que el lector distinga objetos o figuras.

Es por eso que las estructuras de Rorschach constituyen una forma espacial significativa. El contraste entre el blanco del fondo y la configuracion visual marcan la estructura elemental de la significacion. Sin contrastes, sin diferencias no hay significado posible. (Vilches 49)

Cada lamina aporta redundancia y novedad suficiente como para posibilitar la lectura. Pero en esa tarea el sujeto no toma solo las marcas impresas en las imagenes, sino que selecciona aquellas que le permiten reconstruir un significado relacionado con su experiencia y con los codigos de su cultura.

La lectura de una imagen no se realiza como la de un texto escrito, que sigue la linealidad del lenguaje, en unidades que se componen en cadena una tras otra.

La lectura de la imagen es mas bien *discontinua*, con detenciones, vueltas atras, vacilaciones, que el lector realiza constantemente sobre la superficie visual. Este *trabajo*

de lectura es como cuando el ejecutante tiene los signos de la partitura, pero cada interprete *tonaliza y temporaliza* su propia musica.

Es el propio lector quien decide por donde comienza a mirar, que marcas actualizar, cuales dejar en sombra, donde insitir...etc.

En este trabajo no solo intervienen los datos de la sensorialidad, sino tambien las experiencias, las valoraciones, la cultura, los codigos de reconocimiento, las convenciones graficas (cuando dibujamos una cebra lo que cuidamos es que no falten las rayas aunque la forma del animal sea aproximada) que llevan finalmente a una lectura particular.

Si se aceptan estas ideas podemos considerar al Rorschach como un texto visual que el sujeto lee produciendo a su vez otro texto esta vez verbal. Es esta lectura - produccion la que debe ser leida por nosotros. Podemos aproximarnos a ella de una manera discursiva, o podemos dividirla en "enunciados canonicos" (Veron 17), normativas destruyendo asi sus propiedades discursivas.

Hablar de discurso, en este contexto, es referirse a un conjunto significativo dado que a su vez esta relacionado con conceptos o situaciones extratextuales.

Aproximarnos a un texto teniendo en cuenta el enfoque discursivo implica describirlo como un sistema de operaciones, como un proceso de produccion por el cual se inviste de sentido a la materia significativa. Mateira significativa que para el sujeto es el texto Rorschach (laminas) y para nosotros sera la produccion del sujeto en relacion a esas laminas.

Lo que buscamos es reconstruir el proceso de produccion pero al leer y otorgar sentido lo estamos haciendo desde nuestros propios codigos u operaciones de recepcion, lo que implica una cierta version de lo leido. Lo que disminuye el riesgo de un desfazaje entre los procesos de produccion de sentido del sujeto y las condiciones de recepcion nuestras, es que ambos vivimos en una misma epoca y hablamos un mismo idioma lo cual implica que la gramatica de la produccion y la del reconocimiento pueden funcionar sobre bases comunes.

Entonces todo discurso y la produccion Rorschach como lugar de encuentro es el punto de pasaje de un doble sistema de determinaciones; el lugar de encuentro de dos conjuntos de relaciones: las de las operaciones que hacen a la produccion y las de las operaciones que hacen al reconocimiento recepcion.

Nuestro trabajo es no olvidar este hecho de que lo que podamos decir del sujeto, nuestra puesta en sentido es siempre la puesta en relacion de estos dos conjuntos de relaciones (Veron 32).

Cuando analizamos el "paquete textual" (Veron 17) que implica un Rorschach. tratando de identificar sus condiciones de produccion, sus modos de transformacion de la materia significativa constituida por las laminas, debemos tener presente que los rorschachistas funcionamos con condiciones de recepcion o reconocimiento que estan determinados por nuestra cultura cientifica, nuestra sensibilidad, nuestra experiencia y nuestras valoraciones. De lo cual se desprende que cualquier analisis es inseparable de la consideracion de los elementos extratextuales.

Lo que quiero decir es que cuando hacemos actividad cientifica estamos ubicados en lo social a traves de instituciones, sistemas de acciones y normas reconocidas. Tener conciencia de ello permitira quizas tomar "alguna"

distancia y atreverse a dejar esquemas que ya no conciben con determinados avances de otros sectores de la ciencia.

En este sentido me atrevo a pensar que si al modelo de clasificación, que consiste en una operacionalización de variables, se le agrega la interpretación psicoanalítica, estamos usando dos modelos distintos que resultan epistemológicamente incongruentes.

En el intento de superar este error lógico y rescatar el trabajo psíquico de lectura, sus movimientos y sus condiciones, presento una propuesta de análisis basado en lo que llamo, por ahora, *EJES*.

Los ejes representarían secuencias coexistentes de manifestaciones de funcionamiento psíquico, en lugar de cortes transversales a través del análisis de los "factores" de cada una de las respuestas. Estas manifestaciones no son abstraídas para su análisis, como signos codificados que indican significados preconcebidos. Solo adquieren significado en la medida que ellos mismos determinan una ley, que entonces será *interior* a esa producción o sea al sujeto.

Considero a cada eje un "conjunto discursivo" (Veron 27) que se despliega a partir de un determinado referente (espacio tiempo, lo dramático, los vínculos...)

Nunca cada conjunto será independiente ni adquirirá significado por sí mismo. Formar con los otros conjuntos una red intertextual que determinará un tramado correspondiente solo a esa persona.

Cada eje sería una lectura desde una perspectiva distinta. Estos ejes o *vértices* van a posibilitar la formulación de hipótesis que se desplieguen en relación al tema de que se trate.

Cada uno de ellos toma en cuenta distintas manifestaciones del funcionamiento mental y presupone un desarrollo dentro de esa dimensión con su invariante, sus vicisitudes, sus expresiones o representaciones a través de las cuales se podrán advertir las transformaciones, sus direccionalidad o la ausencia de ellas.

Una imagen más plástica de como concibo a estos ejes lo ofrece Borges cuando en su cuento "El jardín de los senderos que se bifurcan" dice: "El jardín de los senderos que se bifurcan es una imagen incompleta, pero no falsa del universo... A diferencia de Newton y Schopenhauer, su antepasado no creía en un tiempo uniforme, absoluto. Creía en infinitas series de tiempos, en una red creciente y vertiginosa de tiempos divergentes, convergentes y paralelos. Esa trama de tiempos que se aproximan, se bifurcan, se cortan o que secularmente se ignoran, abarca *todas* las posibilidades".

En mi opinión este dispositivo metodológico supera un modelo de análisis basado en la consideración de los fenómenos psíquicos como montos de energía cuantificables. La energía psíquica se reemplaza por el concepto psicológico de SIGNIFICADO.

Se basa en la concepción del aparato psíquico como una articulación compleja de distintas formaciones y al trabajo psíquico como una actividad donde la *representación* ocupa un campo privilegiado. Siguiendo a Piera Aulagnier considero que consiste en un trabajo de metabolización donde el "elemento" absorbido y metabolizado es una información de naturaleza heterogénea que se convierte en un elemento homogéneo a la estructura de cada sistema.

La informaciona de que aqui se trata serian las particulares configuraciones de las 10 laminas de Rorschach.

"La forma de acuerdo con la cual el objeto es representado por su nominacion"... "da testimonio de la ley segun la cual funciona la psique", sostiene Piera (26)

## LOS EJES

He tomado algunos (vincular, espacial, temporal, dramatico, discursivo, logico) que me han parecido claramente representativos de la actividad psiquica y que al mismo tiempo se observan frecuentemente en las producciones Rorschach. No pretendo agotar las perspectivas posibles.

### EJE TEMPORAL

Prigogine dice que el tiempo es el sosten de la creacion.

El self esta ligado a la temporalidad.

Meltzer señala que la dimension del tiempo tiene un desarrollo que va de la circularidad a la oscilacion para llegar al tiempo lineal, sucesivo: el "tiempo de la vida" desde el nacimiento hasta la muerte.

El desarrollo de la concepcion del tiempo se correlaciona con la dimensionalidad espacial o sea el espacio vital del self, sus características *identificatorias* y las modalidades de relaciona objetal: la bidimensionalidad corresponde al tiempo circular (p. 35 de *Tiempo y espacio* de APDEBAO (identificacion adhesiva), la tridimensionalidad al tiempo oscilante, reversible (identificacion proyectiva como modalidad identificatoria) y la tetradimensionalidad corresponde al tiempo lineal (modalidad identificatoria: identificacion introyectiva) donde la omnipotencia disminuye y es reemplaza por el renunciamento.

El pasaje del tiempo circular, biologico sensorial a la adquisicion del tiempo abstracto lineal implica el acceso al orden simbolico que es transmitido mediante el lenguaje que al ser secuencial y diacronico lleva ímplicito el tiempo progresivo.

Las alteraciones de la temporalidad: el tiempo arcaico, el tiempo detenido, el tiempo presente puntual, el tiempo fragmentado o apelmazado seran reveladores de modos de

funcionamiento psiquico ya que hay un nexo entre el modo en que se va estructurando la vivencia del tiempo y las vicisitudes de la integracion del aparato psiquico.

Algunos ejemplos de tiempo detenido, tiempo que protege del contacto con los otros y con sus propias emociones ya que ellas son vividas como amenazas de desorganizacion, serian por ejemplo expresiones tales como: "toros en posicion de embestir" "Pajaro en vuelo" tan frecuentes en materiales de obsesivos.

Como ilustracion de un tiempo fragmentado y apelmazado: Lam. II Veo una murcielago que *ha atacado* a alguien, veo la sangre del *que ataco* .... *ahora* ya no tiene esas dos cosas, que *tenia* en la otra lamina que servian *para atacar* ... pareceria que *esta* en actitud de descanso ... por otra parte *esta* sangrando ... parece hinchado de sangre pero a su vez *ha resultado* dañado.

Ejemplo de tiempo detenido: I Son mujeres que están peleando con una tercera. II Son hombres que están bailando, son amigos. III Son dos mujeres que también se están peleando por un hombre. IV Es un árbol, un árbol viejo, es un pino. V Es una mariposa que está volando. VI Es un oso que está comiendo un pajarito. VII Son dos niñas que están hablando, pero no se de que están hablando y se están riendo. VIII Son dos osos tratando de subirse a un árbol. El árbol es un pino. IX Es otro árbol con hojas nuevas y hojas viejas. X Son hombres y mujeres bailando. Ejemplo de tiempo presente puntual: Caso Carlos (chico adoptado)-

## EJE ESPACIAL

Mi propuesta a prestar atención al vértice del espacio incluye el concepto de que espacio y tiempo no se pueden aislar. Es el continuo espacio-tiempo el que posibilita toda forma de percepción (interna o externa) existir como tal. La relación "aquí-ahí" no delimita solo una dirección en el espacio: designa también los momentos de una acción posible donde lo próximo y lo lejano equivalen al presente y al futuro.

Concebir el espacio separado del tiempo equivaldría a considerar al espacio como una entidad en sí y no como una relación de complementariedad.

Además todo acto espacial se realiza en una sucesión temporal. Cuando un sujeto se constituye en persona aprende a aceptar la separación, la distancia en relación al objeto. La pausa, el intervalo, la distancia pueden ser equiparadas al vacío en personalidades simbióticas.

Cuando hay fallas en el desarrollo psíquico temprano lo lleno y lo vacío pueden ser equiparados al ser y al no ser.

Espacio tiene que ver con LUGAR que es un particular recorte dotado de cualidades que delimita una *parte del espacio* (Berensten 280)

¿Qué lugar ocupa el sujeto en la lámina?

- Es el espacio total,
- es un subespacio o sea un espacio dentro del espacio,
- transpone los límites del lugar de la configuración cualitativa y texturada ofrecida por la lámina,
  - cómo recorre los lugares, salta de uno a otro?
  - ¿Cuáles son las cualidades preferidas para ser habitadas por su lectura?
  - Toma los pares equidistantes o penetra e insiste en un solo lugar?
  - Solo elige las partes superiores o prefiere el centro?
  - Se ubica en los lugares de ausencia, los evita o los cubre?
  - Combina partes de cualidades diferentes?
- O pretende achicar un espacio grande que no puede dejar de abarcar (respuesta Lam IV "una hormiga chiquita" en toda la figura)
- Habla de un objeto continuo ubicándolo en un espacio discontinuo? (II Flecha (gris punta, sigue en el blanco y toma el rosado interno inferior) (Un murciélago calcado en la parte superior e inferior, interrumpiendo el trazado del calco).
  - Y cómo significa el espacio y la organización que en cada lámina se presenta con cualidades y relaciones específicas? Como el espacio concep-



tual de la geometría? Ej. (Lam. I Un trapecio y un triángulo con el vértice abajo)

— Como el espacio determinado por sus registros perceptuales (visión tacto oído) al que todos pueden acceder.

— Como el espacio absoluto de Newton el espacio como realidad en sí, como fundamento de toda dimensión espacial y donde están situados los objetos? Ej-Lam. VIII D verde gris "Algo que se muestra se deja ver, sensación de apertura".

Los modos como los sujetos muestran una visión del espacio representa un desafío para la investigación ya que podría pensarse en los diferentes modos de operar de la mente:

— un espacio acotado, con límites donde el sujeto se siente sostenido,

— un espacio ilimitado como una boca abierta que comporta la fantasía de un interior materno infinito, sin paredes limitantes. (Lam. VIII Impresión de boca de tiburón o ballena abierta, la Forma y la idea de profundidad, verde, como el cuento cuando abre la boca la ballena ...W)

Lo infinito también puede representar fantasías megalomaniacas de habitar todo el espacio y quizás responden, como en el caso siguiente, a la necesidad de no sentirse perdido en un espacio sin horizonte.

Lam.I "Tiene la Forma de un vampiro... despegado del mundo ... hay una parte que le es propia ... la cabeza y las manos ... con su cabeza sublimo lo que ve ... como por ejemplo imágenes celestiales ... Aca hay manchas que parecen nubes, un cielo con estrellas. Nubes, cielo, estar cerca de Dios, cerca del omnipotente Resp2) En mi imaginación aca una R de Raus (Dd exterior)

Los accesos a los funcionamientos más arcaicos se pueden vislumbrar a través de estas expresiones espaciales y temporales que despliegan concepciones extrañas de compactación, de unidad absoluta, de encierro, de dispersión, difusión, de falta de direccionalidad, de oquedad. A veces fluir constante, transformaciones al modo de fluidos.

Todas expresiones de vivencias muy alejadas de la cotidianidad y sus pautas.

Pero el escenario donde se desarrollan estos giros, estos flotamientos, estos encierros, tiene lugar en el mismo despliegue espacial de la lámina que ofrece justamente la posibilidad de centrarse en algunos puntos más compactos, huir de los agujeros pozos, dominar todo el lugar, trascender a los espacios no marcados, detenerse e inmovilizarse en el eje estructurante de la simetría o alejarse de él hacia los bordes del fondo primigenio (espacio blanco exterior).

Ilustración del eje espacial caso *Eduardo*

## FUNDAMENTACION DEL EJE DRAMATICO

La estructura visual del Rorschach consiste en un espacio delimitado, central con una organización coloreada y matizada que está contenida en otro espacio que no solo la rodea sino que le da origen. Por eso surge la figura como en un plano más cercano, como con cierta cualidad de densidad de un objeto sólido que se distingue de un entorno indiferenciado. Este entorno es el que semeja el espacio en que las cosas se pueden mover. Posibilita así acciones



dentro de ese espacio-escenario.-Si el sujeto registra esa posibilidad o si no tiene lugar acción alguna, serán expresiones que hablarán de la movilidad o del temor a la movilidad de los contenidos mentales.

El trabajo de representación de la psique implica la metabolización de las experiencias en las que intervienen personajes, guiones, desarrollo argumental, espectadores a la manera de un drama que tiene lugar en un escenario.

Los personajes poseen intenciones, sentimientos, realizan acciones, pueden estar tomados total o parcialmente; pueden estar bien diferenciados o indefinidos en su identidad, actividad o sentimiento. Pueden ser espectadores o protagonistas. Pueden enfrentarse, evitarse o paralizarse.

Estos personajes pueden representar el mundo interno (relación de objeto) los intercambios con sus congéneres (relación vincular) y las ligaduras con objetos socioculturales (instituciones, ideologías, etc.) Las tres áreas coexisten en el psiquismo.

Lam II "Es una persona enfrentada a un espejo, me llama la atención la cara. Puede ser que haya sufrido una operación y se este sacando las vendas para ver que quedo de ella. Aca veo dos gotitas como de sudor por lo que va a enfrentar. Si ... esta en situación de hospital porque su atuendo gris me da idea de bata de hospital. El cuerpo medico la enfrente al espejo y le dijo esto es lo que quedo de Ud. Su actitud es de observarse cuidadosamente. Va abriendo las vendas porque hay aberturas de las que se toma para desenrollar las vendas".

## EJE VINCULOS

Otro eje es el de los **VINCULOS** que se analizan a través de observar los modos de articular áreas.

— La no articulación deliberada o el aislamiento forzado "archipiélago".

— Puede no haber vínculos (respuesta de objeto único).

Las distintas maneras de establecer relaciones se pueden dar en:

— Respuestas de a "dos":

— dos diferenciados

— dos diferenciados haciendo algo

— dos en relación especular (II "Veo dos figuras de perros).

En realidad como si se hubieran agredido, chocado sus cabezas porque la mancha roja parece sangre ... o como si fuera una figura, un perro que se hubiese lanzado contra un espejo y hubiera chocado ... parece un animal, reconociéndose en el espejo como no comprendiendo que es solo su imagen.

— dos en relación especular más primitiva: (VII "un cristal". Rt porque es exactamente igual de ambos lados y no brilla porque es una foto, pero se nota que brilla ... los bordes que se yo ... El cristal es todo (se ve algo en el cristal?)

— No.

— dos en relación con un tercer objeto. Este tercer objeto puede ser meramente "algo" o estar bien discriminado.

Puede haber una relación continente-contenido (III Pez (moño) en una pecera ...)

Lam. VII posicion o Un rio que entra en una cueva (S). Alrededor de la cueva son las piedras de la montaña.

Lam. II No se que puedo ver aqui ... esto parece sangre, es el Color de la sangre, parece como que cae como que saliera para el otro lado, esto que sale para aca"

Lam. I Salpicadura de una gota de leche? como la gota y las salpicaduras. (Caso Frank de Zully) RUPTURA DEL CONTINENTE

— de superposicion : abajo-encima : Lam II una mariposa (det negros) arriba de una flor (rojos superior en inferior) Respecto del plano horizontal de la lamina .. Una parte esta tapada por la que esta arriba

Lam II : "Un pajarito (D negros) y encima otro pajarito mas chico (S)

Lam II: "Una foto de avion pasando por encima de una isla (D negros) chico (S).

Lam II : "una foto de avion pasando por encima de una isla (D negros) -de arriba - abajo en relacion al eje vertical :

VIII "El centro de la tierra (rosa), la tierra (verde) y el cielo (gris)

Lam. IX "Dos brujos (naranjas) sentados sobre almohadones (verdes) y esto (rosa) es el piso donde estan apoyados".

VI Una ardillita parada arriba de la cabeza de un leon que esta arriba de la piedra.

VIII Animalitos que salen de un lugar y quieren alcanzar un lugar mas alto, es dificil, van a un lugar que no les pertenece ... son como dos etapas. Esta relacionada con la jerarquias, los ideales, las generaciones.

— **anteroposterior (adelante atras)** Lam IX "Dos personajes y al fondo la sensacion de un espacio muy grade tipo infinito".

Lam. IV "Un arbol con dos enanitos escondidos atras (lat superiores), parte del cuerpo escondido, el arbol les tapa una parte de la cara, cuerpo pequeño y gorrito puntiagudo".

Lam III "Dos hombres mirando una vidriera adelante que tiene ropa colgada (rojos lat y central)

Lam III "Una mujer que se esta tapando, con un escote abierto aca.Rt. parte del tronco de una mujer que se cubre solo esta parte, de los pechos; estas serian las arrugas de la piel. Por la forma abultada por el contorno, por todo lo que tiene adentro que lo esta cubriendo. (Centro inferior negro)

Esta relacion tiene que ver con el pasado o con otro tiempo

— **relacion entre algo que esta y algo que no esta:** Lam III Jarron con flores.

Lam IX Personajes y esto (S) representa el futuro o lo trascendental.

— **Inversion entre lo superficial y lo profundo** Lam III "hielo (todo el carton) y las grietas cuando se empieza a partir (los hombres)

Lam I "Pared (todo el carton) y un agujero en esa pared (W)

Lam I "Zona inundada por las diferentes tonalidades que son las diferentes profundidades (W) Zonas que quedan en lo alto (los 4 S) y las zonas sin inundar (el carton) los campos que estan por encima de esa costa.

Lam I El espacio, como que yo aca pasara a otro lugar, lo negro. Es algo blanco y pasó algo que lo rompio y de ahí uno pasa al espacio (W con S del fondo). Rt Espacio porque es negro y porque tiene Colores claros y oscuros como las galaxias y las nebulosas. Es como que esta muy lejos eso (la mancha negra).

## MULHERES ESPANCADAS (ANÁLISE DOS SEUS PROCESSOS CONATIVOS ATRAVÉS DO RORSCHACH)

<sup>9</sup>MARIA HELENA C. DE FIQUEIREDO STEINER.

**H**á vários anos começamos a nos interessar pelo problema de agressões físicas na família, e cujas vítimas são predominantemente as mulheres, e, não raro, as próprias crianças. A bibliografia atual nessa área tem aumentado muito, abrangendo, inclusive, formas variadas de violência doméstica além das agressões físicas. No Brasil, em outros países do 3º mundo, nos países do primeiro mundo, tal fenômeno ocorre com frequência, e mais ainda, em todos os níveis sócio-econômicos.

De nossa parte, sem no determos em fatores externos, que não podem ser eliminados do comportamento interpessoal, resolvemos circunscrever nossas análises a estudos individuais, ou a grupos de mulheres espancadas por seus maridos ou companheiros.

Trata esta pesquisa da análise de 15 mulheres espancadas, 13 das quais entrevistamos na 1ª Delegacia da Mulher, e que lá registraram suas queixas, mostrando as marcas dos maus tratos. Por muito tempo tais ocorrências eram encobertas pelo silêncio, que ainda hoje não foi eliminado pelos padrões culturais, os quais, apesar de tudo, são normas aceitas por muitas mulheres.

Como o espancamento de mulheres é muito mais comum do que pudemos supor, encontramos no livro de Maria Amélia Azevedo (1) levantamento exaustivo de dados empíricos na cidade de São Paulo. São muitos e variados os tipos de violência levantados por essa A., tais como socos, pontapés, tapas, empurrões, cintadas, armas brancas, cabeçadas, mordidas, esganaduras, arremesso, etc. (pp.132 e 134, op.cit.) e muitos outros meios que causariam lesões graves, abortos, etc. As queixas que ouvimos das 15 mulheres enquadram-se nessa extensa descrição.

Em vista da gravidade das queixas, chamou-nos a atenção a perseverança dessas mulheres no papel de vítimas, e, paralelamente, uma ausência de ações concretas e decisivas para se libertarem de seus sofrimentos. No entanto têm convicção de que almejam o fim de tantas torturas, algumas até pelo medo de serem assassinadas diante das ameaças dos maridos. Às vezes saem de casa por uns dias, mas retornam logo. É nesse âmbito que nos parece haver processos psicológicos que as bloqueiam em suas ações, e que impedem de levar a termo uma separação definitiva. Medos, inseguranças, ameaças, agravaram, sem dúvida, alguma problemática subjacente em suas personalidades

Com nosso instrumento de trabalho, no caso o Psicodiagnóstico de Rorschach (2) concentramos nossa atenção nos processos conativos na sua interdependência com os processos intelectivos e afetivos. Lucia Coelho (3) apresenta um esquema, baseado em A.Silveira dessa conjunção de fatores

9 - Trabalho apresentado no XIII CONGRESSO INTERNACIONAL DE RORSCHACH E OUTRAS TÉCNICAS PROJETIVAS. Paris, 1990

que poderiam conter atos desejados ou planejados, ou impedir a manutenção de seus objetivos.

Após a análise total dos 15 protocolos, nos propusemos avaliar os seguintes pontos: Respostas F+, Índice Conativo, Lambda, R.M.I, de Aníbal Silveira, Impulsividade, % de G (ou W), comparações dos dados na série cromática com a monocromática. O tratamento estatístico (\*) consistiu na comparação da amostra com o presumível universo de mulheres espancadas, a saber, supondo-se que a expectativa apresentaria 68% na média, 16% abaixo, e 16% acima da mesma, o resultado das diferenças significantes ocorreu ao nível de  $t/28=0,05$ . O 2º passo foi a pesquisa das diferenças estatísticas das respostas diante das pranchas cromáticas e monocromáticas, utilizando-se o índice de Student  $:t/28=0,0835$ .

A caracterização da amostra é a seguinte:

N	nº de filhos	anos de casamento
7	11	3 - 7
5	13	8 - 16
3	7	22 - 30
:15 total.		

Obs.: Há, entre elas, duas grávidas, e uma no seu segundo casamento.

#### SÚMULA DA ANÁLISE DOS PROTOCOLOS (\*\*)

Para não estender demais este trabalho passaremos diretamente às conclusões:

As mulheres analisadas, deram poucas respostas F+, e portanto podemos afirmar que têm uma percepção da realidade muito subjetiva. Não concentram sua atenção para analisar adequadamente situações complexas. Seus julgamentos são muito imaturos. Tal subjetivismo e imaturidade aparecem em situações afetivas e emocionais, e forçosamente interferem nos dinamismos básicos da personalidade - no caso, nos processos conativos.

Nestes, o índice conativo indica diferenças significantes na comparação dos resultados obtidos na amostra, com a população normal. Nas situações emocionais, temos Con ↑ (aumentada) e nas afetivas Con ↓ (rebaixada) Dessa forma podemos esperar que os Sujeitos da amostra respondam de maneira rígida aos estímulos emocionais, muito presos à estimulação externa. De outro lado, quando há estimulação afetiva, os Sujeitos se tornam exageradamente subjetivos. No entanto, esta diferença não aparece na comparação das duas séries de pranchas, o que indica baixa discriminação de suas diferenças, ou inibição em tais situações. A análise do choque cromático (de 5 a 8 sinais em cada protocolo), confirma problemas nessa área. O número de respostas FC (Boa forma e cor), apenas 5, foi por nós interpretado na mesma direção.

O índice Lambda em situações emocionais revelam uma baixa disposição para a ação que exigiria o aproveitamento de recursos internos. Como nas mesmas situações os Sujeitos foram classificados em Con ↑ (aumentada), (índice elevado de conação) tivemos a seguinte combinação nos protocolos: Con ↑ (aumentada) x Lambda ↓ (rebaixada). Daí concluímos que não apenas essas mulheres são exageradamente dependentes de referências externas

para o seu comportamento, como tendem a ser rígidas e impessoais no seu contato com a realidade. Na verdade, não têm uma liberdade subjetiva para agir, causada por processos inibidores da ação.

No caso do índice RMI, encontramos desvios de ambas as séries, dado que seus componentes (%F +, %V, %A) mostram um desvio da média da população, quer em um, em dois ou em três fatores. Quanto a F+, já foi acima analisado. Quanto a V, (resposta populares), é baixo nas situações afetivas, o que nos leva a concluir que não há entre essas mulheres, uma aceitação da lógica ou de consenso quanto aos valores vigentes no meio mais amplo sócio-cultural.

Quanto à impulsividade, os resultados são mais elevados do que os da população normal. Têm, também, tendência a descargas afetivas, acompanhadas de reações motoras.

Seu grau de labilidade emocional é elevado.

As respostas globais, por sua vez, analisadas na sua boa forma (G+), ou má (G-), foram pouco numerosas - totalmente ausentes em 9 protocolos, nas pranchas cromáticas. Isso indica a diminuição do interesse - e portanto se refletindo na atenção diminuída - pelos aspectos mais significativos e amplos da realidade, e do estabelecimento de relações, entre os diferentes aspectos preenchidos. As funções intelectuais de abstração e de pensamento associativo são pobres.

Concluindo esta súmula de nossa pesquisa, diríamos que as mulheres espancadas são realmente incapazes de perceber sua condição relacionada aos dados da realidade, e de seu papel no próprio drama que vivenciam. (\*)

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(1) Azevedo, Maria Amélia, Mulheres Espancadas - a violência denunciada, Cortez Ed., 1985, S.Paulo

(2) Silveira, Aníbal, Prova de Rorschach, Elaboração do Psicodrama, Ed. Brasiliense Ltda, 1985, S.Paulo

(3) Coelho, L.M.Sálvia, Epilepsia e Personalidade, 2ª Ed. aumentada e revista, Ed. Ática, 1980, SPaulo, pp 44-92

(\*) Agradecemos a Prof. Luiz Heraldo Braga o tratamento estatístico dos dados, cujas tabelas deixam de ser publicados por razão de espaço.

(\*\*) Agradecemos à psicóloga Leda França sua colaboração na organização dos dados, e suas valiosas sugestões.

OS TRANSTORNOS DA PERSONALIDADE  
DESENVOLVIMENTO DO TEMA DE CURSO MINISTRADO NO  
NÚCLEO DE RORSCHACH DE MATO GROSSO DO SUL,  
CAMPO GRANDE, MS 1995

Ruy B. Mendes Filho

PROFESSOR DE PSICOPATOLOGIA DA SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO

O tema que vamos examinar envolve muitas dificuldades.

A primeira é com a própria denominação. Afinal de contas, todos os transtornos mentais comprometem de algum modo a personalidade, em diferentes aspectos da vida psíquica e do comportamento. No domínio da psicopatologia, não há qualquer perturbação que não acarrete repercussões sobre a totalidade da vida psíquica. Temos um exemplo claro nas síndromes de retardo mental, que hoje são definidas através do QI, mas que, de nenhum modo, são apenas um comprometimento da inteligência. O amadurecimento afetivo, assim como o desenvolvimento psicomotor, são aspectos relevantes das manifestações relacionadas com o retardo mental.

Com os transtornos da personalidade, ocorre o mesmo. Em geral, são definidos como condições nas quais o desenvolvimento mental apresenta características persistentes, relativamente inflexíveis e refratárias às influências externas, que se manifestam desde a infância e tendem a persistir na vida adulta. Por definição, como destaca a CID-10, que estamos analisando, não se consideram transtornos da personalidade as condições que, apesar da semelhança de manifestações, sejam devidas a outros transtornos mentais ou doenças cerebrais. A estas últimas denominam-se alterações de personalidade(4). As alterações de personalidade podem dever-se também a estresse grave, condições ambientais nocivas ou transtornos somáticos severos. Concentraremos nossa atenção nos transtornos específicos da personalidade (F60).

Os transtornos específicos da personalidade (TEP) traduzem-se por modos peculiares de relacionamento interpessoal, de organização e de integração da vida afetivo-emocional e de problemas relacionados com a regulação impulsiva que representam desvios significativos da média, considerada em determinado grupo cultural. Sendo condições permanentes, manifestam-se desde a infância e adolescência, envolvendo processos relacionados com a afetividade, a excitabilidade e o controle dos impulsos, que acarretam atitudes e condutas desarmonicas, com atritos relevantes no relacionamento interpessoal. Como repercussão dos transtornos afetivos e impulsivos, ocorrem também padrões peculiares do modo de percepção e de pensamento, que provocam desadaptação mais ou menos extensa em situações pessoais e sociais, podendo afetar o desempenho ocupacional e social. Os transtornos específicos da personalidade podem incluir angústia pessoal considerável, muitas vezes, mas isto nem sempre é aparente, a não ser em fase tardia.

Na definição abrangente da CID-10, enfatiza-se também a discordância com relação a normas, deveres e obrigações sociais, mas, em nossa opinião, a investigação deveria concentrar-se na sensibilidade afetivo-emocional, na

integração afetiva dos impulsos, examinadas através da avaliação minuciosa do comportamento em situações variadas, porém significativas, no âmbito do desenvolvimento individual. Com isto, verifica-se que os transtornos da personalidade são também transtornos do desenvolvimento. As classificações mais recentes, como a CID-10 e a DSM-IV (2) trazem recomendações expressas de que seja evitado o diagnóstico de transtorno da personalidade na infância e adolescência. Transtornos manifestos na infância podem modificar-se com a idade e, em menores, é preferível utilizar os itens correspondentes aos transtornos emocionais e do comportamento. Entretanto, é importante reiterar que os transtornos específicos da personalidade manifestam-se desde fases muito precoces do desenvolvimento. Verificamos também que as diretrizes diagnósticas formuladas na CID-10 e DSM IV são descritivas e referem-se a conjuntos de traços da personalidade. As denominações dos transtornos, deste modo, são genéricas, não abrangendo necessariamente tipos definidos com precisão. Muitas vezes, são focalizados aspectos superficiais do comportamento e não a dinâmica específica dos traços, revestindo-se, assim, as classificações mencionadas, de uma certa óptica sócio-cultural enviesada e sujeita a críticas. Por isto, devemos considerar o tema como ainda não devidamente resolvido pela psiquiatria e necessitando estudos mais aprofundados, com métodos mais precisos de investigação.

Até há pouco tempo, estas condições foram denominadas de personalidades psicopáticas, um termo que não caiu completamente em desuso. Convém evitá-lo, devido aos pressupostos que acarreta. Um dos grandes estudiosos do assunto, Kurt Schneider, incluía no âmbito das personalidades psicopáticas não apenas aquelas com distúrbios graves da conduta, como também as que apresentavam transtornos variados e mais ou menos abrangentes da esfera afetivo-emocional, do humor e da autonomia. Ampliando o círculo dos psicopatas, por outro lado destacou que muitos eram acessíveis à psicoterapia, ao tratamento medicamentoso e à psicoagogia. Contudo, descreveu com precisão os tipos incorrigíveis, com transtornos graves da integração afetiva e dos impulsos, e salientou o risco que representavam aos demais (5).

A segunda dificuldade vem do fato de que a denominação e o conceito supõem alguma forma de transtorno específico daquilo que se entende por personalidade. A suposição de que hajam transtornos específicos acarreta necessariamente a consideração de que, em nível psíquico, existam processos intrinsecamente relacionados com a personalidade.

Mas o que é, estritamente falando, a personalidade?

A psicopatologia deve, neste ponto, assim como e muitos outros, recorrer à psicologia, para melhor definir e encontrar seu objeto de interesse.

Dizer que a personalidade é a totalidade individual do comportamento não é suficiente, pois voltamos desse modo ao problema de delimitar qual a especificidade que justifica a separação nosográfica que estudamos.

Da mesma forma, definir, como habitualmente se faz, a personalidade como o conjunto de tendências afetivo-volitivas exclui, arbitrariamente, os nexos indispensáveis de orientação, de identificação e de noções relativas a si próprio que, apesar de cognitivos, fazem parte, sem dúvida, da personalidade.



Tentar dividir, no âmbito da vida psíquica, um conjunto de funções apenas relacionadas com a personalidade é ilusório, já que até mesmo processos da esfera cognitiva são necessários para a integração da personalidade.

No plano cerebral, assim como não há centros para a memória ou para vontade, também não há centros da personalidade.

Seja o que for a personalidade, ela depende de toda atividade psíquica, mas deve consistir em processos internos que delimitam, por um lado, as informações relativas ao mundo exterior e ao próprio corpo objetivo (esfera somática), e por outro as informações relativas a si próprio, no domínio afetivo-cognitivo das experiências vividas em continuidade, através do tempo. Esta integração de *si mesmo*, em confronto com as vivências do mundo exterior e da relação com outros, é o nível específico a que costumamos chamar de personalidade. A vivência do próprio corpo pode mesclar-se dinamicamente com a vivência da personalidade, mas não há correspondência unívoca entre ambas as ordens de ocorrência. O corpo próprio não é sentido necessariamente como personalidade. Com relação aos impulsos subjetivos, peculiares às inclinações afetivas, há aqueles que aceitamos como nossos, em plano intencional e consciente, mas há também impulsos reprimidos ou ativados diretamente em nosso comportamento, que não sentimos como nossos, ou dos quais não temos consciência. Em plano consciente, tais inclinações e mesmo o significado de certos comportamentos ficam excluídos de nossa personalidade, ainda que sem dúvida façam parte dela. Este é um problema complexo, especialmente relevante no caso dos transtornos específicos da personalidade. As pessoas com estes transtornos podem, não apenas, não reconhecer aspectos de seu comportamento, que são evidentes aos demais, como também dar-lhes outros significados, evidentemente em discordância com os objetivos explícitos evidenciáveis na relação interpessoal.

Verificamos deste modo que a noção de transtorno específico da personalidade envolve perturbações graves de tendências constitucionais relacionadas com aquilo que se conhece como *'caráter'*, usando uma expressão leiga, como um *estilo* pessoal de reações e de comportamento.

Alguns transtornos específicos da personalidade causam considerável sofrimento e desgaste emocional aos que os apresentam, com relativamente pouca repercussão sobre as pessoas de seu convívio. Entretanto, em certos casos, a insensibilidade emocional, em especial com relação aos sentimentos alheios, a baixa tolerância a frustrações, a agressividade manifesta ou a hostilidade latente, bem como a incapacidade de assimilar as experiências e de experimentar culpa, causam graves conseqüências disruptivas, com riscos importantes a outras pessoas. Estes últimos casos, relativamente raros, correspondem, em nosso ver, ao que se poderia continuar denominando personalidade psicopática. Tais transtornos, mais graves assumem interesse especial para a psiquiatria legal ou forense, uma vez que as possibilidades de modificação de seu comportamento são escassas e, frequentemente, há conseqüências penais.

Entretanto, estes casos raros e extremos, que estão entre os vários tipos definidos de transtornos específicos da personalidade da CID-10, particularmente incluídos no transtorno de personalidade anti-social, assumem



diferentes expressões psíquicas e comportamentais, às quais os autores têm dado diversas denominações. Quanto aos outros tipos definidos pela CID-10, como veremos, constituem traços de personalidade, mais ou menos acentuados, e muitas vezes acessíveis a diferentes modalidades de terapêutica.

Desde seus primórdios, a psiquiatria defrontou-se com indivíduos que diferiam da média, com manifestações que eram, entretanto, diversas daquelas caracterizadas como loucura ou insanidade mental. Já no século XVIII, a medicina interessou-se pelos criminosos brutais, homicidas sanguinários, criminosos passionais e estupradores violentos, com diferentes expressões de perversão. Os alienistas deram explicações a estes transtornos, baseadas no conhecimento de sua época e, quando lemos as suas obras, precisamos situar o conteúdo no contexto histórico.

Pinel descreveu a mania sem delírio, em nada parecida ao conceito atual de mania, e incluiu nesse rótulo grande variedade de homicidas e delinquentes.

Rush estudou nos Estados Unidos a perturbação moral, mais ou menos na mesma época em que Prichard, na Inglaterra, descreveu a insanidade ou loucura moral. (século XIX)

Koch cunhou o termo "inferioridade psicopática".

Mas o estudo mais minucioso e pautado em doutrina sistemática foi o de Dupré, segundo o estudo histórico de Bercherie (3). Dupré pode ser associado à orientação constitucional. Sua *constituição emotiva* era a base de inúmeros transtornos, histeria, angústia, fobia, psicastenia e neurastenia. Os transtornos da melancolia e da ciclotimia também eram incluídos no rol da constituição emotiva. Dupré descreveu outra constituição, ligada aos espasmos e crises motoras, origem comum da epilepsia, da catatonia e de transtornos coréicos, assim como de doenças com tiques, tremores, catalepsias e mioclonia. As perturbações instintivas - perversões - constituíam um terceiro grupo, com um aspecto comum, o transtorno da atividade social e moral do indivíduo, com raízes instintivas. Dupré escreveu também a *mitomania*, patologia fundamental da imaginação. A produção fantasiosa podia ser de caráter puramente auto-afirmativo, de caráter cruel (acusações caluniosas e infamantes) ou perverso (intenções sedutoras e sexuais). Tais constituições eram a base de transtornos psicóticos, também, segundo menciona Bercherie (3).

Muitos autores estudaram o problema das personalidades anormais. Dois aspectos, entretanto, sempre marcaram as categorizações, no início de nosso século. Implícita ou explicitamente, a doutrina das degenerações e, de modo mais ou menos consciente, a avaliação moral.

Isto se observa mesmo nas classificações do principal sistematizador da psiquiatria contemporânea - Kraepelin.

Denominações como as de estado de fraqueza psíquica, incluindo os deficientes mentais e os casos de loucura moral, assim como os pervertidos sexuais, são mantidas até a sexta edição de seu tratado, de 1899, como casos de degeneração, como destaca Bercherie. Porém, seu conceito de degeneração é entendido muito mais através do parâmetro de aceitação e de conformação aos costumes, do que por fundamentos científicos rigorosos. O indivíduo comete crimes, ameaça a sociedade, portanto, é degenerado.

Estamos nessa época no período orgânico e evolucionista da teoria social. Algumas denominações de Kraepelin exemplificam este dado: psicopata desalmado, embusteiro, vagabundo.

Com Kretschmer, a orientação constitucional encontrou sua sistematização mais conhecida. Considerando o caráter como o elemento afetivo e volitivo da personalidade, analisava a atividade psíquica segundo quatro componentes: sensibilidade, retenção, elaboração e exteriorização. A força das reações caracterizava a *estenia* ou a *astenia*

Kretschmer apresentou quatro tipos de reação psicopáticas:

1. primitiva: explosivos (estênicos) instáveis (astênicos)  
mitômanos e histéricos (variantes)
2. expansiva: litigantes e fanáticos
3. sensitiva: emotivos e obsessivos
4. astênica: fatigáveis, sugestionáveis e hipersensíveis.

Posteriormente correlacionou os temperamentos e as personalidades psicopáticas com as grandes condições da psiquiatria:

- ciclotímicos - ciclóides - PMD
- esquizotímicos - esquizóides - esquizofrenia
- epileptóides - epilepsia

Construiu desse modo um sistema que considerava a gradação entre a normalidade e a doença, além de variações atípicas, que representavam tipos mistos ou a influência de tendências diversas em uma condição determinada.

Schneider desenvolveu o tema das personalidades psicopáticas de modo a estabelecer descrições fundamentais, sem recorrer a pressupostos doutrinários (5). Descartou, em princípio, o critério valorativo. Adotou o critério estatístico, como parâmetro não rigoroso de ocorrência clínica. Anormal, neste sentido, é o *incomum*.

Definiu personalidade psicopática como aquela que sofre por sua anormalidade *ou* faz sofrer a outros. Há, portanto dois grupos, com limites algo imprecisos.

Para Schneider, as psicopatias seriam variantes anômalas do ser. A tipologia deste autor é intencionalmente assistemática, e puramente descritiva:

1. Hipertímicos: expansivos, alegres, equilibrados, ativos, superficiais, imprecisos, imprudentes, convictos, confiantes e sociáveis ( Até aqui, como se vê, são traços gerais de personalidade ). Podem ser litigantes, mas não fanáticos. Existem tipos inconstantes. Podem também ser fabuladores ou mitômanos e até mesmo explosivos e associas ( o aspecto principal seria a expansividade e a excitabilidade, correspondendo mais ou menos o que se chama hoje por mania ).

2. Depressivos: pessimistas, amargurados, às vezes se exaltam em reações que parecem hipertímicas, mas são tentativas de evasão. Alguns são rígidos, muito zelosos e intimamente presunçosos. Outros são reservados e retraídos. Podem ser sensíveis aos demais ou egoístas, irritáveis, frios,

críticos, cruéis, desconfiados, persecutórios ou ressentidos ( O aspecto principal é a tendência depressiva ).

3. Inseguros: com sentimentos de insuficiência, sensitivos e anancásticos, escrupulosos e auto-acusadores, intolerantes consigo mesmos e obsessivos ( É curioso que Schneider não inclua neste tipo a dependencia afetiva ).

4. Fanáticos: com idéias prevalentes, ativos e mais ou menos expansivos. Podem ser litigantes, profetas e condutores sectários. Fundamental neste tipo é a luta, o pleito, o proselitismo e a convicção inabalável acerca do que deve ser divulgado, aceito e compartilhado pelos demais. Arrogantes e desdenhosos para com os que recusam a sua influência. Rígidos. A necessidade de domínio e a intransigência são evidentes. O ódio surge facilmente com a oposição e a discordância, e o fanático pode tornar-se agressivo e cruel nessas circunstâncias.

5. Carentes de estima ou aprovação: hipersensíveis, lábeis, egocêntricos, histriônicos, descontrolados, com o aspecto fundamental de "parecer mais do que são". Excentricidade, vanglória e pseudologia são expressões deste tipo, não essenciais.

6. Lábeis de ânimo: distímicos, impulsivos e instáveis. ( Epileptóides, segundo alguns autores )

7. Explosivos: tipos que incluem desde explosivos brutais e primitivos até o traço de explosividade, atenuado.

8. Desalmados: insensíveis, com sentimentos pouco diferenciados, frios ou acrimoniosos, cruéis e incorrigíveis.

9. Abúlicos: falta de vontade, com reações de esgotamento. Sugestionáveis.

10. Astênicos: preocupação excessiva com o corpo e obsessões, que Schneider credits à deficiência de espontaneidade vital.

Apresentada esta relação, pela sua importância histórica, passemos aos transtornos de personalidade, de acordo com as classificações atuais.

Para fins didáticos, podemos estabelecer certa analogia entre os transtornos específicos da personalidade, classificados pela DSM IV ( 2 ) e as condições arroladas como *psicóticas*, *psicopáticas* e *neuróticas*, em sentido comum:

#### AGRUPAMENTO A ( "psicose" )

**Transtorno paranóide:** tendência interpretativa, desconfiança mórbida, hipersensibilidade a críticas e tendência ao ressentimento.

**Transtorno esquizóide:** indiferença afetiva, retraimento ao contato, frieza emocional e tendência ao isolamento.

**Transtorno esquizotípico:** excentricidade, idéias e crenças incomuns, retraimento ao contato, auto-referência, hipersensibilidade no relacionamento interpessoal e desconfiança.

#### AGRUPAMENTO B ( "psicopatia" )

**Transtorno anti-social:** transtorno de conduta antes da adolescência com crueldade, vadiagem, agressividade manifesta, destrutividade, mentira ou roubo. Após os 15 anos, inconstância no trabalho, delinquência, hostilidade, agressividade e crueldade manifestas, negligência com relação

a compromissos firmados, prospecção fragmentária, mentira, promiscuidade, ausência de culpa ou de remorso, sentimentos deficitários de consideração e de vínculo com outras pessoas.

**Transtorno limítrofe ou *borderline*:** labilidade de humor, instabilidade nas relações afetivas, com extremos de superestima e minusvalia alternantes, impulsividade em situações de risco, irritabilidade e descontrole emocional, comportamento auto-destrutivo, transtornos de identidade persistentes, sentimentos de falta de propósito e reações intensas de evasão em situações conflitivas.

**Transtorno histriônico:** carência de estima ou aprovação, atitude sedutora inadequada, histrionismo, hipersensibilidade emocional e labilidade emocional e de humor, baixa tolerância às frustrações, sentimentos e afetos superficiais.

**Transtorno narcisista:** superestima, hipersensibilidade a críticas, tendência à exploração ou manipulação de outros, auto-referência, fantasias e sentimentos de grandiosidade pessoal, empatia deficitária e atribuição de inveja aos demais.

#### AGRUPAMENTO C ( "NEUROSE" )

**Transtorno de evitação:** sensibilidade excessiva a críticas, retraimento social, desconfiança e insegurança, auto-conceito e auto-estima deficitários, com expectativa ansiosa, que leva à evitação de situações.

**Transtorno de dependência:** dependência afetiva, indecisão, carência de autonomia, insegurança, ansiedade de perda e hipersensibilidade à crítica ou desaprovação.

**Transtorno obsessivo-compulsivo:** perfeccionismo, preocupação com detalhes, rigidez, indecisão devido a preocupações obsessivas, excesso de escrúpulos, coartação afetiva, mesquinhez.

Na CID-10, a classificação é semelhante, ainda que com alguma diferença na exigência do número de critérios que definem os traços ou tipos de comportamento apresentados.

Em ambas as classificações a codificação depende desses critérios, podendo, entretanto, haver em um mesmo caso, a caracterização de vários transtornos da personalidade. Isto confere às duas classificações a flexibilidade necessária ao diagnóstico, mas, ao mesmo tempo, abre demais a variabilidade dos tipos de transtorno, de tal maneira que pode perder-se a precisão necessária a estudos epidemiológicos e clínicos.

Uma sugestão é a de que sempre que se fizer o diagnóstico de um TEP, sejam transcritos os traços encontrados, de acordo com a codificação da CID-10. Desta forma, a delimitação do transtorno será mais precisa do que o rótulo diagnóstico genérico. Seguindo a orientação de Anibal Silveira (6), fazemos a distinção entre transtornos parciais e transtornos globais da personalidade, que se diferenciam na extensão do envolvimento dos dinamismos afetivo-conativos e na intensidade das manifestações.

Organizamos os transtornos parciais da personalidade, como tentativa de sistematização, para fins didáticos.

### 1. Manifestações da esfera afetiva, predominantemente:

Dinâmica Afetiva Específica	Com descontrolo conativo ou controle excessivo	Com repercussão sobre a esfera cognitiva
Indiferença afetiva/ Frieza de ânimo	Timidez excessiva, retração ao contato	Desconfiança mórbida
Traço anormal de crueldade ou Agressividade	Bloqueio ou coarctação afetiva (rigidez emocional)	Ciume patológico
Traço hiperemotivo	Tendência ao ressentimento	Tendência à auto-referência
Tendência depressiva	Rigidez de hábitos	Sugestionabilidade
Tendência Expansiva	Teimosia/obstinação	Tendência ao proselitismo
Avidéz de apreço e ambição desmedida	Instabilidade de humor	Intolerância habitual
Dependência afetiva		

### 2. Manifestações da esfera conativa, predominantemente:

Envolvendo a dinâmica afetiva	Dinâmica conativa específica	Na regulação do trabalho mental (cognição)
Irritabilidade	Impulsividade	Detalhismo
Disposição à reações agressivas	Irrequietude/ Hiperatividade	Perseveração ideativa
Atitude de oposição	Traço astênico	Prolixidade
Atitude litigante	Traço explosivo	Instabilidade de atenção
	Traço compulsivo	Rigidez ideativa
		Lentidão psíquica

### 3. Manifestações da esfera cognitiva, predominantemente:

Envolvendo a dinâmica afetiva	Através da dinâmica conativa	Manifestações intrínsecas cognitivas
Misticismo "patológico"	Desorganização habitual	Excentricidade
Fanatismo	Tendência à fabulação ocasional	Tendência interpretativa
Tendência hipocondríaca		Tendência obsessiva
Atitude histriônica e pedante		

(Quadro elaborado a partir de exposições de Anibal Silveira, e sujeito a revisões)

Examinando a CID10, verificamos que estes transtornos, parciais, estão incluídos como traços definidores de transtornos específicos da personalidade.

Entretanto, estes traços ocorrem muitas vezes isoladamente, e, por isto, nós os consideramos em separado.

Além destes transtornos parciais, Anibal Silveira distinguia os transtornos globais da personalidade, personalidades psicopáticas em acepção estrita.

Os transtornos globais da personalidade são os seguintes:

### 1. PERSONALIDADE PSICOPÁTICA PERVERSA:

1) Perturbações graves da vida instintiva: Perversões sexuais mescladas com crueldade, hostilidade ou sadismo e promiscuidade

2) Insensibilidade afetivo-emocional

3) Frieza de ânimo ou acrimônia

4) Sentimentos éticos muito fragmentários e mesmo ausentes; ausência de remorsos ou culpabilidade

5) Comportamento explorador e de manipulação de outras pessoas, atitude sedutora com o propósito de dominar e de envolver

6) Propósitos imediatistas e fragmentários, com prospecção deficitária. Pode haver dotação intelectual, mas a sua aplicação é sempre fragmentária e de acordo com intenções imediatas.

7) Tendência a justificativas superficiais, a insinuações caluniosas, a intrigas difamatórias.

### 2. PERSONALIDADE PSICOPÁTICA HIPEREMOTIVA:

1) Perturbações da vida instintiva: promiscuidade e atitude persecutória ou auto-referente (em função da hostilidade e da superestima), avidez de aprêço.

2) Hipersensibilidade afetivo-emocional

3) Labilidade de humor

4) Sentimentos superficiais, tendência à auto-justificação e auto-indulgência;

5) Comportamento sedutor e histriônico, pela intensa necessidade de domínio e de aprovação

6) Propósitos imediatistas e fragmentários, com prospecção deficitária, e intensa idealização da realidade.

7) Atitude de acusação e crítica aos demais; idéias de superestima e idealização de si mesmo

(Ocorre variante mitômana, com fabulações estáveis).

### 3. PERSONALIDADE PSICOPÁTICA EXPLOSIVA

1) Perturbações da vida instintiva: impulsividade intensa e deficiente integração da vida instintiva, em geral

2) Atitude beligerante, no plano afetivo-emocional.

3) Disforia irritável

- 4) Sentimentos éticos muito fragmentários e mesmo ausentes; ausência de remorsos ou culpabilidade
- 5) Comportamento dominador e autoritário, com atitude impositiva
- 6) Propósitos imediatistas e fragmentários, com prospeção deficitária
- 7) Reações explosivas em "curto-circuito"

#### 4. PERSONALIDADE PSICOPÁTICA INSTÁVEL

- 1) Perturbações da vida instintiva: promiscuidade e atitude persecutória ou auto-referente (em função de hostilidade e superestima), avidez de aprêço.
- 2) Labilidade afetivo-emocional
- 3) Expansividade do humor, com disforia depressiva episódica
- 4) Sentimentos éticos muito fragmentários e mesmo ausentes; ausência de remorsos ou culpabilidade
- 5) Comportamento sedutor e atitude manipuladora
- 6) Propósitos imediatistas e fragmentários, com prospeção deficitária
- 7) Inconstância em todos os empreendimentos.

#### 5. PERSONALIDADE PSICOPÁTICA ASTÊNICA

- 1) Deficiente espontaneidade vital
- 2) Insensibilidade afetivo-emocional em geral, com reações ocasionais devidas a sentimentos de insuficiência
- 3) Embotamento do humor, com disforia depressiva episódica
- 4) Sentimentos éticos muito fragmentários e mesmo ausentes; ausência de remorsos ou culpabilidade
- 5) Comportamento passivo em geral, com eventuais tentativas de exploração e de manipulação
- 6) Inibição do trabalho mental; propósitos imediatistas e fragmentários, com prospeção deficitária
- 7) Carência de iniciativa nos empreendimentos.

Os cinco tipos descritos apresentam também, como repercussão da dinâmica afetivo-emocional intensamente desarmonica, padrões inusuais de processos cognitivos, apreendidos através de provas específicas. Entretanto, existem diferenças na capacidade intelectual. Os indivíduos com transtorno global de personalidade podem ser mais ou menos inteligentes, mas sempre se verifica um aspecto destacado por Alonso-Fernandez, que é a ausência de prospeção e de ligação entre os fatos da experiência, uma temporalidade voltada ao presente, descontínua, imediatista. Por outro lado, o mesmo autor destaca como fundo da vivência psicopática o que chama, seguindo a orientação fenomenológica de Lopez Ibor, de *agressividade vital* (1). Para Silveira, este elemento traduz o transtorno afetivo global, peculiar às personalidades psicopáticas, e representa a desarmonia fundamental entre os impulsos instintivos e os sentimentos.

Para finalizar, resta destacar que tanto os transtornos globais quanto os parciais da personalidade não excluem a possibilidade da ocorrência de

outros tipos de transtornos mentais, mas ainda não há dados conclusivos quanto à co-morbidade.

### COMPARAÇÃO ENTRE TIPOS PSICOPÁTICOS E TRANSTORNO DA PERSONALIDADE, EM ALGUNS CASOS ESPECIAIS

KRAE-PELIN	BLEULER	SCHNEIDER	A.-FERNANDEZ	A. SILVEIRA	CID10
inimigo da sociedade	desvio ético constitucional	Desalmado ou insensível	atímico	perverso	TEP anti-social F60.2
excitável /	excitável /depressivo (PMD)	hipertímico / depressivo	hipertímico / depressivo	traço expansivo /traço depressivo	transtorno do humor (hipomania) F30.0
instável	inconstante	inconstante	at. de personalidade	instabilidade (P.p e traço)	TEP emoc. instável F60.30 TEP outros
impulsivo	impulsivo	explosivo	explosivo / irritável	explosividade (P.p e traço)	TEP emoc. instável impulsivo F60.30
mentiroso/ trapaceiro	pseudólogo/ farsante	pseudologia	pseudologia	mitomania (perversa/hiperemotiva)	
extravagante	extravagante			traço excêntrico	Transtorno esquizotípico F21
litigante	pseudo-litigante	querelante	atitude de personalidade	traço litigante	TEP paranóide F60.0
egocêntrico		carente de aprovação	atitude de personalidade	hiperemotividade (P.p. e traço)	TEP • histriônico F60.4



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. ALONSO-FERNÁNDEZ, Francisco - *Fundamentos de la Psiquiatria Atual* Madrid, Editorial Paz Montalvo, 1976, 3ed 2 Vol.
2. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. Fourth Edition. Washington DC, 1994
3. BERCHERIE, Paul - *Os Fundamentos da Clínica. História e estrutura do saber psiquiátrico*. Trad. Ribeiro, V. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1989
4. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (Coord.) - *Classificação dos Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10*. Trad. Caetano, D. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993
5. SCHNEIDER, Kurt - *Las Personalidades Psicopáticas* Madrid, Ediciones Morata, Primeira Edición, 1943.
6. SILVEIRA, Anibal - "Cerebral Systems in the Pathogenesis of Endogenous Psychoses". *Arq. de Neuro Psiquiatria*, 20(4), São Paulo, 1962



**O RORSCHACH COMO SUBSÍDIO DA AVALIAÇÃO  
DE TRANSTORNOS DA PERSONALIDADE:  
ANÁLISE DE CASOS CLÍNICOS SUBMETIDOS A PERÍCIA E  
CORRELAÇÃO DOS DINAMISMOS APREENDIDOS ATRAVÉS  
DA PROVA DE RORSCHACH**

<sup>10</sup>Hilda C.P. MORANA

Procedemos a revisão de casos submetidos à perícia psiquiátrica, nos quais foi utilizada a Prova de Rorschach como instrumento subsidiário para esclarecimento dos transtornos investigados. Buscamos verificar, através da Prova de Rorschach, os fatores de personalidade significativos na ocorrência dos casos apresentados e correlacioná-los com o Transtorno Anti-Social da Personalidade.

Na Prova de Rorschach seguimos a orientação, metodologia e critério, estabelecidas nas obras de Anibal Silveira (1985) e Lúcia Coelho (1980)

São apresentados 5 casos, diagnosticados como Transtorno Anti-Social da Personalidade

Elaboramos um resumo da história clínica e dos dados do Rorschach.

As dificuldades relacionadas com a caracterização dos denominados Transtornos da Personalidade, foi suficientemente discutida em artigo publicado nesta revista pelo Dr. Ruy Mendes e por esta razão, não nos estenderemos nesta questão.

Quanto aos trabalhos que se relacionam ao tema, citaremos apenas aqueles, que de alguma forma, utilizaram-se de critérios que se assemelham aos empregados pela sistematização de Anibal Silveira. Entre eles estão o de Pais, L.(1989); o de Parisi, Pes, Foraglia, Lanotte e Spaccia(1992), da Scuola Romana de Rorschach e Fazzani Neto(1995).

Fazzani Neto, R.(2) em sua tese de mestrado verifica que ... "nos sujeitos examinados ocorre uma captação extremamente superficial da realidade, pautada principalmente em impressões subjetivas ou em generalizações impulsivas do significado das experiências e dificuldade em estabelecer relações significativas entre elas; .... o momento presente, é apreendido de modo muito vago e superficial e com incapacidade de imaginação e prospecção. Há, também, falta de empatia e incapacidade de apreender os nuances do relacionamento interpessoal."

Lucia Pais(3), avaliou indivíduos, inimputáveis perigosos homicidas, traçando uma paralelo com indivíduos inimputáveis perigosos não homicidas. Trabalho realizado em Portugal.

A autora interpreta seus resultados como indicativos de controle consciente deficitário e presença de imaturidade. Refere que haveria, nos sujeitos examinados, uma incapacidade em controlar a emergência massiva das reações afetivo-emocionais.

10 - Presidente da Sociedade Rorschach de São Paulo  
Médica Psiquiatra, Mestre em Psicologia Clínica

## CASO 1

### RELATO DO CRIME:

J. assassinou com inúmeros golpes de faca, um homem idoso com quem teria discutido, em um bar. Cometeu o crime, após tocaia, na proximidade da residência da vítima, e depois tentou esconder-se em mata nas redondezas. Durante a perícia, alegou que fora agredido sem motivo pela vítima, e que esta, sim, o atacara ao voltar para casa.

### HISTÓRIA INDIVIDUAL:

Não há dados sobre as condições de nascimento e desenvolvimento inicial. Em torno dos 14 anos informa que lhe ocorria tremor no membro inferior esquerdo, com queda subsequente. Não há informações que permitam diferenciar a ocorrência quanto a crises convulsivas ou outro problema neurológico. Apresentava também déficit visual no olho esquerdo desde o nascimento, mal esclarecido. Enurese noturna até os 10 anos de idade. Iniciou escola com 7 anos e a deixou com 12, na terceira série, segundo informa, por determinação paterna, para trabalhar. Na infância, segundo refere, não gostava de tomar banho, e isto era motivo de pilhéria. É lavrador. Solteiro. Faz uso habitual de etílicos e segundo informação de terceiros, quando alcoolizado, ficava mais violento, ainda que seja habitualmente agressivo. Também segundo informações objetivas, J. costumava andar armado com faca e se envolvia em freqüentes atritos. Segundo informe objetivo, J. nunca deixava sua faca, nem ao dormir, sendo pessoa violenta, que com freqüência ameaçava outros indivíduos e praticava furtos em chácaras da vizinhança. Na prisão, segundo informa, teria sido tatuado por imposição de outros presos.

### HISTÓRIA FAMILIAR

Seus pais tinham atritos freqüentes e se separavam esporadicamente. O pai trabalhava como empreiteiro. J. é o segundo filho de uma prole de 6 irmãos, dos quais 2 faleceram ao nascer e 1 teria apresentado prováveis convulsões epilépticas.

### CONDIÇÕES FÍSICAS GERAIS

Bom estado geral de nutrição, apresenta tatuagem no braço esquerdo. Não há outros dados relevantes no exame atual.

### EXAME PSÍQUICO

Vigília e orientação preservadas. Entretanto, seu relato manifesta imprecisão para com os fatos objetivos. Ao que parece, tenta dissimular os dados, o que levou o perito a supor tendência fabulatória. O nível intelectual é primário e rudimentar. Evidencia disforia, com ansiedade, irritabilidade e tendência ao descontrole impulsivo. Quanto à vida afetiva, não denota diferenciação de sentimentos, predominando afetos mais primitivos e descontrole afetivo-emocional.

### Discussão:

Trata-se de uma pessoa que, apesar de reagir afetivamente às situações interpessoais, o faz de modo muito impulsivo e imediato, demonstrando irritabilidade e tendência explosiva. Em função da impulsividade elevada e da vida afetiva pouco diferenciada, não demonstra autonomia de ação. Em nível cognitivo, sua ligação com a realidade é precária, pautada em impressões muito subjetivas ou em generalizações irrefletidas, sem a capacidade de estabelecer relações significativas entre elas. Revela também deficiência de imaginação e de prospecção. Como transtorno afetivo geral, manifesta empatia insuficiente e insensibilidade às nuances do relacionamento interpessoal.

Portanto, revela-se um transtorno grave da personalidade, já que envolve a estrutura afetivo-conativa como um todo, com repercussões sobre a esfera cognitiva, independentemente de haver ou não déficit intrínseco intelectual.

De acordo com os critérios da CID-10, apresenta o transtorno anti-social da personalidade F60.2

## CASO 2

### RELATO DO CRIME:

S. assassinou uma pessoa, auxiliado por outros dois colegas. Teria também, alegando vingança, atentado contra a vida do irmão dessa pessoa, que supostamente teria matado um dos irmãos dos que lhe auxiliaram nesse homicídio. Consta ainda que S. teria matado um amigo da vítima, por este ter dado depoimento contra si.

S. nega todos os fatos.

### História Individual

S. nasceu em pequena cidade do interior paulista, sem intercorrências quanto ao desenvolvimento. É de nível sócio-cultural baixo.

Diz ter sido uma criança muito traquina, que mendigava comida sem necessidade, faltava às aulas para ficar na rua, motivos pelos quais apanhava do pai. Foi criança muito briguenta, tendo se acalmado na adolescência. Diz que sempre andou em más companhias.

Estudou dos 7 anos até 5ª série, é alfabetizado e não teve dificuldade no aprendizado.

Trabalhou como engraxate e servente de pedreiro por dois meses. Até ser preso, refere que vendia sorvetes e refrigerantes em cidade de peregrinação religiosa.

Vive maritalmente desde os 16 anos. Tem dois filhos e bom relacionamento conjugal, segundo refere.

Aos 16 anos fora internado na FEBEM por acusação de furto. Teve várias passagens pelo Juizado de Menores. Esta é a terceira vez que o periciando é detido, sendo que por uma vez, o motivo foi porte de arma.

### HISTÓRIA FAMILIAR:

Seus pais são separados, sendo que seu pai é alcoólatra, sofre de crises convulsivas, e quando alcoolizado torna-se agressivo.

S. é o primeiro filho de uma prole de 4 irmãos, sendo todos casados e normais.

Vários tios paternos alcoólatras, sendo que um deles sofreu surto de Alucinação Alcoólica.

### CONDIÇÕES FÍSICAS GERAIS:

Bom estado geral de nutrição.

Refere que dos 7 aos 18 anos de idade sofreu de crises convulsivas, antecedidas por tonturas. Tratava-se com medicação anti-convulsivante.

Usuário de drogas tipo "maconha" e crack. Aos 22 anos de idade fora internado pelo uso de cocaína. Não se lembra das circunstâncias em que fora internado, tendo sido encaminhado pela polícia ao Hospital Psiquiátrico. Nega o uso de drogas há dois anos.

### EXAME PSÍQUICO:

À entrevista periciando calmo, bom contato, orientado globalmente. Humor levemente deprimido. Coerente em seu discurso. Atenção mantida. Memória preservada. Não houve contradições em seu relato atual com o exame realizado anteriormente. Curso do pensamento normal de conteúdo lógico e coerente. Não apresenta desvios perceptivos e/ou delirantes. Iniciativa e pragmatismo sem alterações. Ressonância emocional adequada. Não apresenta desvios afetivos intrínsecos.

Exames Complementares:

- Teste das Pirâmides Coloridas
- Prova Gráfica Projetiva; HTP
- Desiderativo
- Prova de Rorschach

### Discussão:

Periciando apresenta produção dispersa, ambicioso, lábil afetivamente, egocêntrico. Reage afetivamente de forma desadaptada às solicitações sociais, com impulsividade. Contudo, busca controlar tal impulsividade, demonstrando prudência no contacto.

Durante as provas psicológicas evidenciou intensa ansiedade interpretadas pela psicóloga como sendo de cunho paranóide. Houve tentativa de simulação de provas projetivas.

AS provas de nível mental resultaram os níveis médio superior, apresentando excelente raciocínio indutivo e mediano raciocínio abstrato. Deficiência de atenção.

Periciando apresentou como resultado do Eletroencefalograma, sinais de atividade irritativa difusa, durante a hiperpnéia. Tal dado sugere tendência epileptóide da personalidade, que se manifesta no periciando como impulsividade. Este dado não isenta o periciando de responsabilidade, uma

vez que, embora impulsivo, ou seja, que facilmente se excita ou enfurece, não perde a noção do que faz.

De acordo com os critérios da CID-10, apresenta o transtorno anti-social da personalidade F60.2

### CASO 3

#### Relato do Crime

Na data de 19 de Agosto de 1989, em co-autoria, cometeu chacina contra quatro menores, num terreno baldio, na periferia da cidade de São Paulo.

Refere que estava no bar, encontrou um outro rapaz, ambos foram para a casa de um colega, sendo que no caminho assaltaram dois rapazes, tendo levado-os para um terreno baldio, onde os mataram a tiros. Alega arrependimento dos fatos.

E. refere ter envolvimento em outro homicídio, por motivo de brigas de turma. E. está internado na FEBEM por homicídio.

#### História Individual

E. desenvolveu-se sem anormalidades. Na infância apresentou sonolôquio e enurese noturna até 4 anos. Estudou até 5ª série, parou os estudos para trabalhar.

Trabalhou, aos 15 anos de idade, como ajudante em firma de moveis, tendo sido despedido por faltar e chegar atrasado. Trabalhou também como servente de pedreiro por 8 meses.

Refere ter feito uso de cannabis sativa até a sua internação na FEBEM.

#### História Familiar

Pai desconhecido. São dois irmãos dos mesmos pais. Por parte da mãe tem mais 5 irmãos. Todos saudáveis.

#### Condições Físicas Gerais

Bom estado geral de nutrição.

#### Exame Psíquico

Aparência conservada. Higiene preservada. Periciando reluta em dar respostas claras e objetivas ao que lhe é perguntado. Teme que a entrevista possa vir a deixá-lo mais tempo preso. Mostra-se impaciente na sala de exame. Evidencia ser impulsivo e facilmente irritável. Refere-se aos homicídios que praticou, sem evidência de arrependimento. Tenta simular culpa, afirmando, sem ser indagado, que sente-se arrependido, embora alegue não saber o porque teria feito o que fez.

Nível intelectual dentro dos limites da normalidade.

Os dados de exame psíquico resultaram todos sem alterações psicopatológicas.

#### Discussão:

De acordo com os critérios da CID-10, apresenta o transtorno anti-social da personalidade F60.2, com indício de elevada periculosidade.

## CASO 4

### RELATO DO CRÍME

V. refere que no dia dos fatos, em co-autoria, subtraiu para si, mediante grave ameaça, exercida com emprego de arma de fogo, um automóvel. Fizeram a vítima despojar-se de seus bens, inclusive assinar folhas de cheque em branco. Usufruiu deste veículo por três dias quando fora detido pela polícia.

V. não nega os fatos, mas alega, como causa de seu delito, o fato de que "andava em más companhias"

### HISTÓRIA INDIVIDUAL

Refere circular de cordão no nascimento, com provável anóxia cerebral (nasceu roxo).

Falou apenas com 4 anos de idade. Andou com 1 ano e meio. Apresentou sonilóquio e bruxismo. Aos 2 anos de idade sofreu crise convulsiva febril. Fez uso de anticonvulsivante até os 3 anos de idade.

Estudou até 4ª série, com rendimento ruim. Apresentou dificuldade no aprendizado, principalmente em matemática.

Aos 12 anos começou a trabalhar em auto-elétrica de carros. Aos 16 anos trabalhou em pizzaria, como entregador e office-boy. Também como office-boy em firma de engenharia. Por 4 anos ficou sem trabalhar por desinteresse de sua parte.

V. é Solteiro, e não tem filhos.

Pai do periciando refere que o mesmo sempre teve atitudes diferentes de seus irmãos. Não se interessava por estudos e não era constante nos empregos.

### HISTÓRIA FAMILIAR:

Pais vivos com saúde. Periciando é o 4º filho de uma prole de 4 irmãos. Nega doenças mentais entre os familiares.

### CONDIÇÕES FÍSICAS GERAIS:

Bom estado geral.

Presença de tatuagem feita pelo próprio periciando. O desenho é o de um raio, uma gaivota, uma estrela e o símbolo nazista, sendo que os dois últimos foram retirados.

Apresenta outra tatuagem na região deltóide esquerda: duas gaivotas e uma lua

### EXAME PSÍQUICO:

Mostrou preocupação com a sua aparência estética, apresentando-se com vestes arrumadas e adequadas.

Mostrou-se pouco preocupado com o exame pericial e com a sua situação judicial, assumindo, inclusive certo ar de descaso. Não foram evidenciadas alterações de natureza psicótica. Nível intelectual nos limites inferiores da normalidade (avaliado empiricamente).

## EXAMES COMPLEMENTARES:

Em 21/03/1986 foi elaborado relatório psicológico do qual transcreve partes relevantes por evidenciar aspectos da personalidade do periciando quando este contava com a idade de 11 anos e 2 meses. Constatou-se que todas as suas aptidões específicas intelectuais apresentaram-se abaixo de sua idade cronológica, sendo a sua idade mental, à época do exame de 8 anos e 5 meses.

O perfil básico de sua personalidade revelou introversão, imaturidade psíquica e certo grau de ausência de afetividade e de autocrítica. Na prática, pareceu não aprender com seus erros e ser imune à punições, conselhos ou gratificações. Entre suas reações predominam mentiras, furtos, manifestações de não submissão.

V., na ocasião foi submetido a tratamento psicopedagógico de 1983 a 1985 e à antiginástica biodinâmica. A conclusão em reavaliação posterior foi a de que nenhuma forma de tratamento efetuou melhora no comportamento e na repercussão emocional do probando.

EEG: discretos sinais de atividade irritativa focal de provável projeção nas áreas temporo-parietais e raros paroxismos polimorfos de amplitude pouco mais elevada que a dominante.

### Discussão

Concluiu-se que o periciando é portador de Transtorno Anti-Social da Personalidade F60.2, associado à tendência instável, em pessoa limítrofe, quanto ao nível intelectual.

## CASO 5

### Relato do Crime

B. de 24 anos de idade, constrangeu a mãe, mediante violência e ameaça de morte, a praticar com ele conjunção carnal. Chamou a mãe até o local dos fatos, sob a alegação de que seu pai se achava com outra mulher. No local disse a ela "que o negocio era outro"... rasgou suas vestes dizendo que pretendia manter relação sexual. A vítima tentou fugir, mas não conseguiu porque o indiciado a segurava pelo pescoço e a prendia no chão sob seu corpo, impossibilitando a sua resistência e mantendo com ela conjunção carnal.

Em depoimento afirmou que sempre teve certa atração pela mãe, costumava vê-la tomar banho, e sentia ciúmes do pai. Na noite dos fatos, sabia que o pai pernoitaria em outro sítio, por isso aproveitou-se da situação. Levou a mãe para um descampado onde manteve relação carnal com ela. Disse a mãe, ainda, que levasse a prima para manter relações com ele, sendo a prima menor, com idade de 11 anos.

Na volta a casa ordenou a mãe que não contasse nada a ninguém e se caso contasse a polícia ou outra pessoa, lhe mataria e depois praticaria o suicídio.

Refere que passou a noite toda vigiando a mãe e adormeceu pela manhã. Quando acordou percebeu que a mãe havia saído, tendo se dirigido para a casa de sua tia. Foi preso por seu tio, que o encaminhou à delegacia.



## HISTÓRIA INDIVIDUAL

Periciando não se recorda dos dados referentes ao seu desenvolvimento. Nunca frequentou escola.

Aos 3 anos de idade, sua mãe separou-se de seu pai. Viveu com o seu pai e avó paterna até os 7 anos de idade, quando esta veio a falecer. Aos 10 anos de idade, sua mãe voltou a residir em sua casa, junto de suas duas filhas, fruto de outra união

Quando detido estava sem ocupação laborativa. Trabalhou, aos 15/16 anos com o pai, como lenheiro. Refere que nunca teve trabalho fixo, sempre que aparecia algum serviço executava-o.

Refere que nunca teve namoradas. É solteiro

B. Nunca fora preso anteriormente. Por uma vez agrediu seu pai. Testemunhas afirmam que o periciando costuma fazer uso de etílicos e que quando embriagado, torna-se violento.

Refere que suas amizades faziam parte da vizinhança. Iam à cidade apenas nas datas festivas, tais como: festa de São João, Natal e Ano Novo.

Costumava pescar e jogar bola com os amigos.

## HISTÓRIA FAMILIAR:

Pais vivos e saudáveis. Dois irmãos mais novos, sem distúrbios psiquiátricos, filhos de sua mãe com outro homem.

## CONDIÇÕES FÍSICAS GERAIS

Bom estado geral de nutrição.

## EXAME Psíquico:

Normal, sem alterações psicopatológicas.

## EXAMES COMPLEMENTARES:

EEG: normal.

## Discussão:

Conclusão do exame psicológico

Periciando mantém um comportamento atual aparentemente direcionado e constricto, pelo uso da restrição e superficialidade nos contatos em geral.

Apresenta, muita dificuldade de adaptação afetiva aos limites e regras sociais, podendo falhar no uso da crítica intelectual sobre suas disposições impulsivas, quando mobilizado pelos afetos, nas relações interpessoais mais próximas.

De acordo com os critérios da CID-10, apresenta o transtorno anti-social da personalidade F60.2, com indício de elevada periculosidade.

**OBSERVAÇÃO INTELCTUAL -  
CONJUNTO MONOCROMÁTICO  
MODALIDADES**

CASOS.	R	ÍNDICE PERCEPÇÃO
1	11	<u>G7GE1</u>
2	10	<u>G3P</u>
3	6	<u>G6</u>
4	15	<u>GP(p)E</u>
5	5	<u>G2(P) E5 PG</u>

**OBSERVAÇÃO INTELCTUAL -  
CONJUNTO COLOR MODALIDADES**

CASOS	R	ÍNDICE PERCEPÇÃO
1	15	<u>P2</u>
2	6	<u>P2</u>
3	8	<u>G3(P)</u>
4	17	<u>PpE2GE2</u>
5	4	<u>G3PE8</u>

**ADAPTAÇÃO A REALIDADE-  
CONJUNTO MONOCROMÁTICO**

CASOS	%F+	%V	%A	%RMI	CON
1	87,50	27,27	63.64 ↑	59.47 ↑	69.32 ↑
2	100 ↑	30	60 ↑	63.63 ↑	80 ↑
3	80	50 ↑	66.6 ↑	65.53 ↑	80 ↑
4	58.33 ↓	13.33 ↓	53.33 ↑	41.66 ↓	44.99
5	60 ↓	20	80 ↑	53.33	60 ↑

**ADAPTAÇÃO A REALIDADE-CONJUNTO COLOR**

CASOS	%F+	%V	%A	%RMI	CON
1	62.50 ↓	13.33 ↓	40.00	38.61 ↓	29.17 ↓
2	80	33.33 ↑	66.66 ↑	59.99 ↑	63.33 ↑
3	80	12.5 ↓	50 ↑	47.5	42.5 ↓
4	63.63 ↓	11.76 ↓	29.41 ↓	34.93 ↓	28.33 ↓
5	0 ↓	0 ↓	100 ↑	33.33 ↓	0 ↓

**CONDIÇÕES AFETIVO-EMOCIONAIS  
E DISPOSIÇÕES CONATIVAS**

CASOS	AF	IMP	CON	LBD
1	1.36	0.50 ↑	48.08	0.37 ↓
2	0.6 ↓	2 ↑	73.55 ↑	0.32 ↓
3	1.33	1 ↑	58.57 ↑	0.27 ↓
4	1.13 ↓	0.54 ↑	35.86 ↓	0.33 ↓
5	0.8 ↓	1 ↑	33.33 ↓	0 ↑

**DISTRIBUIÇÃO DOS FATORES DETERMINANTES**

CASOS.	M m m'	Ps ps ps'	L I'	FC FC C	nc,nc	C'
1	0 0 1(2)	0 1 0	0 (1) 0	0 3 1		1
2	0 1 0	0 1 0	0 0 0	0 0 0		1(1)
3	0 1 0	0 0 0	0 0 0	0 0 2		0
4	0 0 1(2)	2 0 0	(3) 0 (1)	0 2 0	1, 1	1
5	0 0 0	0 0 0	0 0 0	0 0 0		0

**CONTEÚDOS**

CASOS.	A	pA	H	PH	an
1	12	1	0	2	5
2	9	1	1	2	0
3	8	0	0	1	0
4	8	5	2(1)	4	1
5	3	5	0	0	1

## INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA PROVA DE RORSCHACH

Atendo-nos, apenas para os dados mais significativos, desta amostra, podemos observar que os probandos apresentados revelam no protocolo da Prova de Rorschach o que se segue:

-G imediata ↑ nas pranchas monocromáticas. São respostas de apreensão imediata da realidade, tipo reconhecimento. Percepção apenas dos aspectos mais simples da realidade, que se impõem por si mesmos, sem a interferência dos sentimentos mais diferenciados que proporcionariam uma percepção mais apurada dos dados de realidade.

-%A ↑ nas pranchas monocromáticas. Sinal de tensão emocional, frente à situação de exame pericial.

-con ↑ nas pranchas monocromáticas. Tendência elevada em reagir às instigações externas, de forma impulsiva e mobilizada pelos impulsos mais primários e egocêntricos

· -%F+↓ nas pranchas color. Probandos quando mobilizados em suas reações afetivas, têm o julgamento objetivo dos fatos distorcido por uma visão pessoal e valorativa da realidade.

-%V↓ nas pranchas color. Probandos quando mobilizados em suas reações afetivas, revela dificuldade de adesão aos conceitos convencionais

-con » nas color. Evidencia subjetivismo que interfere no julgamento da realidade com escassa capacidade de ação explícita construtiva.

-imp ↑ Prevalência, no agir, de impulsos primários egocêntricos

-I ↓ Escassa mobilização dos recursos subjetivos, revelando falta de flexibilidade no contato com o ambiente.

-M=0. Deficiência de auto-controle e de autonomia Pouca capacidade em apreciar os valores humanos e culturais

Série Luminosidade com poucas respostas, e predomínio de C'. Incapacidade em apreciar os matizes emocionais alheios.

-FC=0,CF>FC, presença de C.: Indício da ausência de controle, sobre uma afetividade impulsiva, que tem como fim a descarga e a satisfação imediata dos desejos, sem consideração para com os outros.

pH>H ou H=0 Profunda incapacidade de empatia com os seres humanos.

## DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Como conclusão, destacamos que os critérios de diagnóstico do transtorno Anti-Social da Personalidade F60.2 da CID10 são predominantemente descritivos, havendo a necessidade de se proceder a estudo clínico minucioso, para diferenciar as diversas condições que podem ser arroladas no item mencionado, em função da ambigüidade dos critérios adotados.

A Prova de Rorschach pode aprofundar a investigação diagnóstica e, especialmente através da correlação com a história clínica possibilitar melhores fundamentos para a apreciação dos Transtornos da Personalidade.

É o que temos observado, tanto através dos estudos mencionados, como de outros autores. Os dinamismos psicológicos da, anteriormente denominada Personalidade Psicopática, evidenciam-se por uma indiferenciação e por uma rudeza global dos dinamismos psicológicos, e não apenas limitados a determinadas condições ou situações. Não ocorre, como verificamos em protocolos de indivíduos psicóticos, uma ruptura dos dinamismos psíquicos, ou nos indivíduos com conflitos emocionais intensos, onde pode-se perceber a estrutura do protocolo alterada, nos índices referentes aos processos emocionais ou ainda em protocolos de deficientes mentais, onde percebemos a pobreza dos dinamismos psíquicos. Caracteriza a amostra, embora modesta neste trabalho, mas que estamos ampliando, o imediatismo de reação dos examinandos, sem a ponderação para com o ambiente externo, comunitário e humanitário.

Entretanto, ainda que todos os casos incluam-se no diagnóstico de Transtorno Anti-Social da Personalidade da CID-10, de acordo com os seus critérios, verificamos que, tanto a análise da dinâmica psíquica, através da Prova de Rorschach e de outros exames subsidiários, como também da investigação anamnésica, confrontando peculiaridades individuais, demonstram grande variedade que, segundo a nossa orientação, permitiria distinguir diversas condições. Dentre estas, segundo Anibal Silveira, diferenciamos transtornos parciais e transtornos globais da personalidade.

No caso dos transtornos parciais, muitas vezes o dinamismo anômalo é intenso e envolve de modo tão acentuado a vida psíquica, que faz com que estas condições aproximem-se do polo psicopático. Isto ocorre com os casos 1, 2 e 4, ainda que devamos destacar certa imprecisão nos estudos clínicos, conduzidos por diferentes profissionais. Por outro lado, devemos ressaltar que muitos transtornos parciais da personalidade não se revestem das mesmas repercussões graves sobre o comportamento e sobre a vida de relação.

Quanto aos casos 3 e 5, há fortes evidências de que se trata de transtornos globais da personalidade, em especial da perversidade do caráter. Tais casos eram denominados, na Psiquiatria clássica, de desalmados, atímicos ou perversos.

Finalizando, salientamos que o assim denominado Transtorno Anti-Social da Personalidade é ainda operacionalizado em bases muito descritivas, com ênfase maior às reações do indivíduo em sociedade, do que quanto a dinamismos psicológicos que procurem correlacionar integração afetiva, sensibilidade afetivo-emocional e capacidade de auto-controle em função de sentimentos diferenciados.

Nossa apresentação tem o intuito de contribuir para com esta discussão, com a expectativa de que, em futuro próximo, o problema dos Transtornos da Personalidade possa ser resolvido em bases mais consistentes.

**INVESTIGACIÓN PSICOLÓGICA EN LAS CIENCIAS SOCIALES. MARIA INÉS FIGUERA DE PUCCI**

**LAS RESPUESTAS DE MOVIMIENTO EN LA TECNICA DE MANCHAS DE TINTA DE HOLTZMAN.**

**DRA. CARLA SACCHI**

**LA FAMILIA DE MONTAÑA DEL NORTE ARGENTINO A TRAVÉS DE LAS TÉCNICAS GRÁFICAS.**

**NORMA CONTINI DE GONZALEZ, MARIA INES FIGUEROA DE PUCCI, SILVINA COHEN IMACH DE PAROLO**

**SUICIDIO: FINAL O PRINCIPIO?**

**MARÍA TERESA HERRERA, DOLORES ORCOYEN, ALICIA MARTHA PASSALACQUA**

**OS TESTES PROJÉTIVOS COMO INSTRUMENTO TERAPÊUTICO NA TERAPIA BREVE DE INDIVIDUAÇÃO.**

**MAURIZIO CANTALE. NARA RUBIA MONTEIRO**

**SÍNDROME DO PÂNICO ISABEL ADRADOS, NILZA DE FIGUEREDO**

**FATORES CULTURAIS E DINÂMICA EMOCIONAL NA AMÉRICA LATINA: CRITÉRIOS NORMATIVOS DAS PROVAS PROJÉTIVAS. ISABEL ADRADOS**

**RORSCHACH Y EPISTEMOLOGIA**

**ETEL SCHVARTZAPEL DE KACERO**

**MULHERES ESPANCADAS (ANÁLISE DOS SEUS PROCESSOS CONATIVOS ATRAVÉS DO RORSCHACH).**

**MARIA HELENA C. DE FIGUEIREDO STEINER.**

**OS TRANSTORNOS DA PERSONALIDADE.**

**RUY B. MENDES FILHO**

**O RORSCHACH COMO SUBSÍDIO DA AVALIAÇÃO DE TRANSTORNOS DA PERSONALIDADE:**

**HILDA C.P. MORANA**